

Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

JAMAIS FALTE ÓLEO SOBRE TUA CABEÇA



*Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico*

*Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – 2004*

“Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça” (Ec 9: 8).

Aos que têm sede e fome da Palavra e que abrigam em seus corações o desejo de ser semeadores no Seu reino e alimentadores de outros filhos de Deus. Aos que deixam a Palavra agir e trazer à existência as coisas que não existem.

Agradeço ao Senhor por ter derramado sobre mim a abundância do Seu Espírito, dando-me perseverança e ousadia para vencer os desafios e fazer Seu manancial fluir do meu interior.

PREFÁCIO

Este livro contém o estudo sobre alguns temas bíblicos de grande interesse para um cristão. Comecei a escrevê-lo em 2004, mas tomou forma em 2007. Assim, ele foi escrito ao longo de vários anos e os textos foram remodelados e acrescidos de novos conhecimentos à medida que o Senhor me dava Sua revelação.

Todo o livro foi uma prova de dedicação, perseverança e ousadia para vencer os desafios de Deus e as ciladas do inimigo. Entretanto, a cada correção e revisão pude ver o mover do Senhor trazendo o aperfeiçoamento, desde a capa até os textos.

Vencendo tantos percalços, minha fé foi engrandecida na certeza de que quando Deus determina algo, nada pode impedir Seu agir e todas as barreiras caem diante dos nossos olhos.

Espero que você possa aproveitar ao máximo esses ensinamentos e que eles sejam portas abertas para novas revelações do Espírito em sua vida.

Está escrito em Rm 8: 37: “Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou”.

Que Deus o abençoe e desperte a cada dia no seu coração o desejo de aprender com Ele e colocar em prática Seus ensinamentos tão valiosos.

Amo você em Jesus.

Tânia Cristina Giachetti.

Notas:

- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [] ou parêntesis (), em *itálico*, foram colocadas por mim, na maior parte das vezes, para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham [não estão em *itálico*].
- A versão evangélica aqui utilizada é a ‘Revista e Atualizada’ de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).
- Email: relacionamentosearaagape@gmail.com

ÍNDICE

A cura do cego de Jericó	7
Os Dez Mandamentos	10
A arca da Aliança do Senhor	20
O significado dos óleos e das essências	28
Neemias	36
A herança da noiva	42
Os sacrifícios do Antigo Testamento	48
Páscoa no AT	52
Menorá (O candelabro de sete lâmpadas)	54
A armadura de Deus	58
Batismo	65
O amor é o dom supremo	74
Estudo bíblico sobre Eclesiastes 9: 8	82
Ministérios na Igreja	86
Dons e frutos espirituais	92
As obras da carne e os frutos do Espírito	104
As festas Judaicas do Antigo Testamento	111
As sete nações Cananitas	118
Epílogo	123

A CURA DO CEGO DE JERICÓ (Mc 10: 46-52; Mt 20: 29-34; Lc 18: 35-43)



Essa é uma das passagens onde Jesus curou um cego de uma maneira diferente da que curou os outros: em Mc 8: 22-26 com saliva nos olhos, e em Jo 9: 1-12 com lama e saliva, mandando lavar-se no tanque de Siloé.

Neste texto, a bíblia fala que o nome do cego era Bartimeu que, em hebraico, quer dizer: filho de Timeu. Timeu significa: altamente considerado, altamente cotado, altamente estimado. A primeira lição é: não herdamos as conquistas particulares espirituais, emocionais ou sociais de ninguém, nem dos nossos pais; cada um tem sua própria 'terra prometida' a conquistar. O pai de Bartimeu poderia ser homem importante pelo seu mérito, pode ter conquistado sua posição diante da sociedade, mas o filho não conseguiu a mesma coisa. Somos espíritos com características diferentes. Por exemplo, o que podemos herdar são certos dons naturais presentes na família, porém, cabe a nós determinar a forma de usá-los. As nossas vitórias pessoais, apenas nós podemos ter. Nossa missão, só nós podemos cumprir; nossa cruz, só nós podemos carregar.

Essa Jericó foi erigida por Herodes, o Grande, e era um lugar rico, especialmente para aqueles que cobravam impostos. Não é a mesma Jericó que foi vencida por Josué ao entrar na Terra Prometida. Em Lucas, a bíblia fala (Lc 18: 35) que ele estava assentado à beira do caminho pedindo esmolas e em Marcos, o descreve como cego mendigo, ou seja, era cego e pobre no meio de uma cidade rica.

A bíblia não fala aqui que ele era cego de nascença, mas presume-se que ficou cego depois, pois no versículo 51 de Marcos ele diz: "Que eu torne a ver". Não se sabe o que o cegou, se uma doença orgânica (física, do próprio corpo) ou um acidente. Entretanto, o fato de estar fisicamente cego naquele momento e, provavelmente, por um bom tempo em sua vida, fez com que desenvolvesse outra visão, a espiritual, já que não tinha as distrações da visão física, e isso o fez reconhecer que Jesus era o Messias, o Filho de Davi, Aquele que tinha capacidade de restaurá-lo totalmente. Quando Deus retira de nós certas distrações materiais e físicas, tem um propósito: desenvolver em nós outro tipo de percepção da vida e que nos levará a reconhecer a necessidade dEle, preparando-nos para o momento de encontro real com Ele. Bartimeu, com certeza, teve tempo de meditar bastante e estava interiormente preparado para esse encontro, tanto é que, sua sede interior de ser tocado por Jesus o ajudou a superar todos os impedimentos da multidão tentando fazê-lo se calar. O interessante é que Jesus não se importou com as vozes exteriores e superficiais da multidão que o seguia até por curiosidade. Ele estava atento às vozes interiores dos aflitos e contritos de coração que, realmente, O desejavam. É estranho pensar que diante do barulho de uma multidão, alguém possa identificar o pedido de uma única voz, porém, Jesus parou porque ouviu Bartimeu e disse: "Chamai-o". Quando Ele o chamou, provavelmente a multidão se calou para ver o que aconteceria. Muitas vozes podem falar no nosso interior ou ao redor de nós, tentando impedir o chamado do Senhor, mas quando o clamor do nosso coração é sincero, Jesus vem ao nosso encontro. Quando Ele confirma o chamado, as vozes se calam e aí Ele fala.

A bíblia diz em Marcos 10: 49: “Tem bom ânimo; levanta-te, ele te chama”. Em grego, a expressão ‘tem bom ânimo’ significa ‘tem coragem’. Primeiro, nós reconhecemos nossas fraquezas, nossa miséria espiritual e nossa necessidade de Deus. Depois, reconhecemos que a solução é Jesus. Então, gritamos por Sua ajuda e nos dispomos a buscá-lo, mesmo que tudo ao redor diga não. E quando chega o momento, descobrimos que precisamos ter coragem. Coragem para quê? Para fazer o que o cego fez: saiu da oração e do clamor e passou à ação. Mesmo não enxergando claramente para onde ia e dependendo dos outros para conduzi-lo a Jesus, ele realizou um movimento interior; levantou-se, ou seja, ele deixou de se ver como um coitado, impotente, para tomar posse da bênção. Ele também ficou de pé, assumiu sua posição de autoridade e dignidade diante daquela situação e diante das pessoas e se dispôs a ser ajudado e abençoado. Lançou de si a capa, o que significa que abriu mão do rótulo e do estigma, pois os cegos eram, naquele tempo, reconhecidos pela capa que usavam. Abriu mão da timidez, da situação em que se escondia e das limitações interiores. Talvez, muitos anos de humilhação e derrota o tenham deixado medroso, sem coragem de se arriscar novamente; ou tenham tirado dele a esperança de ser alguém honrado de novo, capaz de dirigir sua vida ou de ganhar seu sustento; ou tenham, apenas, servido para prová-lo e fortalecê-lo na fé de que o Messias esperado poderia vir um dia e tocar nele. Se ele viu em Jesus o Messias, o Filho de Davi, era de se supor que conhecia as Escrituras e cria nelas. Embora sua alma estivesse desesperançada com a aparente impossibilidade de cura, seu espírito, com certeza, mantinha acesa a chama da fé. Essa fé proporcionou a ele a noção correta do momento de tomar posse da bênção e seu espírito fortalecido deu condições à sua alma para vencer suas próprias limitações e preconceitos e se levantar, harmonizado com a vontade de Deus para ele. A bíblia fala que ele se levantou de um salto, ou seja, rapidamente; ele estava decidido, queria esse encontro e foi ter com Jesus.

O interessante é que Jesus poderia ter facilitado as coisas para o cego indo até ele, mas parou a certa distância para que o cego viesse. Era mais uma prova para ver sua fé e se seu desejo era realmente grande de ser tocado por Ele. Podemos imaginar que Jesus também o beneficiou com essa atitude, honrando-o diante das pessoas que antes o humilharam, isto é, usou aqueles que tentaram impedir a bênção para ajudá-lo a conquistá-la. Ele os mandou chamá-lo, fazendo-o se sentir especial e importante, individualizando-o diante da multidão. Jesus nos trata individualmente, mostrando que, mesmo que exista uma multidão ao nosso lado, Ele nos reconhece pessoalmente e nos chama, trata particularmente do nosso problema, quando nos dispomos realmente a buscá-lo e quando desejamos superar todas as barreiras para conseguir nossa promessa.

O próximo passo de Jesus foi espantoso. Ele perguntou: “Que queres que eu te faça?” Nós podemos pensar que se trata de uma pergunta desnecessária, já que é lógico que um cego peça a cura para sua cegueira, mas Jesus sabia o que fazia. Ele queria ver se Bartimeu tinha noção do que era realmente prioritário em sua vida, se seu pedido estava em conformidade com o desejo do coração de Deus para ele. Ele poderia pedir muitas coisas para Jesus: para ter reconstrução familiar, para ter sua casa própria ou para ter alguém que o acolhesse ou sustentasse financeiramente ou muitos pedidos materiais, todavia, sua necessidade era outra. Ele precisava conhecer verdadeiramente o Messias e experimentar Seu poder sobre si; precisava ver as coisas e sua própria vida de outra forma. Por isso ele pediu para recuperar a visão. A expressão ‘que eu torne a ver’, em grego, significa: ‘que eu recupere a visão, que eu receba a capacidade de dirigir ou reconsiderar, que eu saiba ver com os olhos da mente’. Talvez, ele pudesse reconhecer Jesus como seu Salvador e Aquele que seria capaz de restaurar sua identidade e auto-estima, mas não tinha ainda a visão de como conseguir ser alguém de valor, capaz de

trabalhar novamente pelo seu sustento e se mostrar às pessoas como uma testemunha viva do poder de Deus. De certa forma, essa história é parecida com a de Jó, que antes conhecia a Deus de ouvir falar, mas depois do seu sofrimento passou a conhecê-LO, porque o via de verdade; experimentou-o por si mesmo. O projeto de Deus para nós é que conheçamos a verdade da Sua palavra e tenhamos abertos os olhos da nossa alma e do nosso espírito para podermos caminhar com dignidade e autoridade. Bartimeu chamou Jesus de Mestre (Rabi), pois sabia que nEle havia a sabedoria para ensiná-lo a fazer todas as coisas e que Ele era o verdadeiro caminho. Então o Senhor lhe disse: “Vai, a tua fé te salvou”. E, imediatamente tornou a ver.

Em Marcos e Lucas, a bíblia relata que Jesus disse para recuperar a vista e, em Mateus, fala que lhe tocou os olhos. O fato de tocar seria, talvez, para confirmar o que estava fazendo, pois o cego era sensível à informação tátil, e para deixar nele uma certeza física de que fora realmente curado, uma marca sensorial em seu cérebro; talvez, para satisfazer sua necessidade de ser tocado por Jesus. Como Deus deixou Jacó coxo de uma perna como uma marca do seu encontro com Ele, Jesus, em várias curas realizadas na bíblia, deixou impressa na memória das pessoas a marca do Seu toque, pois conhece a necessidade de cada um dos Seus filhos.

Você precisa ver com os olhos de Deus?

Peça a Ele e tenha seus olhos abertos hoje, em nome de Jesus. Receba a sua vitória.

OS DEZ MANDAMENTOS (Êx 20: 1-17)



No terceiro mês da saída dos filhos de Israel do Egito, no primeiro dia desse mês, chegaram ao deserto do Sinai (Êx 19: 1). Eles acamparam ali e Deus deu ordem a Moisés para purificar o povo, pois no terceiro dia desceria sobre o monte. Ele queria se mostrar aos Seus filhos. O Senhor veio com poder no terceiro dia, conforme havia combinado, mas deixou bem claro que ao redor do monte havia limites que não poderiam ser ultrapassados nem pelo povo, nem pelos sacerdotes, apenas por Moisés e Arão. O Senhor estava começando a instruir o povo e mostrar a ele que havia uma diferença entre o santo e o profano; não se podia chegar a Deus de qualquer jeito, era necessária uma preparação. Também deixou bem claro, ao permitir que Moisés e Arão subissem ao monte, que havia uma liderança sobre eles que devia ser respeitada. Assim, Moisés subiu ao Monte Sinai e ali ficou na presença de Deus por quarenta dias e quarenta noites (Dt 9: 9). Nesse período não recebeu apenas os dez mandamentos (Êx 20: 1-17; Êx 31: 18; Êx 32: 15; Êx 34: 28), mas todas as leis que o povo de Israel deveria obedecer acerca de qualquer assunto (Êx 24: 1-4). Ao apresentar os Dez Mandamentos a Moisés, o Senhor os apresentou em ordem, ou seja, os quatro primeiros dizem respeito ao relacionamento do homem com Deus; os outros seis ao relacionamento do homem com seu semelhante. Antes que o homem possa ter um relacionamento correto com seu próximo, tem que acertar as coisas com o Criador.

Vamos, então, falar sobre eles, um de cada vez (Êx 20: 1-17).

1º) “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim”.

Deus deixou bem claro aqui que Ele é que tinha tirado o povo das mãos de Faraó, mostrando o Seu poder acima de todos os deuses do Egito. Por isso, estava expressando Sua vontade de querer ser adorado incondicionalmente acima de qualquer outro deus. Nós, como cristãos, não mais adoramos outras entidades espirituais. Entretanto, podemos manter arraigadas dentro de nós outras idolatrias que assumimos e admitimos serem apenas hábitos, fraquezas de caráter, costumes familiares ou gostos pessoais, mas, na verdade, são comportamentos mundanos da humanidade em geral, deuses que precisam ser destronados para podermos caminhar na liberdade do Espírito Santo. Tudo aquilo que nos prende e não nos deixa seguir a vontade de Deus é um ídolo. Até certos hábitos como novelas, sexo, revistas, excesso de cuidado com a casa, com o carro ou com os familiares, cuidado excessivo com o trabalho (profissão), com a aparência e com o vestuário, vaidade de estar sempre bem informado a respeito de tudo o que acontece para ter o que conversar com as pessoas, estar sempre aparentando equilíbrio e bem-estar para dizer que não há nada de errado conosco, ser sempre bem sucedido na profissão e até no ministério só para dizer que somos capazes de tudo são exemplos de idolatrias que podem estar na nossa vida de maneira clara ou camuflada, porém, se colocam no lugar de Deus e nos impedem de estar 100% na Sua presença.

Assim, os cinco principais ídolos que a maioria das pessoas está colocando antes de Deus são: **dinheiro, prazer, poder, fama e conhecimento**. E por trás desses ídolos, como um instigador e como um agente de Satanás que estimula e fomenta todos eles,

estão a tecnologia desenfreada, as redes sociais e o marketing digital, a febre do momento que contamina terrivelmente a vida das pessoas e afronta o próprio Deus, no sentido de estimular Seu próprio povo a usar de maneira indevida esses recursos para pregar Sua palavra. A fama, a ansiedade e a pressão por vendas e o poder da inteligência artificial estão sutilmente roubando a fé e o raciocínio das pessoas, como uma estratégia suja desse sistema mundial anticristão. Mensagens curtas das redes sociais, escritas ou em vídeo, não preenchem o vazio nem edificam a alma, e ainda trazem junto o espírito de consumismo e competição, a comparação e uma falsa aparência de sucesso; conseqüentemente, destruindo a auto-estima e a personalidade dos mais jovens e mais fracos na fé.

O que se vê é a fofoca da vida alheia, ao invés do auto crescimento e do auto desenvolvimento espiritual. E a pressão do marketing digital, da informatização alucinada e do dinheiro se torna insuportável, forçando o ser humano até a corromper seus valores morais. Quem tem comunhão com o Espírito Santo consegue perceber isso.

O primeiro deus de que vamos falar é o **dinheiro**. A pessoa pode ser rica ou pobre, desejar a riqueza ou até se contentar com o que tem, porém, muitas vezes o espírito de miséria ou avareza que a domina tira sua alma da necessidade de buscar a Deus de maneira mais profunda. Isso a faz agir de maneira possessiva ou ciumenta com aquilo que é dela e não deixa as verdades espirituais acerca da prosperidade de Deus penetrar no seu coração. Ela dá externamente, até para mostrar aos outros, mas, internamente, seu coração continua avarento e mesquinho. Ela começa a medir as pessoas que estão ao seu redor pelo lucro ou prejuízo que podem lhe dar. Faz cálculos aritméticos em todas as situações e deixa de crer na provisão inesperada de Deus. Não consegue emprestar nada do que é seu por ciúme daquilo estar sendo usado e gasto. Vive debaixo de ansiedade e sofre por antecipação se houver a possibilidade de surgir uma despesa extra. Vai à igreja e dá o dízimo por obrigação, quando dá, pois fica imaginando o que o pastor vai fazer com o dinheiro dela. É incapaz de semear na obra de Deus usando qualquer filho Seu, porque “ele não faz nada mais do que a obrigação!” Priva-se de momentos de alegria e comunhão na companhia de quem quer que seja porque vai gastar dinheiro. Guarda em casa coisas quebradas ou que não usa mais. Vive na miséria a vida inteira para economizar para a velhice ou para a descendência (não há nada de errado nisso, pensar na velhice ou nos filhos, a menos que isso se torne doentio). Neste tópico, não entra apenas a miséria ou a avareza, mas também a ganância e a avidez de ter mais e mais dinheiro, para comprar e consumir o que a pessoa nem precisa. E o que estimula e sustenta isso é a doença maligna da propaganda e da estratégia agressiva de marketing, que invade os limites, até onde não tem direito de entrar. Esses e outros exemplos podem ser encontrados quando o dinheiro passa a ser um Deus.

Outro ídolo é o **prazer**, que muitas vezes impede a pessoa de procurar a presença do Senhor porque ‘dá trabalho’, ‘vai levar muito tempo’, ‘exige sacrifício, disciplina e entrega’ ou porque ‘dói.’ A pessoa vive pelas coisas que lhe agradam e só faz o que gosta e o que quer e, é claro, nada do que faz tem afinidade com as coisas de Deus, só com as do mundo. É o caso daquela pessoa que não tem compromisso com nada nem com ninguém que possa solicitar cuidados ou uma parcela do seu tempo porque isso acarretaria certo fardo e para ela a vida é sempre ‘light’, gostosa e prazerosa, sem problema algum. É capaz de se ligar emocionalmente a quem não presta ou que não é da vontade de Deus porque dá prazer estar com essa pessoa, mesmo que ela roube o seu tempo de oração ou de comunhão com Ele.

O terceiro tipo de deus que precisa ser destronado é o **poder**, que transforma a pessoa que o detém num verdadeiro ditador ou manipulador, se aquele não estiver nas mãos de Deus. Ela passa a usá-lo para corromper, abusar e desencaminhar a vida de

outras pessoas e até a dela própria. Não sabe colocá-lo nem exercê-lo em amor para o bem do próximo. A palavra de Deus diz que Jesus veio para destruir as obras do diabo (1 Jo 3: 8) e Ele usou o poder que o Pai lhe concedeu para realizar isso. Na bíblia, a palavra ‘poder’ tem três significados em grego: em primeiro e segundo lugar, **exsousia** (autoridade, ἐξουσία – Strong #1849: poder, autoridade, jurisdição, direito, força, privilégio, ou seja, liberdade – Jo 1: 12) e **dunamis** (ou dunamei – δυναμι – Strong #g1411; poder para realizar milagres – Lc 24: 49) e isso nos é concedido pelo Espírito Santo. Entretanto, existe uma condição primordial para que isso seja exercido, que é o amor, como está escrito em 1 Co 13: 1-13. Sem o amor de Deus, não conseguimos exercer Seu poder na terra para o bem do Seu povo. O poder do mundo corrompe, mas o poder de Deus nos dá capacidade para realizar aqui tudo o que Ele realizou. Não adianta pedirmos poder a Deus, sem antes pedir Seu amor (Ágape) e Sua sabedoria para exercer esse poder. O poder que aqui está mencionado é uma força direcionada a um determinado alvo para exercer autoridade divina ou realizar um trabalho específico como cura, libertação, milagres, liberação de potenciais e dons espirituais. Existe uma terceira palavra grega, usada mais raramente (apenas 9 vezes no NT), que é **kratos** (κρατος – Strong #g2904), e que significa: grande vigor, glória, domínio, poder, força, posse geralmente sobre algo físico, material, como uma terra arrendada, herdade (Lc 1: 51; At 19: 20; Cl 1: 11; 1 Tm 6: 16; Hb 2: 14; 1 Pe 4: 11; 1 Pe 5: 11; Jd 1: 25; Ap 1: 6).

O quarto deus que precisa cair é a **fama**. O desejo de ser visto, reconhecido e honrado é inato no ser humano e até é bom para manter sua auto-estima, mas quando esse desejo passa a ser desmedido ou egocêntrico, ocupando ou tirando o lugar dos outros, deve ser reavaliado e tratado. O trabalho para Deus é geralmente feito em paz, de maneira mansa, humilde e silenciosa, sem alarde, sem competição e sem a fama que o mundo impõe sobre nós, sem a sua ajuda para manifestar nossa adoração. Não precisamos fazer o trabalho do Senhor debaixo de luzes ou holofotes, entretanto, quando Sua luz começa a brilhar em nós, é claro que seremos vistos. Por isso, devemos pedir sempre a humildade e a sabedoria divina para lidar com o que Ele nos dá para que a glória seja apenas dEle e não nossa, porém, jamais devemos deixar de mostrar nossa autoridade e nossa identidade de filhos e servos do Altíssimo. Foi o Senhor mesmo que disse que nos colocaria por cabeça, não por cauda. Podemos ver nos evangelhos que Jesus, principalmente no início do Seu ministério, procurava não ser visto e até pedia para aqueles que Ele curava para não dizerem nada a ninguém, pois ainda não era chegada Sua hora de aparecer publicamente e chamar a atenção das autoridades judaicas ou romanas. Porém, no decorrer do Seu ministério, podemos ver que Sua fama correu pelas cidades porque a luz que havia nEle era visível. Foi Ele mesmo que nos disse que nós somos a luz do mundo e que as nossas boas obras precisam ser vistas para que os outros glorifiquem o Pai que está no céu. Precisamos ter em mente que os impossíveis que realizamos vêm dEle apenas, não de nós. Nós até podemos ter vontade de curar as pessoas ou ressuscitar mortos, mas nada em nós tem poder para isso. Só quando Ele se manifesta com unção sobre nossa vida é que podemos realizar essas coisas. Por isso, a fama que o cristão deve buscar é a fama para o reino de Deus. Como dizia João Batista: “Convém que eu diminua para que Ele cresça”.

O último deus a ser derrotado é o **conhecimento**. Não adianta nada termos conhecimento em todos os assuntos, se isso for apenas para alimentar nosso ego e nossa vaidade ou para humilhar as pessoas. Nenhum conhecimento que o Senhor nos dá é para nada ou por objetivos egoístas. Pelo contrário, os conhecimentos que o Senhor nos dá são ‘talentos’ a serem multiplicados para ajudar os irmãos e fazê-los felizes e conscientes da capacidade divina que já está colocada dentro deles. Os conhecimentos que Ele nos dá são para ajudarmos os outros a tomar posse do reino de Deus e de suas

bênçãos. Tudo o que o Senhor nos dá gera responsabilidade, portanto, não devemos buscar o conhecimento para estarmos acima de ninguém ou para competir, e sim para darmos a Ele, multiplicado, aquilo que Ele colocou em nossas mãos. Como tudo o que Ele nos dá, devemos colocar também o conhecimento em Suas mãos para que Ele mesmo nos ajude a usá-lo com discernimento e sabedoria. Devemos pedir que Ele só nos dê aquilo que possamos suportar e administrar, senão nos desviaremos por um caminho de morte (Pv 30: 7-9: “Duas coisas te peço; não mas negues, antes que eu morra: afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dêes nem a pobreza nem a riqueza; dá-me o pão que me for necessário; para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: Quem é o Senhor? Ou que, empobrecido, venha a furtar e profane o nome de Deus”). Todo o conhecimento que temos, nossos diplomas e méritos profissionais foram permitidos por Ele; não foi pela nossa própria força que os conquistamos. Ele nos permitiu tê-los. E aqui eu falo de novo nessa estratégia maligna e sutil de Satanás usando a mídia, em especial a internet com suas redes sociais e marketing, onde o conhecimento mundano, tecnológico e empresarial, se tornou imprescindível para se ter sucesso, para se alcançar a fama e fazer as pessoas sentirem novos prazeres.

2º) **“Não farás para ti imagens de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso [אנן = qanna = ciúmes – Strong #7067], que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos”.** Quando a bíblia diz Deus zeloso, quer dizer ciumento. Em Tg 4: 5 está escrito: “Ou supondes que em vão afirma a Escritura: É com ciúmes que por nós anseia o Espírito, que ele faz habitar em nós?” Deus tem ciúme de nós, por isso não gosta quando dividimos nossa atenção com outros deuses. Como os pagãos tinham uma facilidade muito grande de ver deuses em todas as coisas, até na natureza, como animais, conchas, corais, cristais, plantas, rochas, sol, lua e estrelas, Ele advertiu o povo de Israel a não seguir esses costumes para não deturparem a visão correta dEle. O ser humano tem necessidade de visualizar uma fruta para saber a diferença entre ela e uma pedra, por exemplo, pois uma nós podemos comer, a outra não. Deus sabia dessa necessidade, por isso se mostrou ao povo na forma de coluna de fogo ou na nuvem que o seguia pelo deserto. Quando desceu sobre o Sinai, Ele se mostrou através de relâmpagos, trovões e fogo (Êx 19: 18-19). Quando Elias se refugiou na caverna, Deus se mostrou a ele como um cicio suave. Quando Jesus veio a terra, Deus se mostrou na forma humana para que fosse reconhecido, mas mesmo com esses simbolismos ou através do próprio Jesus feito homem, Ele não quer que O transformemos em um simples pedaço de pedra, madeira ou pintura para que entremos em contato com Ele. A bíblia fala que Deus é espírito (Jo 4: 24; 2 Co 3: 17), portanto, a presença do Seu Espírito em nós nos faz conhecer Sua imagem e reconhecê-LO em qualquer situação e em qualquer lugar. Mesmo a imagem mental que fazemos dEle não é a correta porque somos limitados demais para compreendê-LO e imaginarmos Sua forma. O próprio Moisés, com quem Ele falava face a face, boca a boca, só viu a glória de Deus pelas costas (“Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá” – Êx 33: 22-23). Muitas vezes, quando estamos em espírito diante do trono, podemos perceber Sua luz ou até Seus olhos de amor sobre nós, entretanto, não chegamos nem perto do que Ele é. O importante é sentirmos a Sua presença em oração, louvor e adoração e no contato constante com a Sua palavra, pois Jesus é a Palavra. Viver Sua palavra em nós é vê-LO corretamente. Tenho certeza que quando necessitarmos verdadeiramente ser tocados e

ter uma visão de Deus por algum motivo divino, Ele mesmo nos dará para que possamos aumentar nossa fé. O apóstolo João, no Apocalipse, nos mostra Jesus [Ap 1: 12-17; Ap 10: 1-3 (o “anjo forte” que ele descreve é o próprio Jesus); Ap 19: 11-16] e O descreve da maneira que ele conseguiu descrevê-lo. Para João, como um ser humano, faltavam-lhe palavras e comparações que se pudesse fazer a Deus. Portanto, as palavras-chave para resumir este mandamento são: **ter a visão correta de Deus.**

3º) “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão”. Esse mandamento nos diz para **pensar nEle de maneira correta.** Devemos alimentar nossa mente com conceitos elevados acerca de Deus, que nos inspirem e nos levem a reverenciá-lo (Fp 4: 8). O diabo é de origem ímpia, e não devemos encher nossa mente com ele nem com conceitos a seu respeito, pois isso degrada nossa alma. A palavra ‘**profano**’ vem do latim **profanus**; **pro** significa ‘diante, perante’ e **fanum** significa ‘templo’. Um termo profano, portanto, é o que não se usa num templo, o que não deixa de ser uma boa maneira de nortear nossa linguagem. Estou falando isso porque a primeira maneira de profanar o nome de Deus é através da linguagem profana (falando do diabo o tempo todo; também dos palavrões e das palavras torpes, ou seja, obscenas, como Paulo fala nas suas cartas). A segunda maneira de usarmos Seu nome em vão é dizer: — “Só Jesus na minha vida!” ou — “Em nome de Jesus” para qualquer situação natural sem importância espiritual alguma. Seu nome é para ser usado para coisa séria como enfermidades e demônios. A terceira maneira de usar seu nome em vão é não temê-lo, isto é, fazermos brincadeiras usando o Seu nome ou reduzindo-O à nossa pequenez, tratando-O como se Ele fosse nosso igual, sem termos a consciência do Seu poder, da Sua majestade e do Seu senhorio. Não podemos dar ordens a Ele ou desafiá-lo. A quarta maneira é termos uma fé vazia, ‘da boca pra fora’, que não é posta em prática quando necessitamos dela. A bíblia fala que tudo o que não provém da fé é pecado (Rm 14: 23 b). A quinta maneira é falarmos coisas da nossa carne e depois dizer que é profético, que foi Ele que disse. Quando o Senhor fala profeticamente, temos a certeza de que foi Ele que falou (Jr 23: 31-32; Dt 13: 1-5; Dt 18: 21-22). A sexta maneira é nos recusarmos a ter comunhão com Ele ou receber Seu auxílio. Isso quer dizer que quando confiamos em alguém, de verdade, desejamos estar em contato constante com essa pessoa e pedir sua ajuda quando necessitamos. Se dissermos que amamos a Deus e confiamos nEle, mas fazemos as coisas sem consultá-lo ou pedir Sua ajuda, quer dizer que não O achamos bom o bastante para ser nosso amigo e nosso Deus. Sem a oração sincera todos os dias nós não manteremos contato profundo com Ele. A outra maneira de usar seu nome em vão é testá-lo; e testá-lo seria provocá-lo naquilo que Ele pode fazer em nossa vida. Significa não acreditar em Suas promessas ou no Seu poder de cumprir o que prometeu.

4º) “Lembra-te do dia de sábado para santificá-lo. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou”. **Sábado** vem do hebraico, **shabbat**, que significa: ‘*descanso, cessação ou interrupção*’. O Senhor separou um dia da semana para descansarmos das nossas atividades rotineiras, para recondicionarmos nossa alma em contato com Ele. Deus nos concedeu este dia para que tenhamos oportunidade de desfrutar algumas das melhores e mais importantes realidades da vida, e não para que fosse um dia de proibições. Nesse dia de descanso, sem nos preocuparmos em trabalhar para acumular riquezas, podemos entrar em contato não só com Deus para ouvir Sua voz, mas com a família e os amigos dando valor à amizade

verdadeira e aos relacionamentos sadios onde Ele também quer participar. Ou é um dia em que nos separamos do barulho da civilização para estarmos em contato com a natureza onde Deus também pode se manifestar a nós e nos ensinar lições importantes. Por isso, os judeus mantêm a tradição do Shabbat que começa aproximadamente às 18h às 18h30 da sexta-feira e termina às 19h00 às 19h25 do sábado (começa ao pôr-do-sol de sexta-feira e termina ao cair da noite de sábado, quando três estrelas estão visíveis, cerca de 40 minutos após o pôr-do-sol). Na verdade, o exato momento de início e final do Shabbat varia de semana para semana e de lugar para lugar, de acordo com o horário do pôr-do-sol, levando-se em conta também o horário de verão. Nesse período eles se dedicam à família e às coisas do Senhor. Para nós, cristãos, o domingo foi separado como um dia de consagração a Deus. Isso não quer dizer que devemos conversar com Ele só no domingo, mas deve ser um dia especial, quando ouvir Sua voz significa recebermos Sua direção para a nossa nova semana e podermos entregar a Ele os frutos da semana que passou, agradecendo-Lhe por Sua ajuda.

Entretanto, a palavra Shabbat tem um significado mais profundo do que simplesmente um descanso físico. O descanso de Deus no dia de sábado (Shabbat, Êx 23: 12-13; Lv 23: 3) significa desfrutarmos as suas bênçãos espirituais, como está escrito em Hb 3: 11: “Assim jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso” (em referência à desobediência do povo a Deus no deserto, tentando-o por quarenta anos). Para nós cristãos, isso significa que se respeitarmos o nosso sábado, descansando no Senhor das coisas que não podemos resolver com nossas próprias forças, e do trabalho das nossas próprias mãos para ganhar dinheiro e sustento financeiro, Ele vai começar a agir em nosso favor e poderemos receber diretamente dEle as nossas bênçãos. Respeitar o Shabbat nos traz também a prosperidade, pois mostramos que cremos em Deus para nos suprir e para resolvermos o que não podemos nas nossas próprias forças, por isso, em certas situações da nossa vida, podemos viver um tempo de Shabbat, esperando no livramento e no socorro do Senhor. Assim fazendo, estamos nos consagrando verdadeiramente a Ele. Nosso sábado de descanso pode ser qualquer dia da semana que separamos para Deus, não necessariamente o sábado.

O Sábado ou o Domingo se tornam apenas obrigações religiosas para todos aqueles que não têm entendimento do que esse descanso significa. Tanto faz o dia que se consagra ao Senhor; o que importa é a separação para Ele e o descanso nEle, sabendo que essa parada é importante para o ser humano, não só para refazer as suas forças, mas também para fazê-lo entender que, ao invés de prejuízo, ele está tendo um grande amigo trabalhando por ele neste dia. Em outras palavras, o Shabbat não precisa ser necessariamente o sábado ou o domingo, mas qualquer dia da semana que consagramos ao Senhor. Vamos imaginar que a sua profissão exija um trabalho no sábado ou no domingo (por exemplo: você é um médico de Terapia Intensiva ou um cirurgião, um piloto de aeronave comercial, bombeiro ou tenha qualquer ocupação que lida com emergências). Você até gostaria de ter esse dia livre (o sábado ou o domingo) para estar com sua família, com seus amigos ou com seus irmãos na igreja, porém, não dá. O que fazer? Se você teme verdadeiramente o Senhor e entende o significado do Shabbat, escolha um dia da semana que coincida com a sua folga e faça dele um dia de bênção e separação para Deus, pensando nas Suas coisas, ou seja, nas coisas espirituais ao invés das terrenas, que só o preocupam, e descanse nEle. Enquanto você descansa, Ele trabalha por você. Portanto, o Dia do Descanso, não é dia de prejuízo financeiro, prisão espiritual, julgamento ou contenda entre irmãos, mas dia de bênção e consagração a Ele.

Outros versículos sobre o Sábado:

- Lv 19: 30: “Guardareis os meus sábados e reverenciareis o meu santuário. Eu sou o Senhor”.

• Dt 5: 12: 15: “Guarda o dia de sábado, para o santificar, como te ordenou o Senhor, teu Deus... porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o sábado”.

• Ne 13: 17: “Contendi com os nobres de Judá e lhes disse: “Que mal é esse que fazeis, profanando o dia de sábado?”

• Is 56: 2; 4-5: “Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do homem que nisto se firma, que se guarda de profanar o sábado e guarda a sua mão de cometer algum mal... Aos eunucos que guardam os meus sábados, escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança, darei na minha casa e dentro dos meus muros, um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará”.

• Is 58: 13-14: “Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então te deleitarás no Senhor. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do Senhor o disse”.

• Jr 17: 21-22: “Assim diz o Senhor: Guardai-vos por amor da vossa alma, não carregueis cargas no dia de sábado, nem façais obra alguma; antes, santificai o dia de sábado, como ordenei a vossos pais”.

• 2 Cr 36: 21: “para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias, até que a terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da desolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram”. O povo deveria honrar a Deus permitindo que sua terra descansasse a cada sete anos. Esse período sem plantio era considerado sábado de descanso (Lv 25: 2-4; Êx 23: 10-11). Como, porém, deixaram de fazer isso ao longo dos séculos, Deus os condenou e retirou todos os sábados de descanso de uma só vez. A terra ficaria adormecida durante o cativeiro na Babilônia: 70 anos (Lv 26: 34-35; Lv 26: 43; Jr 25: 11; Jr 29: 10; Dn 9: 2).

5º) “Honra teu pai e tua mãe para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá”. ‘**abh** ou **av** (pai – אב, Strong #1) e ‘**ima** (mãe – אִמָּא) ou ‘**ēm** (’ēm, אִמָּא, Strong #517). Dar honra é reconhecer, respeitar, não difamar, não fazer quem é honrado passar vergonha por nossa causa. A palavra **honra** vem do hebraico **kābhōdh** e significa: **dignidade, reputação, honra, renome, orgulho, prestígio, riqueza**. Um filho que segue os caminhos de Deus e faz Sua vontade está honrando seus pais. Isso significa ser decente, não ter do que se envergonhar, servir o Senhor de todo o coração, ser um motivo de orgulho (no sentido de dar prazer, alegria) para Deus, mostrar Sua dignidade, zelar pela Sua reputação. Como fazemos com Ele, devemos fazer com nossos pais terrenos. Esse é o único dos Dez Mandamentos que tem promessa, ou seja, honrar os pais faz com que nossos dias se prolonguem.

Em Ef 6, 1-4 está escrito: “Filhos, obedeci a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. E, vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor”. E em Cl 3: 20-21 Paulo escreve: “Filhos, em tudo obedeci a vossos pais; pois fazê-lo é grato diante do Senhor. Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não fiquem desanimados”.

Infelizmente, aqui ocorrem grandes problemas decorrentes da ação do diabo sobre as famílias, fazendo com que pais ajam em discordância com as leis de Deus, abusando do poder que Ele lhes delegou e oprimindo os filhos, forçando-os à desobediência e depois trazendo sobre eles a culpa. Devemos orar para que Deus intervenha nas

famílias, a começar pelos pais, para que possam estar debaixo dos Seus mandamentos e educar seus filhos baseados neles. Não se deve colocar sobre os filhos o jugo da culpa e da rebeldia quando os pais são os primeiros a serem rebeldes à lei de Deus. Talvez por isso Paulo tenha escrito uma orientação para pais e filhos em seqüência; aos filhos, para obedecer e respeitar seus pais; e aos pais, para não provocar nem irritar seus filhos. Procuremos ser bons filhos e bons pais, andando nos caminhos do Senhor.

6º) “Não matarás”. Aqui o Senhor está falando de todos os tipos de assassinato: do corpo, da alma e do espírito, pois acarreta punição. Algumas referências bíblicas mantêm concordância com esse mandamento: Gn 9: 6; Lv 24: 17; Mt 5: 21; Mt 19: 18; Mc 10: 19; Lc 18: 20; Rm 13: 9; Tg 2: 11. Sobre os suicídios e homicídios não temos nem o que comentar. Vamos falar um pouco sobre outros tipos invisíveis de morte que são tão danosos quanto a morte física, pois acarretam a morte da alma e do espírito de alguém. As pessoas podem não ver ou fingir que não percebem, mas Deus vê e, no devido tempo, fará justiça. Estou falando das palavras e sentimentos ingratos, indiferentes, da negligência, da crueldade no tratar o semelhante, das emoções destrutivas e, com certeza, das maldições de sentença que são capazes de destruir uma vida para sempre se esse processo não for interrompido através da cura divina. Tomemos cuidado com nossas palavras e atitudes, assim como com pessoas que são verdadeiros enviados de Satanás para destruir, matar e roubar, usando suas bocas, sentimentos e atitudes para arrasar o que estamos construindo. Devemos liberar perdão para elas, mas nos afastar completamente para que a destruição não seja pior.

7º) “Não adulterarás”. O adultério é a violação do voto de fidelidade conjugal. Portanto, não é aprovado diante de Deus. Quando isso ocorre, o pecado deve ser limpo através do arrependimento e do perdão e, quando não é mais possível a reconciliação, está liberado da parte de Deus o divórcio (Mt 5: 27-32; Mt 19: 7-9; Dt 24: 1-4). Entretanto, isso traz complicações para as duas partes envolvidas, pois foi deixada uma marca. Em Gn 2: 24 está escrito: “por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. Esse foi o propósito inicial de Deus para o homem, por conseguinte, a separação que decorre desse ato de adultério traz feridas emocionais e espirituais que demoram a ser cicatrizadas. Portanto, a carne deve se submeter ao domínio do Espírito de Deus.

Está escrito em 1 Co 7: 10-11: “Ora, aos casados ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido (se, porém, ela vier a separar-se, que não se case ou que se reconcilie com o seu marido); e que o marido não se aparte de sua mulher”. Aqui, Paulo explica que, se houver a separação do casal, não deve haver casamento com outra pessoa. Se não é possível a reconciliação, é melhor a separação legal através do divórcio. Assim, ou se permanece casado ou se faça o divórcio, mas não o desquite, onde se fica no meio do caminho, e que acaba levando a uniões ilegais como o adultério ou a fornicção (Mt 5: 31-32; Mt 19: 9; Mc 10: 11-12; Lc 16: 18). Em palavras mais claras: se a separação ocorreu por causa de problemas banais, Paulo confirma que é melhor que o casal se reconcilie. Entretanto, se a separação ocorreu por causa de adultério, é aconselhável que a mulher não volte a se casar com seu primeiro marido e o marido não volte a se casar com sua antiga mulher, pois seus corpos foram ‘invadidos’ por estranhos (cf. Dt 24: 1-4).

8º) “Não furtarás”. Em Êx 22: 1-15, a lei estipula restituição de duas a quatro vezes o que foi roubado, conforme o caso. Em Pv 6: 30-31 vemos outro valor de restituição: “Não é certo que se despreza o ladrão, quando furta para saciar-se, tendo fome? Pois este, quando encontrado, pagará sete vezes tanto; entregará todos os bens de sua casa” (o número sete aqui se refere à plenitude, ao número perfeito de Deus). Quando alguém reconhece seu erro e se arrepende verdadeiramente, mudando sua

atitude, a salvação de Deus entra em ação naquela vida. É o caso de Zaqueu (Lc 19: 8-9) que reconheceu o erro e Jesus o resgatou: “Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais. Então, Jesus lhe disse: Hoje, houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão”. Existem também outras formas sutis de roubo que muitas vezes passam incólumes diante dos homens, mas não diante dos olhos de Deus, por exemplo: reter algo que é do próximo; viver acima das suas posses porque a pessoa vive à custa do trabalho de outro (Jr 22: 13); desperdício de tempo ou negligência no trabalho, que é roubar o patrão; inveja, que através de atitudes ou palavras vem roubar a riqueza interior de uma pessoa (a esperança, as forças ou as bênçãos espirituais); trair a confiança num relacionamento; mau humor e frustração descarregados sem motivo sobre alguém para lhe roubar a alegria; palavras negativas que trazem dúvida e destroem projetos; chantagem emocional que faz com que o outro deixe suas necessidades para dar atenção ao chantagista; impostos indevidos, que são desviados para fins ilícitos; reter os dízimos e as ofertas do Senhor (Ml 3: 8-9: “Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, vós, a nação toda”); negar ajuda a alguém ou informação ou dar informação falsa, que faz o outro ‘tropeçar’ e levar mais tempo até chegar ao seu objetivo, quando se tem capacidade e condições para isso: “Não te furtas a fazer o bem a quem de direito, estando na tua mão o poder de fazê-lo” (Pv 3: 27); nutrir um sonho na vida de alguém e não cumprir depois com a promessa; tentar legalizar algo que por si só já é ilegal (‘pirataria’ em qualquer área, forjando licenças que não existem); cobrar a mais por um serviço quando este não é merecedor disso (“Foram também os publicanos para serem batizados e perguntaram-lhe: Mestre, que havemos de fazer? Respondeu-lhes [João Batista]: não cobreis mais do que o estipulado” – Lc 3: 12-13); usar de astúcia, engano ou artimanhas mundanas baseadas na sabedoria e na experiência profissional da carne em qualquer negócio, seja em que profissão for, o que só traz benefício próprio para fins egoístas. Perde-se a confiabilidade dos homens e de Deus, abrindo brechas cada vez maiores para a assolação do diabo. Essas e outras formas sutis de roubo trazem prejuízo para as duas partes: para quem é roubado e para quem rouba.

9º) “**Não dirás falso testemunho contra o teu próximo**”. Uma das coisas que mais assola hoje a vida e as conversas das pessoas é a maledicência. Uma vez, eu li num livro o seguinte pensamento: “Quem tem a mente avançada fala de idéias; quem a tem num nível mediano fala sobre fatos e os de mente mesquinha falam dos outros”. A maledicência alimenta o orgulho, porque quando alguém fala de outrem, ele se sente como se fosse melhor do que essa pessoa. Além disso, a maledicência é alimentada pelo ciúme, pela crítica e pelo julgamento. O pensamento de quem fala dos outros é de que se trata apenas de um assunto inofensivo, mas Jesus diz em Mt 7: 1-2: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também”. Em Cl 3: 8 está escrito: “Agora, porém, despojai-vos, igualmente de tudo isso: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena o vosso falar” e em 1 Co 6: 9-10, a bíblia diz: “Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganéis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem aventos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores entrarão no reino de Deus”. Outra forma de maledicência é ouvir os mexericos sobre a vida de outros sem contestar ou parar a conversa por ali mesmo. De todas as formas, a maledicência distorce os fatos, deforma a imagem da vítima perante os que a conhecem, gera

maldições sobre ela, mas atrai a maldição de volta sobre quem fala, pois falar de amado e ungido de Deus tem uma promessa do próprio Deus: “Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem” (Nm 24: 9 b). Falso testemunho é mentira e o Senhor não aprova a mentira. “Não andarás como mexeriqueiro entre o teu povo; não atentarás contra a vida do teu próximo. Eu sou o Senhor” (Lv 19: 16).

10º) “Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo”. A palavra **cobiça**, em latim (Cupiditia), significa: **grande desejo, avidez**. É o que Paulo fala nas suas epístolas com o nome de **concupiscência da carne**, que pode destruir o que é do outro só com o olhar. Anda de braços dados com a inveja, a mediocridade e a preguiça, pois só quem é medíocre, invejoso e preguiçoso e não consegue correr atrás dos próprios sonhos é que cobiça o que é do outro. Esse mandamento de Deus é um grande desafio que Ele nos propõe para nos levar à realização pessoal. Quando desejamos algo, seja material, emocional ou espiritual, esse desejo deve estar de acordo com a vontade de Deus para nós, pois desejar, almejar, planejar, projetar, conquistar, sonhar, conseguir e alcançar faz parte da natureza humana e são coisas sadias colocadas em nós por Ele mesmo, mas não trazem ansiedade ou descontrole, nem prejudicam a terceiros; porém, quando a avidez, que é a tentação, dá lugar ao roubo, que é o pecado, por exemplo, as coisas saem do controle e a destruição se instala. A avidez já é, na realidade, um pecado, mas pode começar como uma simples tentação, que deve ser tratada por Deus o quanto antes.

O Senhor não nos deu esses mandamentos para serem fardos ou jugos sobre nossa vida, e sim para evitar que caíamos nos laços de morte do diabo. Eles se resumem verdadeiramente em dois. Como foi falado, os quatro primeiros dizem respeito a Deus: **“Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força”** (Dt 6: 5). Os outros seis dizem respeito ao nosso relacionamento com as pessoas: **“... amarás o teu próximo como a ti mesmo”** (Lv 19: 18; Lc 10: 27). Quem ama o próximo, se preocupa com o que é dele como se fosse seu.

Que Deus possa ter misericórdia das nossas vidas, perdoando nossos pecados e falhas e nos capacitando através do Seu Espírito a praticar todas essas palavras. Amém.

A ARCA DA ALIANÇA DO SENHOR



A arca da Aliança ou arca do Concerto (hebr. 'edhuth = Testemunho) tem um significado todo especial para o povo de Israel, como deve ter para todo o cristão que entende seu paralelo com o que aconteceu no Novo Testamento após a vinda de Jesus. A primeira referência à arca da Aliança está em Êxodo 25: 10-16, quando o Senhor dá ordens a Moisés para construir o tabernáculo (Êx 25: 8-9; Hb 8: 5). O tabernáculo (em Hebraico, mishkan, que significa 'moradia') ou 'tenda da congregação' era a tenda usada pelos israelitas como lugar de adoração enquanto viajavam pelo deserto. Na verdade, a tenda onde Moisés se encontrava inicialmente com o Senhor ('a tenda da congregação') foi armada fora do arraial (Êx 33: 7), pois o povo tinha pecado e o Senhor lhe disse que Ele não mais seguiria no meio deles. Então, Moisés armou a tenda fora do acampamento, e ali Deus falava com ele. Todo aquele que buscava ao Senhor saía à tenda da congregação, que estava fora do arraial (Êx 33: 7). Em Êx 29: 42-46, o Senhor disse a Moisés que seria no Tabernáculo (ou tenda da congregação) que Ele desceria para falar com ele e com Seu povo. O tabernáculo era também chamado de 'santuário' (Êx 25: 8) e 'tenda do Testemunho' porque nele estava guardado o Testemunho (as tábuas da Lei): Êx 38: 21; Nm 1: 50; Nm 9: 15; Nm 17: 8. Mais tarde, o tabernáculo passou a ser conhecido como 'A Casa do Senhor' (Dt 23: 18; Js 6: 24). Deus ordenou a Moisés que construísse o tabernáculo para que o povo tivesse um lugar de referência para a adoração e passassem a sentir Sua segurança junto com eles por onde andassem (Êx 25: 8). A tenda da congregação era montada, carregada e cuidada pelos Levitas. No lugar mais interior ficava o recinto conhecido como o Santo dos Santos onde era colocada a arca e onde apenas o sumo sacerdote poderia entrar. Suas dimensões (o santuário propriamente dito, a tenda onde estava a arca da Aliança) eram basicamente cinco metros de largura, quinze de comprimento e cinco de altura (Êx 26: 1-30).

A arca da Aliança era uma caixa construída de madeira de acácia de 2 ½ côvados de comprimento, 1 ½ côvados de largura e 1 ½ côvados de altura (mais ou menos 1,20m x 0,80m x 0,80 m). O côvado usado aqui é o côvado primitivo usado para fins sacros e que corresponde a mais ou menos 51,8 cm (o normal era de 44,4 cm). A arca era coberta de ouro puro e nos quatro cantos dela havia quatro argolas por onde eram passados dois varais de madeira também cobertos de ouro; por esses varais ela era transportada. Dentro da arca, o Senhor ordenou a Moisés que colocasse as tábuas da lei, que simbolizavam o pacto ou aliança que Ele estava fazendo com o Seu povo. Como a arca era sem tampa, o Senhor planejou outra peça chamada de propiciatório, de ouro puro, do tamanho exato da arca para que ela ficasse tampada. Formando uma única peça com o propiciatório, foram colocados dois querubins de ouro puro em cada extremidade; estavam com os rostos voltados um para o outro e suas asas se tocavam no centro. Dali, do meio do propiciatório entre os querubins é que Deus falava com Moisés (Êx 25: 22). Chamava-se propiciatório porque era ali que era derramado o sangue do animal

sacrificado para a propiciação dos pecados (Lv 16: 14-16; 18-19; 30; 33; 34; Hb 9: 25). Em Nm 10: 33-36, existe algo interessante sobre a arca: “Partiram, pois, do monte do Senhor caminho de três dias; a arca da Aliança do Senhor ia adiante deles caminho de três dias, para lhes deparar lugar de descanso. A nuvem do Senhor pairava sobre eles de dia, quando partiam do arraial. Partindo a arca, Moisés dizia: Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam de diante de ti os que te odeiam. E, quando pousava, dizia: Volta, ó Senhor, para os milhares e milhares de Israel”. Aqui podemos ver que a arca ia adiante deles, como Deus diz que vai adiante de nós para nos preparar caminho, afastando de nós nossos inimigos. A arca era levada na frente pelos levitas, isto é, pelos sacerdotes.

Quanto à Arca da Aliança há um detalhe interessante sobre a colocação dos varais, pois muitas imagens que vemos por aí não são fiéis ao relato bíblico. A bíblia diz:

- 1 Rs 8: 6-8: “Puseram os sacerdotes a arca da Aliança do Senhor no seu lugar, no santuário mais interior do templo, no Santo dos Santos, debaixo das asas dos querubins. Pois os querubins estendiam as asas sobre o lugar da arca e, do alto, cobriam a arca e os varais. Os varais sobressaíam tanto, que suas pontas eram vistas do Santo Lugar, defronte do Santo dos Santos, porém de fora não se viam. Ali, estão até ao dia de hoje.”

- 2 Cr 5: 7-10a: “Puseram os sacerdotes a arca da Aliança do Senhor no seu lugar, no santuário mais interior do templo, no Santo dos Santos, debaixo das asas dos querubins. (Pois os querubins estendiam as asas sobre o lugar da arca e, do alto, cobriam a arca e os seus varais. Os varais sobressaíam tanto, que suas pontas eram vistas do Santo Lugar, defronte do Santo dos Santos, porém de fora não se viam. Aí estão os varais até ao dia de hoje). Nada havia na arca senão as duas tábuas que Moisés ali pusera junto a Horebe, quando o Senhor fez aliança com os filhos de Israel, ao saírem do Egito.”



Isso significa que os varais foram colocados ao longo da largura da arca, não ao longo do comprimento, de forma que, quando carregada, os querubins eram vistos lado a lado e não um atrás do outro. A figura acima mostra a colocação correta dos varais.

Por isso, a bíblia diz que eles podiam ser vistos do Santo Lugar, na frente da cortina (véu) que o separava do Santo dos Santos.

Em Hb 9: 4-5a, quando o escritor fala sobre o antigo tabernáculo ele comenta sobre a arca: “ao qual [*ele se referia ao Santo dos Santos*] pertencia um altar de ouro para o incenso e a arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná, a vara de Arão, que floresceu, e as tábuas da aliança; sobre ela, os querubins da glória, que, com sua sombra, cobriam o propiciatório. Dessas coisas, todavia, não falaremos agora, pormenorizadamente”.

E em Êx 16: 33-34 está escrito: “Disse também Moisés a Arão: Toma um vaso, mete nele um gômer cheio de maná e coloca-o diante do Senhor, para guardar-se às vossas gerações. Como o Senhor ordenara a Moisés, assim Arão o colocou diante do Testemunho [NVI, as tábuas da aliança] para o guardar”.

Eu vou tentar explicar o significado de cada uma dessas peças para podermos entender o que ela representa hoje para nós, cristãos. Os querubins são anjos cuja função é revelar o poder, a majestade e a glória de Deus e defender Seu caráter santo. Têm função de vigilância e adoração. Também indicam uma classe de anjos com grande força de conhecimento, sabedoria e iluminação divina e que refletem a beleza do Criador. Por isso, se diz que são conhecedores dos mistérios divinos (‘cheios de olhos’). A arca era de madeira de acácia coberta de ouro. A madeira simboliza algo que é tirado da terra, da matéria, e o ouro, as coisas preciosas. Nós somos essa arca, de material perecível como o pó da terra, mas que fomos revestidos pelo mais precioso de Deus que é o mesmo Espírito que estava em Jesus. Dentro do nosso ser Ele colocou Suas leis (tábuas – cf. 2 Co 3: 2-3), Seu alimento (maná), que é a Sua palavra para nos sustentar, e a Sua unção e autoridade como reis e sacerdotes (vara de Arão que floresceu). Mas para que não fôssemos roubados, para que não ficássemos desprotegidos, ‘sem tampa’, Ele nos deu o propiciatório que é Jesus. O propiciatório era o lugar onde o sacerdote aspergia o sangue do animal que substituíria o homem a ser perdoado. Quando Jesus morreu por nós na cruz do Calvário, Ele nos substituiu, nos propiciou e derramou Seu próprio sangue por nós. Portanto, é Jesus que nos cobre com o Seu sangue. Era ali, no meio dos dois querubins que o Senhor falava com Moisés. Agora podemos falar diretamente com Jesus, pois Ele já está dentro de nós. Seus anjos nos guardam e nos levam para onde Deus determina que nós caminhemos (varais). O propiciatório era de ouro puro, assim como Jesus foi o mais precioso de Deus para nós. Todo o capítulo 9 de Hebreus fala que Jesus veio substituir o sacrifício da antiga aliança no lugar do cordeiro e do sumo sacerdote, e em Hb 10: 12-13 ele fala: “Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés”. Da mesma forma, os inimigos já estão debaixo dos nossos pés.

Em todo o Antigo Testamento, a arca era muito importante para os israelitas, tanto é que nos períodos em que ela não estava com eles (porque tinha sido roubada pelo inimigo), o povo se sentia fraco e abandonado (1 Sm 4: 21-22). Também para o Senhor a arca era muito importante e simbolizava a Sua presença e não permitia que nada que fosse profano tocasse nela. Veja o que está escrito em 1 Sm 5: 10-11. Os filisteus tinham roubado a arca, mas sofreram tanto com a ira de Deus por causa disso que resolveram devolvê-la para que no meio do seu povo não morresse mais ninguém. Mesmo os israelitas não tinham o direito de tocar nela, a menos que fossem sacerdotes; quem tocasse, morria (1 Sm 6: 19, quando o Senhor mata setenta israelitas de Bete-Semes por terem olhado para dentro da arca).

Quando Davi era rei de Israel, a arca se achava em Baalim de Judá e ele decidiu trazê-la de volta para Jerusalém. Só que da primeira vez agiu de maneira errada,

trazendo-a sobre um carro de bois e mais um israelita foi morto pelas mãos de Deus por tocar na arca. Esse homem foi Uzá (2 Sm 6: 1-11 cf. 1 Sm 7: 1; 2 Sm 6: 3). Assim somos nós, como a arca do Senhor; quem não for ungido de Deus não pode tocar em nós. Se o inimigo atentar contra nossa vida, Deus dá cabo dele. Por isso, Ele quer que zelemos pela santidade e pelos dons que Ele nos deu para que não sejamos roubados pelos ‘filisteus’ (demônios). Quando Davi se lembrou qual era a maneira correta de carregar a arca, ele conseguiu trazê-la intacta para Jerusalém (2 Sm 6: 12-19). Ele se lembrou que a arca só poderia ser transportada pelos levitas, por isso, dessa vez, ele a trouxe com louvor e santidade. Assim também é conosco. A arca representa também a glória de Deus em nós, portanto, para trazê-la para a nossa vida não conseguiremos realizar isso na força da nossa alma (‘carro de boi’), nem de qualquer jeito como Uzá fez, mas com santidade e alegria no coração. Quando louvamos o Senhor, Sua glória enche nosso ser.

Quando foi construído o templo de Salomão, a arca deixou de habitar em tendas e passou a habitar definitivamente no Santo dos Santos, no lugar mais interior do templo. Em 1 Rs 8: 1-11, quando ela foi colocada no seu lugar, a glória do Senhor foi tão forte ali que nem Salomão nem os sacerdotes puderam ficar para ministrar. Isso quer dizer que quando nos colocamos no altar do Senhor, no centro do Seu coração, Sua glória nos cobre de tal forma que nada mais é necessário. A palavra bíblica para **glória do Senhor** é **kābhôdh** (hebr.) ou **doxa** (Septuaginta, a versão grega do AT) = peso ou dignidade, e que pode ser entendida como a manifestação do poder de Deus onde é preciso, vitória, proteção, abundância, riqueza, dignidade, reputação. É o equivalente judaico do Espírito Santo. A conhecida palavra Shekinâ, traduzida como ‘resplendor, presença de Deus habitando entre o Seu povo’, não aparece nem no AT nem no NT. Ela deriva do verbo Shākhan (שָׁכַחַן = habitar, ter habitação, fazer morada, permanecer, continuar, tornar morador – Strong #7931), o qual aparece em versículos como Gn 9: 27; Gn 14: 13 e Jr 33: 16. Também aparece em Êx 40: 35: “Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia [Shākhan] sobre ela, e a glória do Senhor [kābhôdh] enchia o tabernáculo”. **Shekiná** (Shekinah, Shekinâ), na verdade, é um conceito cabalístico, místico, que a considera como a face feminina da Presença Divina. Segundo a Cabala, Shekiná é uma energia cósmica poderosíssima que habita no interior do Universo, vivificando-o e sendo a sua alma ou espírito. Os escritores dos Targuns criaram a palavra ‘Shekiná’ para indicar o próprio Deus, removendo o conceito de Deus com forma e sentimentos, o que o judaísmo tradicional pregava e não deixava ser removido. Esse novo ponto de vista, na verdade, trouxe um conceito abstrato de Deus, mais frio e distante (uma simples ‘energia cósmica’, ao invés de um ser com identidade própria).

A palavra **arca** em hebraico significa: ‘cofre, arca, caixa’ e guarda o projeto de Deus. Em Êx 2: 3, a palavra arca (têbhath ou têbhâ) foi traduzida por ‘cesto’, onde foi colocado o bebê Moisés. Ele era o projeto de Deus para Israel. Assim, nós somos a arca e guardamos dentro de nós Seu projeto. Outros consideram a arca de Moisés como uma versão em miniatura da arca de Noé (hebr.: têbhath ou têbhâ), mas apenas com o tamanho suficiente para conter um bebê. Foi feita de junco (gôme’) e calafetada com betume e, pelo fato de ser necessário abri-la (Êx 2: 6) aparentemente à semelhança da arca de Noé, presume-se que era completamente fechada. A palavra usada para **arca da Aliança** é outra: ’ārôn (ou arun – אָרוֹן), que não só significa “cofre, arca, caixa”, como também “armário, gabinete”.

Para completar o entendimento sobre a arca, vamos falar um pouco como o tabernáculo e o templo do Senhor foram planejados. Em Êx 25 e 26, o Senhor dá a Moisés as diretrizes para a construção do tabernáculo e descreve todos os utensílios que

devem fazer parte dele. Para nosso entendimento, o templo era dividido em três partes: O **Átrio Exterior** onde ficava o povo e onde eram feitos os holocaustos e sacrifícios. A parte mais interior, chamada **Lugar Santo**, era onde somente os sacerdotes entravam e ali estava a mesa, os pães e o candelabro (Hb 9: 1-5). O **candelabro** significava a luz, o Espírito de Deus com eles. A **mesa** significava comunhão e intimidade com Deus e os **pães da Presença ou pães da Proposição** (Êx 25: 30; Êx. 35: 13; Êx. 39: 36; Êx. 40: 23), a comida e a provisão divina. O **altar do incenso**, embora colocado defronte da arca para fora do véu, no Lugar Santo, era considerada uma peça do Santo dos Santos. Separando o Lugar Santo do **Santo dos Santos** havia um **véu** espesso, que simbolizava a separação entre o santo e o profano, entre Deus e os homens. No Santo dos Santos havia a **arca da Aliança** e ali só podia entrar o sumo sacerdote uma vez por ano para adorar ao Senhor e lhe oferecer sacrifícios. O sumo sacerdote entrava com vestes especiais de linho fino (Ez 44: 15-19), após ter se lavado com água limpa. Foi o véu que se rasgou quando Jesus morreu na cruz, simbolizando que Sua morte estava rompendo a separação entre nós e Deus. A partir daquele momento, Ele, como sumo sacerdote, estava fazendo o sacrifício definitivo para nos dar livre acesso ao coração do Pai. O templo assim construído tem uma semelhança com o nosso ser e com a nossa vida. O **Átrio Exterior** representa nossos relacionamentos sociais em que muitas pessoas nos vêem, nos cumprimentam, mas conhecem pouco de nós. O **Lugar Santo** é a nossa alma, da qual participam pessoas mais próximas como a família e os amigos que nos conhecem melhor e sabem do que se passa no nosso coração. No **Santo dos Santos**, que corresponde ao nosso espírito, onde estão os mais íntimos dos nossos desejos e nosso verdadeiro **eu**, aí só o Espírito de Deus tem acesso.

Hoje, fica bem claro para nós que somos um templo e uma arca não construídos por mãos humanas; somos nós que carregamos a presença de Deus para onde formos e somos protegidos e guardados pelos anjos para que nada nos cause dano algum. Dentro de nós deve haver o fogo do Espírito queimando constantemente (a chama acesa no altar: Lv 6: 12-13) e o louvor, pois é ele que nos aproxima do trono. O Salmo 22: 3 diz: “Contudo, tu és santo, entronizado entre os louvores de Israel”.

Uma referência profética à arca se encontra em Jr 3: 16-19: “Sucederá que, quando vos multiplicardes e vos tornardes fecundos na terra, então, diz o Senhor, nunca mais se exclamará: A arca da Aliança do Senhor! Ela não lhes virá à mente, não se lembrarão dela nem dela sentirão falta; e **não se fará outra**. Naquele tempo, chamarão a Jerusalém de Trono do Senhor; nela se reunirão todas as nações em nome do Senhor e já não andarão segundo a dureza do seu coração maligno. Naqueles dias, andarão a casa de Judá com a casa de Israel, e virão juntas da terra do Norte para a terra que dei em herança a vossos pais. Mas eu a mim me perguntava: como te porei entre os filhos e te darei a terra desejável, a mais formosa herança das nações? E respondi: Pai me chamarás e de mim não te desviarás”. Quando os babilônios saquearam Jerusalém e destruíram o templo, a Arca foi levada por Nabucodonosor e destruída, por isso nunca mais foi encontrada. Por isso, também, sua ausência no segundo templo foi um fator para torná-lo inferior ao de Salomão.

A trajetória da Arca da Aliança: Foi em Siló que a tenda da congregação foi armada nos primeiros dias depois da conquista da terra prometida (Js 18: 1), e foi esse o principal santuário dos israelitas durante o tempo dos juízes (Jz 18: 31). Pelo tempo de Eli (o sacerdote) e seus filhos, o santuário já se tornara uma estrutura bem estabelecida de adoração centralizada (1 Sm 1: 3; 9; 1 Sm 3: 3). Depois de Siló, a arca da Aliança mudou várias vezes de lugar (Ebenézer: 1 Sm 4: 3; 1 Sm 5: 1; Asdode: 1 Sm 5: 1; 6; Gate: 1 Sm 5: 8; Ecrom: 1 Sm 5: 10; Bete-Semes: 1 Sm 6: 12), pois foi roubada pelos inimigos (filisteus), até ser transferida para Baalim de Judá, também chamada de

E= edifício mencionado em Ez 41: 12

P= portas

C= cozinhas

SS= santuário (Lugar Santo e o Santo dos Santos)

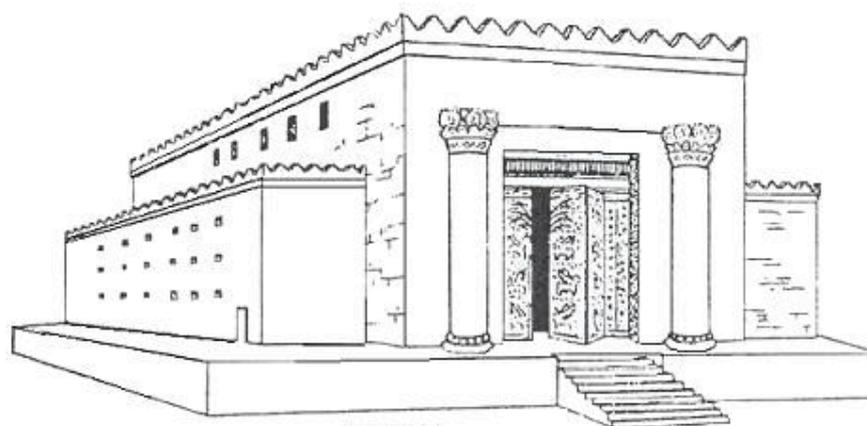
LS= 'área separada' (ARA) ou 'pátio do templo' (NIV – Ez 42: 13)

Câmara dos sacerdotes – 3 andares

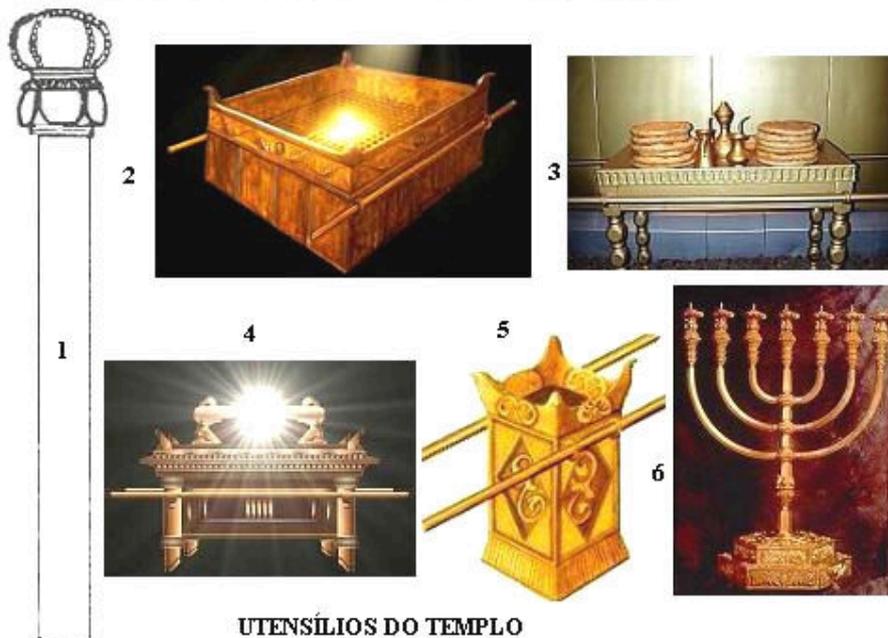
Ez 40: 5; 43: 13: côvado (1 côvado e 4 dedos) = 51,8 cm; cana = 3,11 metros

Agradecemos a Deus por ter nos dado Jesus, que com Seu sangue nos abriu o caminho até o Pai e nos permitiu conhecer livremente, pela graça, os segredos do Seu coração. A Ele a honra, a glória e o louvor pelos séculos dos séculos.





TEMPLO



UTENSÍLIOS DO TEMPLO

Templo de Salomão: (1) Colunas: As colunas eram soltas e não suportavam o teto do pórtico, mas estavam diante dele como parte dos móveis, não do edifício do templo. Os nomes podem ser as primeiras palavras dos oráculos que davam poder à dinastia davídica: “YHWH estabelecerá (*Jaquim – Yakhin – a da direita – sul*) teu trono para sempre” e “na força (*Boaz – be’ôz – a da esquerda – norte*) de YHWH o rei se regozijará” (1 Rs 7: 15-22; 2 Cr 3: 15-17 cf. Jr 52: 21); (2) altar do holocausto; (3) mesa com os pães da proposição (ou da presença); (4) arca da Aliança; (5) altar do incenso; (6) candelabro de sete lâmpadas (Menorá).

O SIGNIFICADO DOS ÓLEOS E DAS ESSÊNCIAS (Cânticos 4: 7-15)



O livro de ‘Cânticos de Salomão’ expressa o desejo do coração humano de se unir a Deus de maneira plena e completa e, é claro, o mesmo desejo do coração de Deus para sua Igreja.

Cobertos com o sangue de Jesus nós somos perfeitos, pois passamos a nos assemelhar a Ele, por isso, ao sermos tratados e sarados pelo Senhor, nossas vestes espirituais e emocionais são limpas e sem defeito: “Tu és toda formosa, querida minha, e em ti não há defeito” (Ct 4: 7). Em Ct 4: 8-10 o esposo nos convida a subir às alturas com ele, aos montes, de onde nossa visão é mais clara e de onde podemos ver a terra que Deus nos dá e que está pronta para a conquista do amor que se manifesta e se declara. A partir do versículo 11, são feitas algumas citações de fragrâncias e especiarias que têm importância para o tipo de atitude que o Senhor espera de Sua noiva, a Igreja. A bíblia usa a palavra ‘especiaria’ ou para se referir aos unguentos, perfumes, óleos e incensos da época.

A unção é como um escudo que nos cobre por inteiro para que o maligno não tenha poder de nos tocar. A palavra ‘**ungido**’ e o ato de ungir com óleo (**Mashach**) referem-se ao costume de ungir com óleo para consagrar e santificar as coisas ou as pessoas: Gn 28: 18; Êx 28: 41; Êx 30: 22-33; Jz 9: 8; 2 Sm 1: 21; 2 Sm 2: 4; 1 Rs 1: 34; 1 Rs 19: 16; 2 Rs 9: 1-3; 11-13; Is 21: 5. A pessoa ou coisa unvida se tornava santa (Êx 30: 22-33; 1 Sm 24: 6; 10). A unção era um ato de Deus (1 Sm 10: 1; Sl 89: 20; At 10: 38). A unção era usada metaforicamente para significar a doação do favor divino (Sl 23: 5; Sl 92: 10) ou a nomeação para uma função especial do propósito de Deus (Sl 105: 15; Is 45: 1). Além disso, a unção simbolizava capacitação para o serviço, e é associada ao derramamento do Espírito de Deus (1 Sm 10: 1; 6; 9; 1 Sm 16: 13; Is 61: 1; Zc 4: 1-14 – a unção de Deus sobre Josué e Zorobabel, o sacerdote e o governador de Judá na época da reconstrução do 2º templo – Ag 2: 21). Esse emprego é levado até o NT. O uso do azeite para ungir os enfermos (Tg 5: 14) é entendido da mesma maneira, como algo que aponta para o Espírito Santo, o doador da vida. No NT nós podemos ver o uso do óleo ou o ato de ungir em relação a cinco situações:

1) simbolizando o Espírito Santo trazendo a capacitação divina sobre a alguém (Lc 4: 18; At 10: 38; 2 Co 1: 21; Hb 1: 9; 1 Jo 2: 20; 27).

2) Como um unguento, usado de forma medicinal para curar feridas (Lc 10: 34 – a parábola do bom Samaritano; Ap 3: 18 – a igreja em Laodicéia).

3) Como um costume de ungir os mortos com perfumes e especiarias (Mc 14: 8 cf. Jo 19: 39-40; Lc 23: 56; Lc 24: 1; Mc 16: 1).

4) Como um sinal de hospitalidade, associado à lavagem dos pés e ao beijo (Lc 7: 46; Jo 11: 2; Jo 12: 3).

5) Para com os enfermos (Mc 6: 13; Tg 5: 14)

O óleo da unção representa o Espírito Santo (Ruach haKodesh) ou o Espírito de Deus (Ruach Elohim). **Mashach** dá origem a **Mashiach** (mâshiyach, em hebraico, ou meshihã, em aramaico), que quer dizer ‘ungido’, como eram os reis, juízes, profetas e

sacerdotes no AT. Também passou a ser usada para Messias, משיח, o Ungido (grego: Cristo, Christòs, Χριστός), o esperado salvador ou libertador de Israel, um homem descendente do rei Davi que irá reconstruir a nação, trazendo a paz. ‘Ungido’ é encontrado no mínimo dezesseis vezes no Antigo Testamento, sendo usadas as palavras mâshiyach ou meshiycho: Lv 4: 3; Lv 4: 5; Lv 4: 16; Lv 6: 15; 1 Sm 2: 10; 1 Sm 24: 6; 10; 2 Sm 1: 21; 2 Sm 22: 51; Sl 2: 2; Sl 18: 50; Is 45: 1; Ez 28: 14; Zc 4: 14; Dn 9: 25-26 – quando um anjo anuncia ao profeta Daniel que o Messias surgiria e seria morto 62 semanas proféticas após a reedificação de Jerusalém, antes da cidade e do templo serem novamente destruídos (o que aconteceu em 70 DC pelos romanos). No Sl 105: 15 e em 1 Cr 16: 22 – “Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas” – a expressão ‘meus ungidos’, em hebraico, é usada como equivalente a ‘meus profetas’. No NT a palavra grega Μεσσίας (Messias) está registrada também apenas duas vezes: em Jo 1: 41 e Jo 4: 25. Christòs é o adjetivo, enquanto o verbo é chriō – ungi. **Ruach** significa ‘espírito’, ‘vento’. **Santo** (Hagios, gr.) significa: sagrado, puro, sem culpa, consagrado, separado, digno de ser honrado, semelhante a Deus, ter a natureza mais íntima de Deus, ser separado e reservado para Deus e para o seu serviço. Por isso, quando estamos realizando alguma libertação ou cura em alguma pessoa, primeiro expulsamos os demônios, depois a unguimos. É interessante que Deus diz: “Sede santos porque eu sou santo”. Assim como Ele é claro, e nos transmite segurança, pois é fiel ao que diz, Ele quer que sejamos assim também para que os outros possam vê-LO em nós.

Ct 4: 11-16:

¹¹ Os teus lábios, noiva minha, destilam mel. Mel e leite se acham debaixo da tua língua, e a fragrância dos teus vestidos é como a do Líbano.

¹² Jardim fechado és tu, minha irmã, noiva minha, manancial recluso, fonte selada.

¹³ Os teus renovos são um pomar de romãs, com frutos excelentes: a hena e o nardo;

¹⁴ o nardo e o açafraão, o cálamo e o cinamomo, com toda a sorte de árvores de incenso, a mirra e o aloés, com todas as principais especiarias.

¹⁵ És fonte dos jardins, poço das águas vivas, torrentes que correm do Líbano!

¹⁶ Levanta-te, vento norte, e vem tu, vento sul; assopra no meu jardim, para que se derramem os seus aromas. Ah! Venha o meu amado para o seu jardim e coma os seus frutos excelentes!

No versículo 11, o esposo diz que: “**mel e leite** se acham debaixo da tua língua, e a fragrância dos teus vestidos é como a do Líbano”. **Mel** fala de cura e de amor, doçura. Isso significa que na nossa língua o Senhor espera palavra de cura e de amor para reerguer o que está ferido e caído. O **leite** fala de alimento, abundância. Da mesma forma, a palavra de Deus na nossa boca deve ser alimento abundante para o faminto. Nossas vestes espirituais devem ter a fragrância dos cedros e das especiarias do Líbano. Ele é famoso por causa de sua coberta de densa floresta. Ao sul das montanhas há cultivo de jardins, bosques de oliveiras, vinhedos e pomares de frutas (amoras, figos, maçãs, damascos, nozes) e pequenos campos de trigo. A vegetação florestal é de murtas, coníferas e enormes cedros, portanto, é símbolo de fertilidade e de tirar gozo e proveito da vida e de uma plantação, tirar proveito dos frutos. A fragrância dos vestidos da noiva apresenta-se ao noivo como o cheiro das matas e das frutas dos pomares. Assim, nossas vestes devem mostrar a alegria, o perfume de Jesus, e a prosperidade de Deus aonde formos.

No versículo 13, o esposo fala que nossos renovos, ou seja, o que brota em nossa vida deve ser como um pomar de romãs. A **romã** é uma fruta muito conhecida e popular no oriente e dela se faz xarope, suco e remédio adstringente. Isso significa que nossas atitudes e nossas palavras devem servir de remédio para os corações doentes.

A **hena** é usada como cosmético para tingir unhas e cabelos, tem os ramos cobertos de espinhos que produzem cachos de flores esbranquiçadas e odoríferas nas extremidades, portanto, nossas palavras e nosso testemunho de vida devem embelezar e perfumar a vida de todos.

O **nardo** (nome científico: *Nardostachys jatamansi*) significa, espiritualmente, a presença de Deus conosco todos os dias e adoração ao Senhor. É uma planta perene da família da valeriana, dotada de raízes ainda mais perfumadas. É nativa do norte da Índia, onde até hoje é usada para perfumar os cabelos. Nos tempos bíblicos, o nardo era importado em receptáculos selados de alabastro, que só eram abertos em ocasiões especiais.

O **açafraão** é terapêutico, além de tingir e colorir alimentos. Como terapêutico é antiespasmódico, ou seja, tira a cólicas e os espasmos. Os egípcios usavam o açafraão para colorir as mortalhas das múmias. Isso significa para nós que a palavra de Deus na nossa boca vem tirar as dores e colorir a vida dos que estão ‘cinzas’ e sem motivo para existir.

O **cálamo** (gr. *Kalamos*, nome científico: *Acorus calamus*) significa: cana, caniço, junco. É uma raiz conhecida como Cana Doce. Só exala perfume quando a raiz é quebrada. Era de cálamo a cesta de Moisés quando foi colocado, ainda bebê, no rio. Representa o preço que Jesus pagou pela nossa redenção, reverência, voltar às raízes, renovação de alianças, humildade, ser dependentes do Senhor como crianças que necessitam crescer e ser ensinadas; também que, de tempos em tempos, precisamos renovar nossa aliança de fidelidade e compromisso com Ele. A unção do cálamo também significa que precisamos ser ‘partidos’ por Deus, trabalhados por Ele no nosso interior para que Sua essência possa ser exalada através de nós. Faz parte do óleo da santa unção dos sacerdotes.

O **cinamomo** é a casca de um tronco que se restaura a cada estação. É a mesma família do louro, da cássia e da canela. Significa: temor de Deus, resgate, restauração das coisas pessoais, não voltar a cometer os mesmos erros do passado. A **canela** é semelhante a um arbusto, oriunda do extremo Oriente. Como ela é macerada (a casca e a sementes) até se tornar pó, é uma figura profética da aceitação de Jesus Cristo em Sua morte e cruz. Representa nossa aproximação com Ele em humildade, despindo-nos da nossa carne, tornando-nos mais como Ele é, assim como também pode significar paz e amor no lar. A **cássia**, junto com o **aloés** e a **mirra**, compõe o óleo da alegria (Sl 45: 7-8). Neste versículo de Ct 4: 14, a bíblia está falando sobre outra planta que não a ‘aloe vera’, uma das 500 espécies de aloés. A palavra hebraica é ‘ahaliym (Strong #174; no feminino, ahalowth, esta palavra sempre usada no plural). É uma palavra de origem estrangeira e significa ‘aloeswood’, i.e., vara, vareta, galhos secos, se referindo à árvore linaloés (pertencente a várias espécies Aquilaria, da família Thymelaceae), que tem uma madeira aromática e é oriunda da China, Índia e Sudeste Asiático. A linaloés (aloeswood ou lign-aloes) é também conhecida como agarwood (‘madeira de Agar’). Trata-se de uma madeira de resina escura, densa e perfumada, usada na fabricação de incenso, perfume e pequenas esculturas. A resina é formada no interior das árvores das espécies Aquilaria infectadas com o fungo ‘Phialophora parasitica’ e é uma madeira muito valorizada na cultura árabe-médio-oriental por sua fragrância. Existem 70 espécies de Aquilaria. O **aloés** deve ter pelo menos trinta anos de idade para produzir óleo e, para ser extraído, o seu tronco precisa ser machucado ou dilacerado. Significa ferir-se, assim como alegria e posição de glória. Portanto, para conquistar a unção de alegria é preciso, primeiro, nos despirmos do ‘eu’ e ‘ser ferido’ pelas mãos do Senhor para remover de nós o que não serve, extraíndo, então, Seu óleo precioso do nosso interior, ou seja, o que temos de melhor.

Cássia significa: potencial, nobreza. A essência de cássia, que também faz parte do óleo da santa unção dos sacerdotes, é preparada com a casca de uma árvore chamada **Cinnamomum cassia**, da mesma família da canela. *Cinnamomum cassia* é uma das espécies do gênero *Cinnamomum*, da família das Lauraceae, uma pequena planta, semelhante a um arbusto e que atinge até dez ou quinze metros de altura. Tem folhas perenes de coloração avermelhada quando jovens, com formato oblongo a lanceolado (formato semelhante a uma lança), um tanto pontiagudo na extremidade e com mais ou menos dez a quinze centímetros de comprimento. A casca é acinzentada externamente, e de cor castanha no interior. Seu odor é semelhante ao da canela que costumamos usar na culinária. As flores são brancas e pequenas. Os frutos são pequenos, carnudos, com cerca de um centímetro de comprimento, de coloração arroxeada quando maduros. No Brasil, há dois nomes distintos para o gênero *Cinnamomum*, ou seja, a canela e a cássia. Mas nos EUA e em certos países, os dois nomes (cássia e canela) são usados sem distinção, ou em alguns países da Europa, ela pode receber múltiplos nomes, confundindo-a com a canela. *Cinnamomum cassia* é conhecida pelos nomes de canela-aromática, canela chinesa, cássia chinesa ou, simplesmente, cássia. A espécie *Cinnamomum cassia* é originária do sudeste da China e da Indochina, mas na atualidade é amplamente cultivada no sudeste da Ásia (Índia, Indonésia, Laos, Malásia, Taiwan, Tailândia e Vietnã). No hebraico antigo (língua dos mercadores semitas), era chamada de qetsiiah (qesī`āh ou qtsiy`ah – קציעה). No grego antigo ela se chamava kasia (κασία). Os mercadores semitas introduziram o produto no Médio Oriente, trazendo-o da China. A cássia para mercadoria é a casca da árvore (Ez 27: 19 fala dessa especiaria como parte do comércio de Tiro, onde está escrito em Hebraico a palavra ‘qiddah’ – Strong #6916, significando, a casca de cássia, como em rolos secos ou enrugados). A especiaria é obtida a partir da remoção da casca da árvore, sendo que a casca interna é raspada, seca e moída. Os botões também são usados como especiaria.

Da casca (que é chamada de **cassia lignea**) era extraída a essência do óleo da santa unção, mencionado em Êx 30: 24 (qiddah – Strong #6916). A cassia lignea também é conhecida por outros nomes como *Cinnamomum cassiae cortex*, *cassiae cortex*. No Sl 45: 8, a palavra ‘cássia’, em hebraico, está escrita como qtsiy`ah – Strong #6916: Cassia (como descascados), em referência à *Cassia lignea*, o córtex da *Cinnamomum cassia*. A palavra ‘cássia’ aparece três vezes no AT (Êx 30: 24; Sl 45: 8; Ez 27: 19), ao contrário da palavra ‘acácia’ (Shittah – Strong #7848), que aparece 28 vezes, na grande maioria delas, relacionada ao Tabernáculo: Êx 25: 5; 10; 13; 23; 28; Êx 26: 15; 26; 32; 37; Êx 27: 1; 6; Êx 30: 1; 5; Êx 35: 7; 24; Êx 36: 20; 31; 36; Êx 37: 1; 4; 10; 15; 25; 28; Êx 38: 1; 6; Dt 10: 3; Is 41: 19.

A **mirra** significa: libertação, cura, purificação, mudança de vida, assim como também era usada pela realeza para ungir as vestes de casamento. Foi usada para preparar Ester por seis meses, após os quais vieram mais seis meses com outros unguentos e perfumarias para levá-la ao rei Assuero (Et 2: 12-13). A mirra é um arbusto que cresce nas regiões desérticas, especialmente na África (nativa da Somália e partes orientais da Etiópia) e no Oriente Médio. É também o nome dado à resina oleosa de coloração marrom-avermelhada obtida da seiva seca dessa árvore (*Commiphora myrrha* ou *Balsamodendron myrrha*). A palavra origina-se do hebraico, *maror* ou *murr*, que significa *amargo*, por isso ela, muitas vezes, é usada na bíblia como sinônimo de fel. Tem poder de anestésiar e tirar as dores, por isso foi oferecida a Jesus na cruz (Mt 27: 34 – ‘vinho com fel’; Mc 15: 23 – ‘vinho com mirra’). Em Pv 31: 6-7 está escrito: “Dai bebida forte (*shekhār*) aos que perecem e vinho aos amargurados de espírito; para que bebam, e se esqueçam da sua pobreza, e de suas fadigas não se lembrem mais”. A bebida forte (*shekhār*) a que se refere aqui era o vinho de alto teor alcoólico misturado

com a mirra dado pelas mulheres judias aos condenados à cruz, para que pudessem suportar a punição e o sofrimento. Esse texto sobre os conselhos da mãe do rei Lemuel, e que no v.4 fala sobre o dever de um rei de se abster de vinho e bebidas fortes, pois seria perigoso para sua capacidade de julgar, assim como se aplicaria a qualquer pessoa do povo, pois o uso dessas bebidas seria apenas uma fuga temporária dos problemas da vida, nos versículos 6 e 7 nós podemos ver que seu uso estaria permitido no caso de moribundos (talvez para aliviá-los de uma dor intensa – “aos que perecem”) e para alegrar um pouco a alma dos que estivessem muito deprimidos e desanimados (“aos amargurados de espírito”), para que não se angustiassem tanto com suas aflições. Por isso, não seria de estranhar que essas bebidas fossem misturadas com a mirra para que pudessem suportar a dor da crucificação. No Sl 69: 21, um salmo profético de Davi, está outra referência à mirra: “Por alimento me deram fel (Mt 27: 34; Mc 15: 23) e na minha sede me deram a beber vinagre” (Jo 19: 28-30). A palavra Shekhār (“bebida forte”) aparece 23 vezes no Antigo Testamento e se refere, mais comumente, a outras bebidas fermentadas, talvez feitas de suco de fruta de palmeira, de romã, maçã, ou de tâmara, ou ainda bebida fermentada de cevada. Entretanto, não se exclui o vinho de alto teor alcoólico, proibido aos sacerdotes no AT (Lv 10: 9 – o vinho e a bebida forte) e Nazireus, e usada muitas vezes pelos ímpios para se embriagarem.

A mirra, o cálam, a cássia, o cinamomo e o azeite de oliva (unção e provisão de Deus para um propósito) fazem parte do **óleo da santa unção**, com o qual se ungiu apenas os sacerdotes (Êx 30: 22-33). Isso quer dizer que o Senhor nos ungiu com alegria, amor, nobreza, propósito e humildade, temor e resgate, libertação e cura para que possamos ser bálsamo e suavizar a dores dos aflitos e desesperançados e elevá-los para um novo patamar.

Em Ct 4: 15, o poeta diz: “És fonte dos jardins, poço das águas vivas, torrentes que correm do Líbano!” A Igreja é fonte de vida, portadora da águas renovadoras do Espírito, manancial recluso, fonte selada (v.12), onde não entra impureza, apenas a santidade de Deus, através da qual o Espírito age em nós.

O **Bálsamo** era um produto de Gileade exportado para o Egito (Gn 37: 25; Gn 43: 11) e para Tiro (Ez 27: 17). É conhecido pelas suas propriedades curativas (Jr 46: 11; Jr 8: 22; Jr 51: 8) e freqüentemente usado como cosmético, também empregado para simbolizar livramento de desastres nacionais. Provavelmente, era uma goma ou especiaria aromática, mas o sentido original da palavra não é claro e não pode ser atualmente identificada com qualquer planta em Gileade, a despeito das reivindicações feitas a favor do produto da *zaqqii* (*Balanites aegyptiaca*) e do mastich (Gn 37: 25), produto da *Pistacia lentiscus*, empregada para propósitos curativos. Em sentido geral, o bálsamo é símbolo de cura da alma, de fortalecimento, frescor, alívio, calma, paz e equilíbrio. Gileade era a terra ocupada pela tribo de Gade, Rúben e meia tribo de Manassés (Nm 32: 33-42; Dt 3: 12-13). É uma região montanhosa, coberta de bosques. Ao sul há um platô apropriado à criação do gado e rebanhos de ovelhas e cabras. Provia refúgio para os fugitivos (Jacó e Davi). O significado de Gileade é ‘espinhoso’, talvez por ser região montanhosa, mas é um símbolo da providência divina suprindo com refrigério, cura e alívio, algo que é gerado numa situação ‘espinhosa’. Em outras palavras, junto com a tentação e o sofrimento, Deus dá livramento e bálsamo (1 Co 10: 13).

Como você pôde perceber as essências bíblicas relatadas acima são apenas símbolos físicos da verdadeira unção derramada sobre nós pelo Espírito Santo, à medida que o nosso crescimento espiritual se processa. Em outras palavras, os perfumes não devem ser vistos como um veículo para se conquistar isso ou aquilo, mas um símbolo do que devemos pedir ao Senhor como dons espirituais e do que Ele pode fazer fluir das

nossas mãos quando desejar nos usar para um determinado propósito. A palavra de Deus é a força soberana. A priori, a unção com óleo, como foi descrita no NT parece se restringir ao seu uso na cura dos enfermos e como um símbolo externo da unção que Deus mesmo derramou sobre um filho Seu, separando-o para um ministério. Quando não se tem certeza se o Senhor quer o óleo, é melhor não usar.

Espero que você tenha gostado do tema e recebido a unção do Espírito fazendo-o (a) vitorioso (a) em qualquer situação. Agora, deixe-a fluir livremente.

Ilustrações



Mel



Leite



Cálamo



Cascas de Cálamo



Romã



Tronco da Oliveira



Oliveira



Azeite de oliva



Açafrão (pó)



Açafrão (planta)



Aloés



Casca do tronco do aloés



Cinamomo



Tronco do cinamomo



Canela em pau



Canela



Hena



Hena



Cássia
(Cinnamomum cassia)



Cássia



Cássia
(Cinnamomum cassia)

**Nardo****Mirra (arbusto)****Mirra (resina)**

O bálsamo de Gileade, provavelmente era uma goma ou resina, como o própolis, com propriedades curativas sobre o aparelho digestivo (vermífugo e contra icterícia) e como antibiótico. Ainda não se pode provar a sua relação com as resinas da *Pistácia lenticus* ou da *Balanites Aegyptiaca* (árvores comuns no Oriente Médio com propriedades curativas).

NEEMIAS



Neemias é conhecido como o reconstrutor das muralhas de Jerusalém. O autor do livro de Neemias talvez seja Esdras, que o escreveu juntamente com o livro de Esdras por volta de 430 AC. Na bíblia hebraica original, Esdras e Neemias compõem um só livro. É um livro que fala de restauração de ‘muros’, da personalidade, do equilíbrio emocional, de relacionamentos; enfim, do que já se perdeu na alma. Neemias significa: **Deus conforta** ou **Deus consola**. Através desse livro, Deus nos chama a edificar nossa alma e nossa vida onde os nossos muros foram destruídos.

Os babilônios conquistaram Judá em 586 AC. A Pérsia, por sua vez, conquistou a Babilônia (539 AC) e depois permitiu que os judeus retornassem a Jerusalém. Sob a liderança de Josué e Zorobabel eles haviam reconstruído o templo (520-516 AC). Esdras, o sacerdote, voltou da Babilônia em 458 AC para ministrar no novo templo, mas os muros da cidade permaneciam em ruínas. Em 445 AC os desafios da reconstrução da terra natal lhes haviam baixado o moral, por isso, Neemias veio para edificar os muros de Jerusalém.

Susã era a capital de inverno do Império Persa, localizada cerca de duzentos e quarenta quilômetros ao norte do Golfo Pérsico, onde hoje é a fronteira entre Irã e Iraque. Susã ficava a sudoeste de Bagdá e distava de Jerusalém cerca de mil e seiscentos quilômetros. Foi também cenário da história de Ester. O mês de Quisleu corresponde a novembro-dezembro no calendário cristão.

Neemias era o copeiro do rei Artaxerxes, que corresponde hoje aos serviços secretos que os países mantêm para a proteção do seu presidente, ou seja, ele provava a comida e a bebida servida ao rei. Ele chorou quando soube da notícia sobre os muros destruídos e as portas queimadas, por isso orou e jejuou por quatro meses (o mês de Nisã descrito em Ne 2: 1 corresponde a março / abril no calendário cristão), pediu a direção de Deus e achou graça aos olhos do rei para voltar à sua terra e reconstruir. Da mesma forma, quando o Espírito nos mostra nossa alma e nossa vida destruída, choramos, oramos, pedimos a direção de Deus e nos dispomos a reedificar nossas portas e nossos muros. Quando falamos de muros, estamos falando biblicamente da proteção do nosso espírito e da nossa alma. Portas significam: poder e autoridade, limite ao avanço do inimigo, assim como coluna (que vemos em outros textos bíblicos) significa: uma vida de oração, algo que sustenta e estabiliza a nossa vida. O templo é o nosso espírito, assim como Jerusalém é a nossa alma, a cidade que precisa ser reconstruída. Torre significa: vigilância, lugar de comunhão com Deus, que nos avisa de ataques e estratégias.

Neemias obedeceu a alguns princípios básicos para reconstruir, e é o que vamos estudar com mais detalhes agora, pois são princípios a serem obedecidos para a nossa reconstrução interior:

1º) **Humilhou-se diante de Deus e confessou os seus pecados e os do povo.** Os pecados eram muitos, mas o mais grave de todos era a apatia para com os

mandamentos, ou seja, o povo desobedeceu à palavra do Senhor e caiu na idolatria, motivo pelo qual Deus o entregara nas mãos do inimigo. Podemos ler isso em Ne 1: 5-11. Assim é com nossa vida. Quando olhamos para nossa alma destruída e decidimos reconstruí-la, precisamos inicialmente reconhecer nosso erro, pedir perdão a Deus pelos nossos pecados que deram brechas ao inimigo e pedir e liberar perdão de Deus para as pessoas que participaram dessa destruição de alguma forma.

2º) **Pediu o que necessitava para realizar sua viagem e seu trabalho de reconstrução** com sabedoria e certeza, pois estava instruído por Deus (Ne 2: 5-8). Neemias pediu ao rei persa o que estava necessitando para realizar a obra que tinha adiante de si, pois estava debaixo do seu domínio. Nós, entretanto, não vamos pedir licença ao inimigo. Depois que o Espírito Santo nos faz avaliar nossa situação com clareza, Ele mesmo nos dá sabedoria para entrarmos na presença de Deus e pedirmos a Ele o que necessitamos para executar nosso trabalho. Podemos pedir exatamente o que queremos.

3º) **Declarou a carta do rei aos governadores liberando o trabalho**, ou seja, depois que o rei lhe tinha dado cartas, ele só teve que entregá-las aos governadores das províncias como uma ordem real que não poderia ser revogada (Ne 2: 9). Da mesma forma é conosco. Quando Deus nos autoriza a reconstruir, passamos a profetizar Sua palavra para que ela se cumpra. Ela vai à nossa frente preparando o caminho para que executemos Sua vontade no mundo natural. É claro que ao profetizarmos nossa vitória, o inimigo vai ficar sabendo. Sambalate, o horonita, e Tobias, o amonita, ficaram sabendo e se opuseram. Sambalate poderia ser o governador de Samaria, região imediatamente ao norte de Jerusalém. Alguns pergaminhos encontrados dizem que Sambalate era governador de Samaria em 407 AC, o que nos faz pensar que por volta de 445 ou 443 AC quando Neemias veio para reconstruir os muros de Jerusalém, ele aspirava esse posto de governo, não só sobre Samaria como também sobre a Judéia. Em Ne 2: 10; 19 e Ne 13: 28 ele é chamado de ‘o horonita’, o que provavelmente denota que ele viera de Bete-Horom, cerca de vinte e nove quilômetros a noroeste de Jerusalém, na terra de Efraim, depois, Samaria (cf. Js 10: 10). Tobias, possivelmente, era governador de Amom, região a leste de Jerusalém, do outro lado do rio Jordão, e amigo e parceiro de Sambalate nos negócios. Embora sob jugo persa, esses homens haviam-se tornado poderosos e ricos, exercendo controle sobre Jerusalém e seus habitantes. É provável que não apreciassem a entrada de ninguém em seu território. Sambalate é um nome de origem babilônica, Sin-uballit, isto é, ‘Sîn (o deus-lua) deu vida’. Alguns estudiosos [Lopes, E. S. Os nomes bíblicos e seus significados. 8. Ed. São Paulo. CPAD, 2002] dizem que Sambalate (no hebraico: Sambalá) significa: **ódio disfarçado, força, violência**. Tobias significa: **YHWH é Deus, Deus é bom**. Figuradamente, representa: acomodação, ou seja, faz-nos achar boa a situação em que estamos. Mais adiante no texto, vamos encontrar outro personagem chamado Gesém, o arábio. Gesém significa **chuva** e, bíblicamente falando, chuva é a presença do Espírito em nós, resposta de oração do céu. Gesém nos impede de receber as respostas de Deus e tenta apagar o fogo do Espírito Santo. Esses três personagens simbolizam demônios que são enviados para frustrar o projeto de reconstrução nas nossas vidas. O inimigo envia violência para destruir o que reconstruímos, nos faz sentir acomodados com nossa situação de fracasso, derrota e destruição, nos induzindo a pensar que é melhor deixarmos tudo do jeito que está, e tenta impedir a chegada da resposta de Deus às nossas orações com o objetivo de apagar o fogo do Espírito em nós. Não podemos nos esquecer também da nossa própria carne, cujos pensamentos limitantes também são um impedimento, tentando frustrar os planos de Deus, ou seja, nem tudo é demônio. Nossa imperfeição humana também age.

4º) **Não falou com ninguém antes de inspecionar o estrago** (Ne 2: 11-16). Isso pode ser devido a dois fatores. Com os muros destruídos, Jerusalém era povoada por não-judeus, portanto, sofria intrigas políticas, e espiões poderiam vender informações secretas aos inimigos de Israel. Em segundo lugar, ele não queria que aqueles judeus que já estavam fracos e desanimados desacreditassem nele e no plano de Deus para reconstruírem. Isso significa que depois de avaliarmos nossa situação e decidir reconstruir, precisamos reavaliá-la sozinhos e decidir se vamos ou não pedir ajuda ou se a pediremos para quem está ao nosso lado, ou seja, se os que estão ao nosso lado são pessoas de fé e disposição para nos ajudar ou se são esmorecidas e linguarudas, pois podem ‘nos vender’ para o inimigo.

5º) **Só depois de avaliar a destruição, pediu ajuda dos que queriam edificar com ele** (Ne 2: 17-18). Podemos notar que, ao pedir ajuda, Neemias teve que dar a eles uma palavra de incentivo, força e fé em Deus. Um dos argumentos usados por Neemias e que pesou muito na decisão deles foi a vergonha pela qual estavam passando, pois a Cidade de Davi ainda era um ponto de orgulho para os judeus e, do jeito em que estava, os comprometia como nação diante dos povos ao redor. Assim é conosco. O inimigo destruiu o que para nós deveria ser motivo de orgulho, nos trazendo a vergonha diante das pessoas. Portanto, os que estão ao nosso lado devem ver a glória de Deus sobre esta situação, reconstruindo o que parecia impossível e sem solução. Os fortes e fiéis estarão ao nosso lado.

6º) **Não deu atenção aos que zombavam** (Ne 2: 19-20). Neemias deu uma resposta à altura das zombarias e provocações colocando Deus na frente de tudo, pois o que ele se propunha a fazer parecia impossível aos olhos humanos. Assim, nós devemos colocar Deus à frente do nosso projeto e não dar atenção àqueles que dizem que é muito difícil o que nos propomos a fazer, ou que têm visão carnal das coisas e se conformam com as fraquezas humanas, com as impossibilidades naturais, com as limitações ou com a destruição.

7º) **Colocou mãos à obra** (Ne 3: 1-32). Neemias separou o povo em grupos para reconstruir cada parte dos muros. Segundo parece, as partes norte e oeste do muro precisavam apenas de reparos. O muro leste, porém, deve ter sido completamente refeito. Mas se olharmos o mapa da cidade de Jerusalém do tempo de Neemias (no final do texto) e o compararmos com o tempo da monarquia, nós poderemos notar que o muro oeste foi expandido. **Medida dos muros:** Os muros, com uma base de cerca de dois metros e meio de espessura, foram rudimentarmente construídos com pedras inteiras e com cascalho, explicando porque era alvo de zombarias. Talvez tivesse uma altura de seis a nove metros, com quase três quilômetros e meio de comprimento, numa circunferência de trezentos e sessenta e quatro quilômetros quadrados. O muro foi reconstruído em cinqüenta e dois dias (Ne 6: 15 – Elul, 6º mês, Agosto-Setembro), portanto, deve ter iniciado no mês de Tamuz (4º mês, Junho-Julho). Aqui, eu vejo um paralelo interessante com a nossa vida cristã. O Norte, na bíblia, significa: o trono de Deus, o que norteia nossa vida, Sua palavra e Sua vida plena para nós. O Sul significa: a nossa própria vida, nossa humanidade e imperfeição, em confronto com a majestade e plenitude de Deus. O Ocidente significa: o mundo material, as coisas naturais, o antigo; e o Oriente, o mundo espiritual, as coisas espirituais. Se notarmos o que nos acontece, a maior parte das destruições que ocorrem nas nossas vidas se inicia com a ação de demônios e com nossa fraqueza espiritual, pois nós geralmente nascemos sem noção das realidades espirituais e, muitas vezes, crescemos buscando erradamente a presença de Deus através da idolatria. Isso nos enfraquece, pois nos tira do centro e do alvo da nossa verdadeira adoração que deve ser Jesus. Por isso, nós devemos iniciar nossa reconstrução pela vida espiritual correta diante de Deus e com a visão exata das

realidades espirituais, das armas verdadeiras a serem usadas, só assim teremos vitória. Outra atitude que devemos ter é a que Neemias teve: iniciou logo a obra, não arranjou desculpas para prorrogar a reconstrução; é pôr logo em prática o que Deus já nos falou, sem procrastinação.

8º) **Vigiou e trabalhou ao mesmo tempo** (Ne 4: 1-23), com ânimo, força e perseverança; mesmo debaixo das ameaças, eles não deixaram o trabalho por nada. Como o muro foi reconstruído em cinqüenta e dois dias, provavelmente não o largaram para se preocupar com outros afazeres. Com uma mão seguravam a pá; com a outra, a espada, a lança e o arco (eles trabalhavam em alternância, Ne 4: 16). Isso significa continuar orando, profetizando, mas agindo concretamente. É interessante que Neemias continuou incentivando o povo, lembrando-o do Senhor e de suas famílias, pois esses eram os verdadeiros incentivos para continuar a obra. No versículo 20 ele faz menção do som da trombeta para que o povo se ajudasse mutuamente quando necessário. Isso quer dizer que devemos pedir reforço de oração quando for preciso, para que tenhamos força para continuar o trabalho. No versículo 23 ele faz outra advertência: não largar as vestes, ou seja, não deixarmos a proteção da armadura de Deus (Ef 6: 10-20).

9º) **Não se rendeu ao inimigo nem tirou vantagem dos que o ajudavam** (Ne 5: 1-19). Deus esperava que Seu povo ajudasse os pobres concedendo-lhes empréstimos sem juros. Algumas vezes, os povos antigos sem muitas propriedades para hipotecar eram forçados a usar os membros da família como garantia de empréstimos. Se o empréstimo não fosse saldado, o credor ganhava a pessoa prometida como escravo pelo tempo necessário para saldar a dívida. Esse tipo de escravidão não era necessariamente cruel e esses escravos não eram obrigatoriamente afastados de suas casas, mas tinham de servir aos novos senhores. Por isso, Neemias repreendeu os nobres e magistrados e os fez jurar diante dos sacerdotes que liberariam os empréstimos para sustento do povo, sem que ele tivesse que ser novamente vendido aos povos de outras terras. Neemias os fez restituir as posses a cada um do seu povo sem lhes pedir nada em troca. Ele, do seu próprio dinheiro sustentou os que o ajudavam, por isso deu o exemplo. Isso quer dizer que o líder deve ter temor de Deus e se doar, não tirar vantagem dos fracos nem de sua posição de liderança. Quando reconstruímos, devemos receber a ajuda que cada um pode nos dar, sem pedirmos mais do que cada um tem disponível.

10º) **Pediu discernimento a Deus para não cair nas ciladas do inimigo** e não se deixou distrair por coisas fúteis e sem importância que foram colocadas em seu caminho para que ele largasse a obra (Ne 6: 1-14). Os adversários de Neemias fizeram de tudo para tirá-lo do seu lugar e do seu projeto: chamaram-no para uma conversa, usaram de acusações falsas e até de astúcia para incorrer na ira do Senhor. Ele sabia que não era sacerdote e, portanto, não poderia entrar livremente no templo. Através do discernimento espiritual, percebeu que era cilada e que não fora Deus quem enviara a Semaías, o falso profeta. Da mesma forma conosco, devemos resistir às provocações do inimigo e nos revestir do Espírito Santo para termos discernimento espiritual e não cairmos em ciladas.

11º) **Manteve vigilância para evitar roubo e invasão até que Deus enchesse plenamente o lugar** (Ne 7: 1-14). Devemos manter guardas para evitar roubo e invasão até que Deus nos encha plenamente, ou seja, até que sejamos restituídos. Ele manteve os porteiros, os cantores e os levitas. Devemos, da mesma forma, colocar os anjos do Senhor guardando nossos muros e nossas portas, isto é, mantendo Sua proteção ao nosso redor; continuar cuidando do que construímos (os levitas cuidavam da Casa do Senhor em todos os sentidos) através da nossa oração e da leitura da Palavra e manter o louvor nos nossos lábios para fortalecer nossa alma e nosso espírito. Neemias manteve os cantores, pois os cânticos de louvor mantinham o povo fortalecido.

12º) **Deixou a glória do trabalho para Deus** (Ne 6: 16). Neemias reconheceu que por intervenção de Deus é que completou a obra, portanto, é por Sua ajuda e intervenção que conseguimos reconstruir. A glória é toda dEle, pois se torna evidente para nós que humanamente falando não temos condições de fazer nada do que foi feito.

13º) **Depois de reconstruir, viveu como nova criatura** (Ne 8 e 9). Neemias chamou Esdras, o sacerdote e escriba, para ler ao povo a lei do Senhor e, assim, lembrá-lo dos preceitos divinos que eles tinham esquecido no cativeiro; também para ensinar os que nasceram em terra estranha o que nunca ouviram ou conheceram do verdadeiro Deus e da história de Israel. Ouvindo tudo, choraram e se arrependeram dos seus pecados e do pecado de seus pais e passaram a se alegrar. Da mesma forma é conosco. Depois de reconstruída nossa cidade, devemos perseverar nos mandamentos e nas direções do Senhor, viver como nova criatura, perdoada e curada. A partir de agora, passamos a viver uma vida de alegria, porque a direção de Deus não nos pune, mas nos protege. A Festa dos Tabernáculos servia para lembrar aos habitantes da Terra Prometida o que representava morar no deserto. No cativeiro, porém, os judeus não podiam celebrar a alegria de morar em terra própria. Agora que haviam retornado para casa, podiam comemorar novamente. Para nós, celebrar a Festa dos Tabernáculos significa que devemos nos lembrar com gratidão das maravilhas que Deus fez por nós e de onde Ele nos tirou.

14º) **Consagrou o trabalho ao Senhor e manteve o louvor** (Ne 12: 27-47). Louvar o Senhor é uma forma de manter nossos muros fortes, assim como Neemias manteve os levitas nos seus lugares.

15º) **Deixou de fora a imundícia e manteve dentro somente o que era santo** (Ne 13: 1-3). O espírito do mundo, com idolatria e obras da carne, não entra mais em 'Jerusalém'. Só entra o que é santo e quem tem compromisso com Deus. Israel apartou de si todo elemento misto. Isso significa: aquilo que antes parecia uma maldição, Deus transformou em bênção na nossa vida.

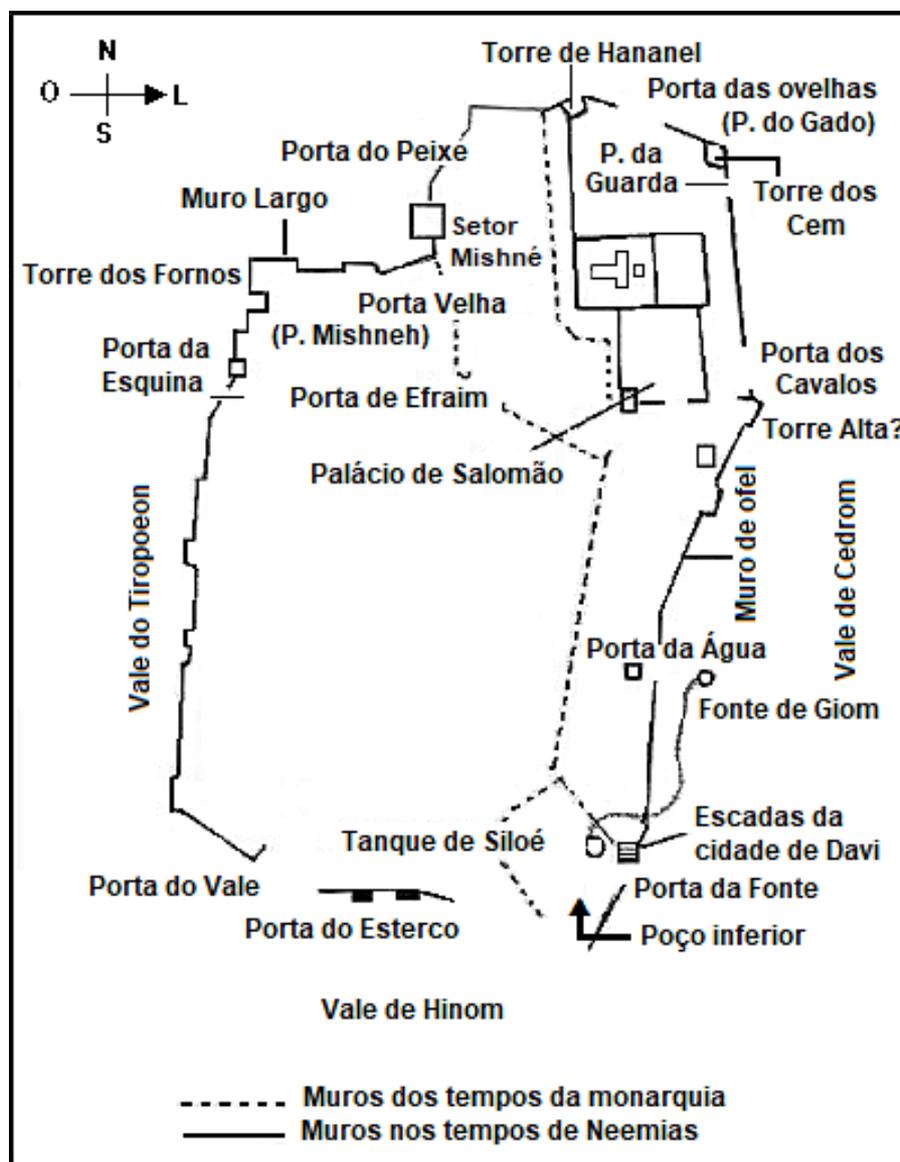
16º) **Não deixou mais o comodismo e a estagnação tomarem conta do seu espírito em relação à obra de Deus** (Ne 13: 4-9). Neemias expulsou Tobias do templo, ou seja, não deixou que nada ficasse escondido no interior da Casa de Deus para depois servir de laço. Da mesma forma conosco, depois que reconstruímos devemos pedir ao Espírito Santo que vistorie o nosso interior para não deixar a acomodação tomar conta de nós. Devemos, sim, descansar para recuperar nossas forças, mas mantendo firme dentro de nós o pensamento de que agora temos uma nova vida e um novo motivo para existir, que é fazer a obra do Senhor e jamais a acomodação pode entrar nesse projeto.

17º) **Não carregou jugo nem fardo, não fez o trabalho de Deus, mas descansou nEle** (Ne 13: 15-22). Neemias restabeleceu a observância do Sábado para que o povo aprendesse a descansar no Senhor naquilo que só Ele pode fazer, e não mais depender das próprias forças para fazer as coisas. Nós, da mesma forma, não servimos mais o inimigo, portanto, nosso trabalho para o Senhor deve ser sem jugo e sem fardo, com alegria e por disposição própria, descansando na direção do Espírito Santo em nós.

18º) **Não fazer acordo com o que é impuro** (Ne 13: 23-31). Neemias condenou o casamento misto, como era da vontade de Deus para o Seu povo, para não acontecer o que tinha acontecido no passado. Deus espera que fuçamos do meio-termo em nossos relacionamentos com pessoas não-crentes (2 Co 6: 14-18), mas deseja que preservemos a integridade espiritual e a santidade, entrando em contato com os 'estrangeiros' com o propósito de conduzi-los ao Salvador. Neemias também pede a Deus que se lembre dele, o que quer dizer, que Ele continue lhe dando atenção e ouvindo-o nas suas orações. 'Lembrar-se', em hebraico, no Antigo Testamento, significa: 'dar atenção'.

Neemias também mencionou o fornecimento de lenha em tempos determinados, ou seja, devemos manter acesa em nós a chama do Espírito.

E você? Deseja reconstruir o que foi destruído em sua vida? Peça força ao Senhor e mãos à obra.



JERUSALÉM NO TEMPO DE NEEMIAS

A HERANÇA DA NOIVA (Ez 16: 1-14)



“Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, fazes conhecer a Jerusalém as suas abominações; e dize: Assim diz o Senhor Deus a Jerusalém: A tua origem e o teu nascimento procedem da terra dos cananeus; teu pai era amorreu, e tua mãe, hetéia. Quanto ao teu nascimento, no dia em que nasceste, não te foi cortado o umbigo, nem foste lavada com água para te limpar, nem esfregada com sal, nem envolta em faixas. Não se apiedou de ti olho algum, para te fazer alguma destas coisas, compadecido de ti; antes, foste lançada em pleno campo, no dia em que nasceste, porque tiveram nojo de ti. Passando eu por junto de ti, vi-te a revolver-te no teu sangue e te disse: ainda que estás no teu sangue, vive; sim, ainda que estás no teu sangue, vive. Eu te fiz multiplicar como o renovo do campo; crescestes, e te engrandeceste, e chegaste a grande formosura; formaram-se os teus seios, e te cresceram os cabelos; no entanto, estavas nua e descoberta. Passando eu por junto de ti, vi-te, e eis que o tempo era tempo de amores; estendi sobre ti as abas do meu manto e cobri a tua nudez; dei-te juramento e entrei em aliança contigo, diz o Senhor Deus; e passaste a ser minha. Então, te lavei com água, e te enxuguei do teu sangue, e te ungi com óleo. Também te vesti de roupas bordadas, e te calcei com couro da melhor qualidade, e te cingi de linho fino, e te cobri de seda. Também te adornei com enfeites e te pus braceletes nas mãos e colar à roda do teu pescoço. Coloquei-te um pendente no nariz, arrecadas (NVI: brincos) nas orelhas e linda coroa na cabeça. Assim, foste ornada de ouro e prata; o teu vestido era de linho fino, de seda e de bordados; nutriste-te de flor de farinha (NVI: da melhor farinha), de mel e azeite; eras formosa em extremo e chegaste a ser rainha. Correu a tua fama entre as nações, por causa da tua formosura, pois era perfeita, por causa da minha glória que eu pusera em ti, diz o Senhor Deus”.

Este texto (Ez 16: 1-63), embora fale das abominações e da infidelidade de Jerusalém, inicia com uma declaração de amor de Deus ao Seu povo, Sua Noiva (v. 1-14). De uma forma figurada o Senhor explica o que fez conosco quando nos separou para Ele através de Jesus.

O Senhor lembra que a nação israelita veio da terra dos cananeus, que foi dada a Abraão (Gn 12: 5), assim como dos demais povos que ali habitavam como os heteus e os amorreus. Os cananeus foram os primeiros moradores da terra prometida antes de Israel chegar. Eles habitavam na região próxima ao Grande Mar (Mar Mediterrâneo) até o Norte, por isso também eram chamados de Siro-Fenícios. Nos tempos do AT, a Fenícia era chamada de Canaã (Hebr.: Kena'an), e seus habitantes, **Cananeus** (Hebr.: Kna'aniy; Strong #3669), que significa 'comerciantes', 'mascates'; e assim como um comerciante zela pelas suas mercadorias para que não sejam roubadas e para que ele não tenha prejuízo financeiro com elas, nós podemos estender seu significado para 'zeloso'. Em grego, a Fenícia é chamada Phoinikē, Φοινίκη, 'terra das palmeiras'. **Heteu** (Hebr.: Chitti; Strong #2850) significa 'descendente de Hete'; e Hete significa 'medo, terror'.

Nós podemos dizer, portanto, que Heteu significa ‘o que não tem medo de mostrar quem é’. **Amorreu** (Hebr.: Emori; Strong #567) é uma palavra derivada de uma raiz primitiva que significa proeminência; conseqüentemente, montanhês, habitante da montanha, alpinista, montanhista; simbolicamente, visionário.

O que o Senhor quer dizer aqui é que aquilo que Ele desejou para Sua Noiva era o que estava na mão do inimigo antes de Ele entregar aquela terra ao povo escolhido. Ao invés de características e bênçãos pertencentes aos ímpios, deveriam ser nossas características. Nós é que deveríamos zelar pela palavra e pelas coisas de Deus, cuidar delas como sementes plantadas dentro de nós; nós é que deveríamos pensar alto como os habitantes das montanhas, como os visionários e não termos medo de mudar de vida e de mostrar quem somos.

Ele fala no versículo 4: “Quanto ao teu nascimento, no dia em que nasceste, não te foi cortado o umbigo,...”, ou seja, ‘sem a devida atenção ao cordão umbilical’, pois a criança que acabou de nascer é susceptível de morrer por causa de uma infecção grave. Para nós isso quer dizer: quando nós nascemos no mundo não havia ninguém ali para interceder por nós e orar, quebrando as maldições hereditárias sobre nossa vida. Nem fomos lavados com água para nos limpar, ou seja, não fomos ministrados com a palavra de Deus nos purificando das maldições de sentença dos homens nem com uma palavra ungida profetizando uma vida de bênçãos para nós. O profeta fala também que não fomos esfregados com sal. O sal diz respeito à fidelidade das promessas, ao amor imutável de Deus, à natureza duradoura da aliança, do Seu pacto com os homens.



O nascimento de uma criança, no Oriente Médio em especial, obedecia a certos padrões e tinha um significado. Enfaixar o recém-nascido era uma prática comum na Antiguidade, mostrando que ele era bem cuidado. Primeiro o cordão umbilical era cortado e a criança era lavada com água, para remover do seu corpo o líquido amniótico e o sangue presente ao nascimento. O bebê era então esfregado com uma pequena quantidade de sal e azeite de oliva, para ajudar a limpar e desinfetar a pele. Algumas tribos do deserto esfregavam sal na pele da criança recém-nascida para que esta suportasse melhor o calor, o que significa: proteção, fortalecimento e resistência às

condições adversas. Outro significado dessa prática, igualmente importante para os judeus, é que o sal era acrescentado a cada oferta no altar do sacrifício no Tabernáculo e no Templo. Muito provavelmente, as mães israelitas viam esse costume em relação aos seus bebês como uma maneira simbólica de oferecer seu filho ao serviço do Senhor; de dedicá-lo a Deus. Depois disso o bebê era envolto em longas faixas de linho ou algodão, o que ajudava a prover conforto à criança; as faixas apertadas repetiriam, por assim dizer, a sensação do conforto do útero. Em algumas ocasiões as bandagens eram marcadas de alguma forma para se saber de quem era o bebê. Alguns estudiosos dizem que eram bordadas com símbolos da ancestralidade da criança. Por isso, o profeta Ezequiel escreveu dessa forma. Assim, voltando ao nosso raciocínio: ninguém nos envolveu em faixas, que quer dizer: fomos privados do calor, do cuidado e do aconchego do nosso Pai verdadeiro, de Deus. Nem fomos consagrados e apresentados a Ele, para o Seu serviço. Estou falando do que aconteceu espiritualmente com o povo de Deus (Israel) e conosco, pelo menos com a maioria de nós que não nascemos num lar evangélico, sem conhecimento real das coisas espirituais.



E no versículo 5 a bíblia diz: “Não se apiedou de ti olho algum, para te fazer alguma destas coisas, compadecido de ti; antes, foste lançada em pleno campo, no dia em que nasceste, porque tiveram nojo de ti”. Isso é uma alusão a crianças expostas por seus pais não naturais, ou parteiras cruéis, e deixadas em um campo aberto, ou em qualquer lugar do deserto, para perecerem por falta de cuidados, comida, água e proteção, a menos que alguém as visse e se compadecesse delas. Os Egípcios maltrataram o povo do Senhor, pois os hebreus eram uma abominação para eles. Da mesma forma, muitos filhos de Deus nasceram e sofreram a dor da rejeição, ostensiva ou não e até de maneira inexplicável, pois o inimigo tocou nessas pessoas para agirem dessa maneira, sabendo de alguma forma que essas crianças já estavam separadas por Deus para serem dEle em algum momento de suas vidas; elas eram ‘diferentes’. Jesus disse: “Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou” (Mc 9: 37).

Por isso, no versículo 6, o Senhor diz: “Passando eu por junto de ti, vi-te a revolver-te no teu sangue e te disse: ainda que estás no teu sangue, vive; sim, ainda que estás no teu sangue, vive”. O Senhor passou por ela, Sua noiva, Seu povo, e lhe deu uma palavra de resgate e vida. “Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus. Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele. Então, tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava” (Mc 10: 14b-16).

A Noiva cresceu e, no versículo 7, quando chegou o tempo de ter filhos, Ele estendeu sobre ela o Seu manto. Em hebraico, a palavra ‘manto’ (Kanaph, כַּנָּף), significa, entre outras coisas, ‘asas’ e é símbolo de proteção, vida, unção, poder. Também se refere aos pedidos de casamento. Assim, quando o Senhor nos separou para Ele, passamos a ser Sua propriedade exclusiva e deixamos de nos sentir desprotegidos. Deus fez conosco uma aliança como num casamento (v. 8).

Do versículo 9 ao 14, Ele relata o processo de crescimento e embelezamento da Noiva, a quem Ele mesmo vai acrescentando dons e bênçãos como ornamentos. No versículo 9, Ele diz que nos lavou com água, ou seja, viemos para Jesus, passamos a ouvir a Sua palavra e ela começou a nos lavar das maneiras antigas de pensar e agir. Ele diz também que nos enxugou do nosso sangue, ou seja, curou nossas feridas. Depois nos ungiu com óleo, ou seja, foi derramado do Seu Espírito em nós, nos fortalecendo e nos santificando e nos consagrando para Ele. No versículo 10, Ele fala de trajes finos como seda, linho fino, bordados e de calçados, como couro (“Também te vesti de roupas bordadas, e te calcei com couro da melhor qualidade, e te cingi de linho fino, e te cobri de seda”). O linho fino é símbolo de santidade e justiça (Ap 19: 8). A seda, de refinamento e sensibilidade. Ele protegeu os pés da Noiva dos ferimentos, assim como os capacitou a andar com segurança. Onde está escrito “te calcei com couro da melhor qualidade”, a palavra usada em hebraico é tahash (tā·haš) ou tachash – תַּחַשׁ (plural: tahashim ou thchshim – תַּחֲשִׁים) – Strong #8476; provavelmente originada do egípcio thhs, ‘couro’, e do árabe tuhasum, ‘delfim’. Tahash significa: golfinho; porco do mar; vaca marinha ou peixe-boi (dugongo); um animal limpo com pele ou pêlo macio (como o de certas espécies de cabra). A expressão ‘peles finas’ ou ‘animais marinhos’ na KJV traduzida como ‘peles de texugos’. Provavelmente, aqui se referia a sapatos, não sandálias. Os sapatos eram feitos de couro macio; as sandálias, de couro duro.

Quero fazer um parêntesis aqui para falar um pouco sobre sandálias e sapatos nos tempos antigos.

As sandálias eram bem conhecidas: Am 2: 6; Am 8: 6; Dt 25: 10; em Ez 24: 17, onde na nossa versão está escrito sandália (סנדל), em hebraico está escrito ‘calçado’ ou ‘sapato’ – na‘al נַעַל ou נַעַל – Strong #5275; em Ez 16: 10 é a mesma palavra, usada para o verbo ‘calçar’ (נַעַל – Strong #5274, naal ou na‘al).

Sandálias com solas (ne‘ālim ou na‘alayim – נַעַל – Strong #5275) de couro foram usadas para proteger os pés da areia ardente e umidade. As sandálias também podiam ter um solado (ne‘ālim) de madeira preso com correias ou tiras de couro (serōkh – Gn 14: 23; Is 5: 27; Mc 1: 7; Lc 3: 16; Mc 6: 9). Sandálias não eram usadas em casa nem no santuário (Êx 3: 5; Js 5: 15). Andar sem sandálias era sinal de grande pobreza (Dt 25: 9; Lc 15: 22) ou de luto (2 Sm 15: 30; Is 20: 2-4; Ez 24: 17, 23). Quando um anjo apareceu a Pedro na prisão, ordenou-lhe que calçasse as sandálias (At 12: 8).

Na Assíria, as sandálias cobriam também o calcanhar e o lado do pé. A sandália e a correia eram tão comuns que simbolizavam a coisa mais insignificante, como em Gn 14: 23. A maioria das pessoas naquele tempo andava descalça ou usava sandálias, mas os sapatos não eram tão comuns. Os pobres não podiam se dar ao luxo de usar sapatos, visto que estes eram feitos de couro macio, que era escasso. As sandálias eram de couro

duro. Os judeus não usavam as sandálias dentro de casa (Lc 7: 38); eles as retiravam ao entrar na casa, e lavavam os pés.

Sandálias dizem respeito a autoridade, ocupação, posse material. Em Êx 3: 5 e Js 5: 15, quando o Senhor diz a Moisés e a Josué, em ocasiões diferentes, para tirar as sandálias dos pés, está implícita a ligação entre tirar os sapatos e se entregar, se render, sinal de submissão, reverência e respeito: “Tira as sandálias dos pés, pois o lugar que estás é terra santa”.

Os judeus consideravam carregar ou desatar as sandálias de outra pessoa como uma tarefa muito humilde. Quando João Batista falou da vinda de Cristo, disse: “O qual vem após mim, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias” (Jo 1: 27).

Voltando ao nosso texto de Ezequiel 16:

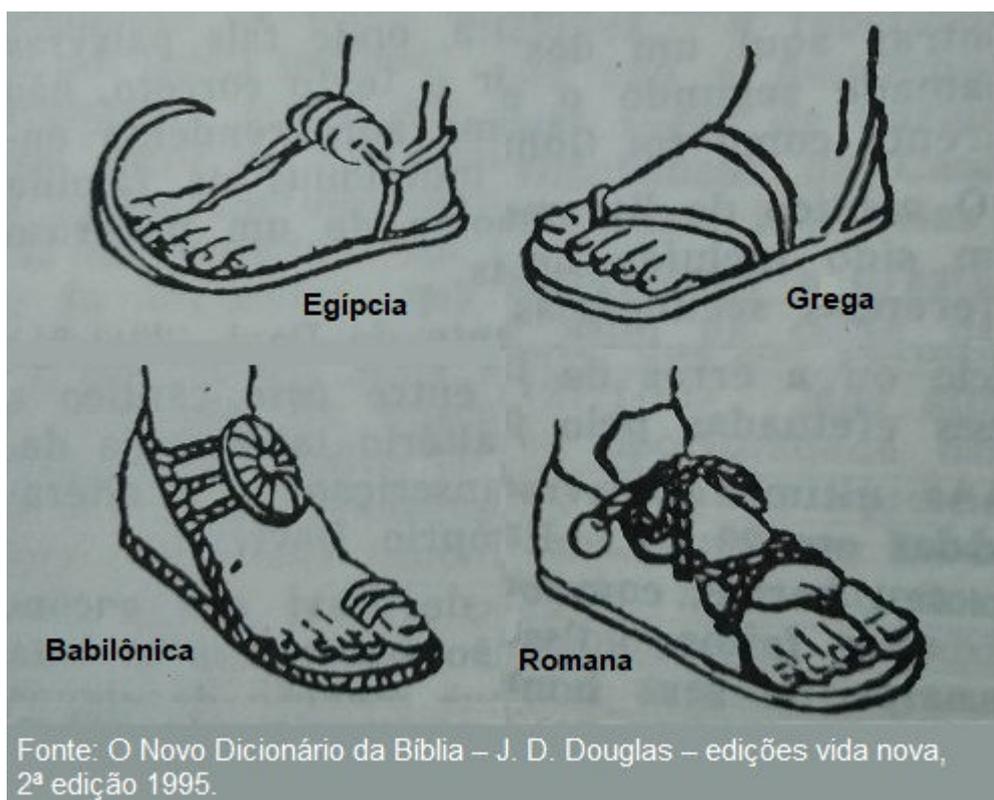
Nos versículos 11 e 12, o Senhor nos fala dos adornos e dos enfeites que Ele nos deu, que significam os dons e frutos do Espírito Santo.

Na Antiguidade, os homens judeus usavam braceletes, anéis, correntes e colares de vários tipos. No Oriente Próximo, ambos os sexos usavam cadeias de ouro como ornamento e símbolo de dignidade. Os oficiais do governo colocaram tais colares de ouro em José e em Daniel como símbolo de soberania (Gn 41: 42; Dn 5: 29). Os homens judeus usavam jóias com o intuito de melhorar sua aparência pessoal. A arte de joalheria iniciou em um período remoto da humanidade (Nm 31: 50; Jz 8: 26; Os 2: 13). O judeu usava o anel como selo e símbolo de sua autoridade (Gn 41: 42; Dn 6: 17). Com o sinete ele estampava seu selo pessoal nos documentos oficiais (no tempo de Ester, por exemplo). Podia ser usado num cordão em torno do pescoço ou no dedo. Os homens também usavam anéis ou faixas nos braços (cf. 2 Sm 1: 10). O bracelete e a coroa são símbolo de glória e majestade. O colar é símbolo de graça, misericórdia (Hebr.: Hesedh ou Chesed) com que somos ornados. As mulheres usavam brincos e outras jóias (Gn 24: 22, 30, 53; Gn 35: 4; Êx 32: 2-3; Ez 16: 12).

Mas um judeu, como homem livre, nunca usava brincos. Os pendentes e brincos são símbolos de propriedade particular voluntária. No AT, quando chegava o sétimo ano da escravidão de alguém, ele tinha direito a ser alforriado, mas se quisesse permanecer com o seu senhor, este o levava aos juízes e sua orelha era colocada na ombreira da porta e furada. Era colocado, então, um brinco e o escravo passava a servir aquele senhor para sempre (Êx 21: 6; Dt 15: 16-17): “Se você comprar um escravo hebreu, ele o servirá por seis anos. Mas no sétimo ano será liberto, sem precisar pagar nada... Se, porém, o escravo declarar: ‘Eu amo o meu senhor, a minha mulher e os meus filhos, e não quero sair livre’, o seu senhor o levará perante os juízes. Terá que levá-lo à porta ou à lateral da porta e furar a sua orelha. Assim, ele será seu escravo por toda a vida” (Êx 21: 2; 5-6); “Mas se o seu escravo lhe disser que não quer deixá-lo, porque ama você e sua família e não tem falta de nada, então apanhe um furador e fure a orelha dele contra a porta, e ele se tornará seu escravo para o resto da vida. Faça o mesmo com a sua escrava” (Dt 15: 16-17). Espiritualmente falando, o brinco é sinal de escravidão.

No versículo 13, o Senhor fala que alimentou a Noiva com o que tinha de melhor: mel, azeite e flor de farinha (a farinha mais fina). Assim, bem-tratada e adornada, a Noiva chegou a ser formosa e sua fama se espalhou pelas nações.

Nos versículos seguintes, como um marido traído e revoltado, Ele relata a infidelidade da Noiva se entregando a todo o tipo de idolatria e que a levou à perda da beleza. Assim, o Senhor nos toma do mundo, nos cura, nos enfeita, nos sustenta, nos embeleza; portanto, Ele deseja de nós a fidelidade e a gratidão, e não que nós venhamos a repetir o mesmo erro de Israel. Saiba guardar a herança preciosa que você recebeu dEle, esperando-O pela Sua vinda.



OS SACRIFÍCIOS DO ANTIGO TESTAMENTO
(Levítico – capítulos 1–7)

Os sete primeiros capítulos do livro de Levítico falam sobre os tipos de ofertas do AT. Coloque a tabela abaixo para facilitar a compreensão:

Sacrifício	Localização no AT	Elementos	Finalidade
Holocausto	Lv 1: 1-17	Boi, cordeiro ou ave do sexo masculino (rola ou pombinho para o pobre). Totalmente consumido. Sem defeito.	Ato voluntário de adoração. Expição de pecado por ignorância em geral. Manifestação de devoção, de compromisso e de completa submissão a Deus.
Oferta de manjares	Lv 2: 1-16	Flor de farinha, azeite de oliva, incenso, bolos ou obreias (cozidos, assados ou fritos), com sal. Nada de fermento nem mel. Acompanhava os holocaustos e as ofertas pacíficas (junto com uma libação). Obs.: Obreia: pasta de massa de que é feito o pão asmo.	Ato voluntário de adoração. Reconhecimento da bondade e da providência de Deus. Dedicção a Deus. O azeite simboliza alegria.
Oferta pacífica (simboliza a ceia com o Senhor)	Lv 3: 1-17	Qualquer animal sem defeito do rebanho. Variedade de pães.	Ato voluntário de adoração. Ação de graças e comunhão (era acompanhada de uma refeição comunitária).
Oferta pelo pecado	Lv 4; Lv 5; Lv 6; Lv 16: 1-34	1. Novilho: no caso do sumo sacerdote e da congregação. 2. Bode: no caso do príncipe. 3. Cabra ou cordeiro: no caso de pessoas do povo. 4. Rola ou pombinho:	Expição obrigatória para determinados pecados por ignorância. Confissão de pecado. Perdão de pecado. Purificação da mácula.

		no caso do pobre. Décima parte de uma efa de flor de farinha: no caso do muito pobre.	
Oferta pela culpa	Lv 7: 1-10	Carneiro ou cordeiro	Expição obrigatória para pecados por ignorância que exigissem restituição. Purificação de máculas. Restituição. 20% de multa.

- A palavra original traduzida por *ignorância* significa 'vaguear', como uma ovelha que se desgarra do rebanho. Refere-se ao pecado oriundo da fraqueza do caráter humano, não de uma rebelião mal disfarçada ou de um mal premeditado. Associamos a culpa à intenção, mas os antigos a associavam aos seus efeitos.

- Sal nas ofertas de manjares ao invés de mel, pois sal significa aliança (Lv 2: 13 e Nm 18: 19), fidelidade da promessa, natureza não perecível do pacto, o amor imutável de Deus, sinal de purificação e santidade. Ele derrete o gelo. A palavra verdadeira de Deus derrete os corações frios e endurecidos pelo pecado e pelas barreiras humanas.

- Não se usava fermento para não lembrar o culto pagão. Fermento simboliza a carne, a maldade e a malícia humana em contraposição com a santidade do Espírito (1 Co 5: 6-8).

- Quando mais de um tipo de oferta era apresentado (Nm 7: 13-17), o procedimento era normalmente o seguinte: 1) oferta pelo pecado, 2) holocausto, 3) oferta pacífica e oferta de manjares (junto com uma libação). Essa seqüência mostra parte da importância espiritual do sistema sacrificial. Em primeiro lugar, o pecado tinha de ser tratado (oferta pelo pecado ou pela culpa). Em segundo lugar, o adorador comprometia-se completamente com Deus (holocausto e oferta de manjares). Em terceiro lugar, estabelecia-se a comunhão ou amizade entre o Senhor, o sacerdote e o adorador (oferta pacífica). No sacrifício pacífico, o peito e a coxa direita eram a porção do sacerdote, determinada por Deus (Lv 7: 29-34).

- Lv 3: 14-16; Lv 4: 8-9; Lv 7: 3-5; Lv 9: 10: O Senhor ordenava que fossem separados a gordura, os rins e o redenho do fígado para serem queimados sobre o altar. Essas partes não eram queimadas junto com o resto do animal, o que nos faz pensar que havia um interesse e um propósito maior nisso. A gordura simboliza a parte mais saborosa da carne, o que é mais gostoso, que sobe como um cheiro suave a Deus. Para os judeus, os rins eram o centro das emoções e da consciência e isso significa que nossa oferta deve ser o que existe de mais gostoso para o Senhor e toda a nossa alma deve estar envolvida nesse processo, ou seja, nossas emoções devem ser também colocadas no altar do Senhor, principalmente a alegria de estar ofertando. Assim, nossa oferta financeira na Casa de Deus sobe como incenso suave a Ele. Entregar as emoções e a consciência ao Senhor nos libera da culpa. As emoções e a consciência devem ser santificadas, consagradas ao Senhor (Lv 7: 5: oferta pela culpa). Em outras palavras: assim como a gordura do animal na oferta pela culpa eram queimadas sobre o altar para haver expiação, o paralelo espiritual também é verdadeiro. Quando entregamos a nossa

‘gordura’ e ‘nossos rins’ (nossas emoções, consciência, nosso ‘gostoso’, o que temos de melhor a Jesus), Ele derrama Seu sangue sobre os nossos pecados, nos libertando da nossa culpa, pois sabe que o que estamos fazendo é de coração.

- Lv 22: 17-33: A oferta deve ser sem defeito; não eram aceitos animais defeituosos. A nossa oferta diante do Senhor deve ser com o que temos de melhor, com as primícias, não com o que sobra, com os restos. O v. 19 diz: “Para que seja aceitável, oferecerá macho sem defeito”. Assim como o dízimo deve ser dado antes de usarmos nosso dinheiro para qualquer coisa, a oferta deve ser dada com liberalidade e com inteireza de coração.

- A oferta movida (‘othâm tenuphâh ou ath-m thnuphe – Lv 7: 30; Lv 14: 12) de carne ou de manjares recebeu esse nome, talvez, por ser movida diante do Senhor antes de lhe ser apresentada. Em hebraico, o verbo ‘eniph’ significa ‘mover a oferta’ ou ‘elevar a oferta’.

- O sacerdote apresentava-se diante de Deus a favor do povo, mas também representava Deus perante o povo. Como representante de Deus, comia das ofertas que lhe eram trazidas. Mas não podia, da mesma maneira, representar a Deus para si mesmo. Suas próprias ofertas de manjares tinham de ser completamente queimadas, para que fosse verdadeiro sacrifício, completamente dedicado a Deus (Lv 6: 23). Entretanto, ele também poderia comer da parte que lhe era reservada das ofertas de manjares dadas a Deus pelo povo: Lv 2: 9-10; Lv 6: 14-18.

- Arão e seus filhos foram consagrados sacerdotes. A palavra hebraica traduzida por ‘consagração’ (millu) ou ‘consagrações’ (millu’iym – Strong #4394 – Lv 7: 37; Lv 8: 22; 28-29; 31; 33; Êx 29: 22; Êx 29: 26-27; Êx 29: 34) significa, literalmente: ‘encher a mão’, ‘mãos cheias’, e talvez se referisse às ofertas depositadas sobre as mãos ou ao óleo que era derramado sobre elas em alguns casos (o leproso depois de sarado – Lv 14: 15). O ritual de consagração dos sacerdotes (Lv 8: 1-36) simbolizava as responsabilidades e os privilégios do sacerdócio, lembrando os levitas que haviam sido separados para o serviço de Deus. Segundo a ‘Concordância Lexicon Strong’, a palavra millu’iym, מלאים, procede de mâlê’- מלא (Strong #4390), uma raiz primitiva, preencher ou estar cheio de, realizar, confirmar, encher, preencher, cumprir, ser ou tornar-se pleno ou completo, transbordar, plenitude, fornecer (prova, evidência) ou mobiliar (casa), recolher (isoladamente ou em conjunto), reabastecer, satisfazer, tomar (tirar) com uma mão cheia, presumir, ousar (como em Et 7: 5, na ARA, ‘instigou’, KJV: ‘que ousou presumir’, NIV/NVI: ‘ousou, se atreveu’).

Altar do holocausto



- O Senhor também proibia de comer o animal com seu sangue (Lv 17: 11 e 14; cf. Hb 9: 22), pois o sangue tinha um propósito sacrificial. O sangue, no AT, é o símbolo da vida terminada geralmente por meios violentos. Também significa o que sustenta a vida física de um ser, assim como seu espírito, ou seja, seu caráter, sua índole, sua natureza (pense nas transmissões genéticas que 'estão no sangue', como dizem as pessoas). Lembrando de Gn 4: 10-11, o sangue foi um meio de expiação providenciado pelo próprio Deus, pelo Seu amor pelo homem para não mantê-lo afastado de Si. A finalidade do sangue seria um ato espiritual, sacrificial, de adoração a Deus e expiação pelo pecado, usando animais como o cordeiro e outros. Complementando o raciocínio: a vida da carne (Lv 17: 11; 14) era a vida sacrificada na morte, pois a finalidade do sangue do animal seria um ato espiritual para purificar o homem do seu pecado (morte) e lhe restaurar a vida (comunhão com Deus). O sangue do animal era o substituto do sangue do homem; ao invés de Deus matar o pecador pelo seu pecado, usaria um substituto, no caso os animais considerados puros, separados para esse fim.

- O sacrifício de Jesus na cruz veio substituir todos esses sacrifícios, tendo Jesus se oferecido como cordeiro sem mácula em nosso lugar para nos resgatar do pecado e da maldição da lei.

PÁSCOA NO ANTIGO TESTAMENTO



No AT, a Páscoa foi instituída por Deus como um marco da libertação do Seu povo do cativeiro do Egito e deveria ser lembrada pelas gerações futuras, todos os anos, para comemorar a glória e a providência divina em suas vidas. Para os judeus, o calendário religioso estabelece o mês de nisã ou abibe (março-abril) como o primeiro mês, o mês da Páscoa (Pessach).

Em Êx 12: 1-28 o Senhor instituiu a Páscoa. Os israelitas deveriam escolher o cordeiro no 10º dia do mês e matá-lo no 14º dia, no crepúsculo da tarde. Eles deveriam tomar o sangue e marcar as portas das suas casas e, na mesma noite, comer **a carne assada no fogo, com os pães asmos e as ervas amargas** e nada deixar até pela manhã. Se restasse carne, deveria ser queimada. O sangue era símbolo de libertação, a carne era símbolo da Palavra, e os pães asmos, de santificação. O Senhor estava prestes a mandar a décima praga sobre o Egito, que era a morte dos primogênitos e, por isso, o sangue daquele cordeiro nas vergas das portas protegê-los-ia da punição. O Senhor também ordenou que comessem pães asmos por sete dias, pois o fermento simboliza a carne, a maldade humana que impede o domínio do Espírito. O 14º dia do mês estava marcado como o primeiro dia da Páscoa, portanto, até o 21º comeriam pães asmos. Deus também deu instruções sobre como deveriam comer aquela Páscoa: lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão, às pressas. Eles deveriam comer às pressas, ou seja, debaixo de prontidão e vigilância. Ninguém sabia o que aconteceria nem quando poderiam descansar ou comer novamente, por isso o Senhor insistiu para que comessem toda a carne. Era o que os sustentaria na caminhada que teriam pela frente. Também algumas recomendações importantes foram dadas, como, por exemplo: o estrangeiro com eles não comeria da Páscoa a menos que fosse circuncidado, o cordeiro deveria ser comido dentro das casas e nenhum osso deveria ser quebrado – Êx 12: 46 (em referência a profética a Jesus, que não teve nenhum dos seus ossos quebrado: Sl 34: 20; Jo 19: 33). Outras referências à Páscoa podem ser encontradas em Lv 23: 5-8, Nm 28: 16; Dt 16: 1-8.

Podemos notar uma coisa interessante no texto de Dt 16: 1-8, principalmente nos vs. 5 e 6, dizendo que o sacrifício do cordeiro não poderia ser realizado dentro de nenhuma cidade, mas no lugar escolhido por Deus. Por isso, Jesus não foi crucificado dentro de Jerusalém, e sim fora dos muros. A carne do cordeiro simboliza o corpo de Jesus, ferido na cruz, e o sangue nas vergas das portas prefigura a proteção do Seu sangue sobre os que são dEle, justificando-os do pecado e livrando-os do Maligno.

O povo judeu celebrou a Páscoa por várias vezes como foi ordenado pelo Senhor (Algumas são referidas de maneira especial na bíblia). Cada uma tem um significado para nós.

Assim, a **primeira Páscoa** descrita no AT ocorreu no Egito e simboliza a *Páscoa da libertação do cativeiro do pecado*.

A **segunda Páscoa** ocorreu no deserto (Nm 9: 1-14). Eles ficaram um ano ao pé do Sinai (Êx 19: 1-2 – Êx 40: 2; 17; 34-35) e nesse tempo construíram o tabernáculo, foram arregimentados e receberam instrução de como serem treinados como exército (Nm 2: 1-34); foram ensinados sobre oferta (*Corbam*, em hebraico, *qorbân* ou *qrbh* = 'aquilo

que é trazido para perto, *'aproximar-se de Deus'*; *qorbân* é praticamente um termo genérico, enquanto outros são usados especificamente para holocausto, oferta pelo pecado e pela culpa etc.) e a se dar como oferta a Deus. Ele retirou deles a mentalidade de escravo, e assim, receberam a identidade e a personalidade de volta. Portanto, a segunda Páscoa é a *Páscoa da restauração da personalidade e da identidade*, características que recebemos quando atravessamos o nosso deserto espiritual, ou seja, depois que saímos do Egito precisamos saber quem somos e quem é Deus na nossa vida.

A **terceira Páscoa** foi a de Josué (Js 5: 10-12). É a Páscoa que fala com os líderes, ensinando-os a *confiar em Deus, serem guiados pelo Espírito Santo e não deixar a carne gritar* (foram todos circuncidados antes de tomar posse da Terra Prometida derrubando Jericó, pois já haviam atravessado o Jordão e estavam nas campinas de Moabe).

A **quarta Páscoa** é a de Ezequias (2 Cr 30: 1-27). A porta do templo tinha ficado fechada por muito tempo por causa do domínio assírio, e Ezequias abriu as portas novamente para a palavra de Deus ser ministrada ao povo. Isso trouxe avivamento, simbolizando a *abertura do nosso espírito à palavra de Deus*.

A **quinta Páscoa** é a de Josias (2 Rs 23: 21-23; 2 Cr 35: 1-19), que reparou e purificou o templo, restituiu os levitas ao seu cargo e ensinou o povo a ser fiel ao Senhor. Por seis anos limpou a Casa de Deus (2 Cr 34: 3; 2 Cr 35: 19). Portanto, essa Páscoa diz respeito a *avivamento espiritual, proteção, sarar a alma, revelação da palavra de Deus e restabelecimento do ministério Levítico* (louvor e ensino, pois foi achado o Livro da Lei, que se perdera).

A **sexta Páscoa** é a de Daniel, pois em Dn 10: 4 há uma referência ao primeiro mês, o mês de nisã. Daniel estava buscando revelação do Senhor em relação às profecias e visões que tinha recebido d'Ele. Portanto, a Páscoa de Daniel é a *Páscoa que fala da revelação da palavra, do entendimento, da inteligência e do discernimento espiritual e natural*.

A **sétima Páscoa** é a de Esdras (Ed 6: 19-22), em que houve restituição após a libertação da Babilônia. É a Páscoa da *restituição e da reconstrução do nosso templo interior, principalmente em relação ao nosso chamado*.

A **oitava Páscoa** é a de Neemias (Ne 2: 1), quando é feita novamente a referência ao mês de nisã. Após ter passado praticamente quatro meses em jejum e oração buscando a Deus (desde o mês de quisleu do ano anterior, que corresponde a novembro-dezembro), Neemias recebeu autorização para reconstruir os muros caídos de Jerusalém, portanto, essa *Páscoa é a da reconstrução dos muros, da restituição da alma*.

A **nona Páscoa** que o povo judeu vivenciou foi o início de uma nova era, quando Jesus veio em pessoa como sacrifício vivo, dispensando os antigos rituais e trazendo para nossa vida todo tipo de unção de que temos necessidade e a *salvação eterna*.

Resumindo: **Páscoa é tempo de** santificação, cura do corpo e da alma, libertação de algemas, restituição, restauração da identidade e da personalidade, tempo de milagres, tempo de Deus tirar a vergonha de nós, de arrebentar correntes e abrir portas, tempo de revelação da palavra, de entendimento, inteligência, discernimento espiritual e natural, de maior unção para liderar, de perdão, de avivamento, proteção e ministério. O melhor já está pronto para nós. A Páscoa reflete a vida de Jesus entrando nas áreas mortas da nossa vida rechaçando os demônios justamente onde eles nos pisaram, trazendo uma mudança real. É tempo de intimidade com o Senhor. É ser poupado do sacrifício.

MENORÁ (O CANDELABRO DE SETE LÂMPADAS)



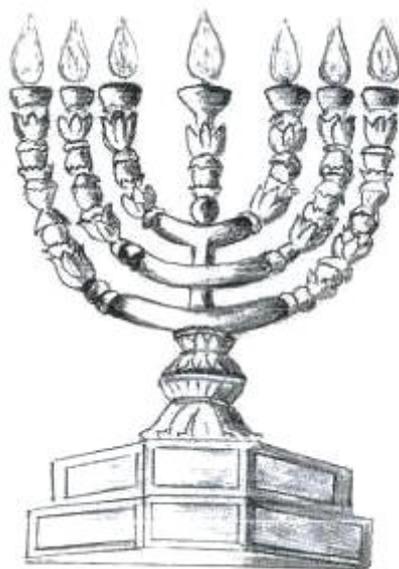
Vamos falar aqui de outro tema interessante que para nós cristãos tem um significado não só importante, mas prático. Trata-se do candelabro ou candeeiro, para os judeus, chamado **Menorá** (Menorá, מְנֹרָה – Strong #4501 – um substantivo feminino). A primeira referência ao candelabro está em Êx 25: 31-40. Aqui, Deus estava dando ordens a Moisés para construir o tabernáculo e lhe ordenou que o fizesse com sete lâmpadas para ser colocado no Lugar Santo do templo, onde os sacerdotes deveriam estar todos os dias. A próxima referência se encontra em Êx 37: 17-24, quando novamente fala sobre o tabernáculo. O candelabro era de ouro puro, diferente da mesa e da arca que eram de madeira de acácia cobertas com ouro; o candelabro foi esculpido em ouro e, como diz a bíblia, era de ouro batido. Em Nm 8: 1-4 encontramos mais uma referência ao candelabro, quando Deus está falando com Moisés a respeito de Arão e dos levitas, o que nos faz pensar que as lâmpadas têm relação com o sacerdócio. No NT podemos encontrar uma referência ao candelabro e ao tabernáculo em Hb 9: 1-10. Resumidamente, podemos falar do significado desses símbolos: o Santo Lugar, onde estão a mesa, o candelabro e os pães, significa uma alma entregue a Deus. O **candelabro** significa a presença do Espírito Santo conosco, a luz de Deus, um estilo de vida que deve fazer parte da vida do cristão. A **mesa** fala de comunhão e intimidade com Deus; os **pães** significam comida e provisão; o **altar do incenso**, embora colocado no Lugar Santo, faz parte do Santo dos Santos e é um estilo de vida de oração e do brilho do Senhor; a **arca** é símbolo de aliança com Deus e de Sua presença e glória em nós; o **maná** é símbolo da comida espiritual que Ele nos dá e a **vara** representa a autoridade e a unção que devemos ter no nosso espírito. As **tábuas** são nosso pacto com Deus e com Seus mandamentos. O **Santo Lugar** representa nossa alma e o **Santo dos Santos**, nosso espírito, onde só o sumo sacerdote, Jesus, tem acesso.

Para nós que nascemos do Espírito, tudo isso tem um significado. Em Is 11: 2 o significado dessas sete luzes torna-se bem claro para nós. Isaías profetiza sobre as qualidades do Messias, como se esperaria de um rei, também chamado ‘ungido de Deus’. Por isso, ele começa falando que o Espírito do Senhor repousará sobre Ele (Jesus), o Messias, trazendo também os dons da sabedoria, do entendimento, de conselho, de fortaleza, de conhecimento e de temor do Senhor. O texto diz: “Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e entendimento, o Espírito de conselho e fortaleza [NVI: poder], o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor”. Neste versículo, a palavra ‘conselho’, em Hebraico, `etsah (Strong #6098), significa: conselho; por implicação: plano, prudência, deliberação, consideração, ponderação, conselho, conselheiro, propósito.

Sob a ótica de Deus é bom pedirmos essas sete porções, os sete espíritos de Deus sobre nós, porque saberemos nos conduzir através da nossa jornada cristã. Em Ap 1: 4 podemos encontrar uma referência à Menorá (a plenitude das sete características do Espírito Santo): “João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós

outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono”.

Vamos agora explicar o que significam esses sete Espíritos de Deus, com base no texto de Is 11: 2.



Candelabro ou candeeiro

Menorâh ou Menorath (hebraico) Êx 25: 31-39

Nebhrashtâ' ou Nebrsha' (aramaico) Dn 5: 5

Luchnos (candeia) ou Lychnia ou Luchnia (velador; candelabro) Mt 5: 15

1º) **O Espírito do Senhor:** é o próprio Espírito de Deus em nós, mantendo Sua chama de vida no nosso espírito, fazendo-nos existir e realizar Sua obra na terra. Com o Espírito Santo podemos realizar o que Jesus realizava: pregar boas novas, curar os enfermos da alma e do corpo, libertar os cativos do diabo e levar alegria. Nós o recebemos no momento da nossa conversão. Vamos ler Is 61: 1-3: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados, a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória”. O Espírito do Senhor nos faz sentir coragem, assim como a força e o poder de Deus em ação de milagres, libertação e cura.

2º) **O Espírito de Sabedoria:** A sabedoria é a arte de ser bem sucedido, de formar um plano correto para alcançar os resultados desejados, ter habilidade, prudência, graça; saber aplicar o conhecimento e o entendimento da palavra; está envolvida no ato de interpretar sonhos. No NT, possui a mesma natureza intensamente prática que encontramos na sabedoria do AT. A sabedoria, no seu sentido mais amplo, pertence exclusivamente a Deus e consiste não apenas em conhecimento completo acerca de todos os aspectos da vida, mas também no conhecimento daquilo que Ele tem em mente para ser cumprido. A sabedoria está mais relacionada ao ensino, ao passo que o conhecimento está mais relacionado ao ministério profético. Sua sede é o coração, o

centro da decisão moral e intelectual. A sabedoria nos coloca em contato direto com a mente de Deus nos fazendo pensar como Ele pensa.

3º) **O Espírito de Entendimento:** inteligência, discernimento. É a compreensão que adquirimos após termos o conhecimento (a revelação) da palavra de Deus. Ele nos coloca em contato com a verdade divina contida na Palavra, nos trazendo a segurança sobre o que cremos e nos dando a capacidade de resistir ao mal e a tudo o que tenta impedir Sua vontade para nossa vida, como os falsos ensinamentos.

4º) **O Espírito de Conselho:** planejamento e estratégia, solução para um propósito. Estar numa mesa de conselho é estar junto com autoridades que vêm discutir algo importante e planejar soluções e estratégias (Is 40: 13-14; Jr 23: 18). Assim, estarmos reunidos com Deus em oração nos dá o discernimento espiritual para recebermos Suas estratégias para vencermos qualquer situação. Neste versículo, a palavra ‘conselho’, em Hebraico, *etsah* (Strong #6098), significa: conselho; por implicação: plano, prudência, deliberação, consideração, ponderação, conselho, conselheiro, propósito. A prudência (Conselho) nos leva a planejar a estratégia correta em cada situação e esperar pelo momento certo de tomar decisões; também nos ensina a maneira como tudo deve ser feito. Através dela adquirimos a certeza de que tudo tem solução.

5º) **O Espírito de Fortaleza:** dá-nos domínio e convicção da vitória. Onde as nossas forças acabam os recursos de Deus são liberados. A fortaleza (NVI: ‘poder’) nos faz realizar coisas que, no nosso natural, não somos capazes; coisas grandes e ousadas. A fortaleza do Espírito nos envolve como um escudo de proteção e nos firma ‘na Rocha’, como se firma no chão uma árvore com raízes fortes. Ela nos dá determinação, segurança e certeza para prosseguirmos em nossos objetivos.

6º) **O Espírito de Conhecimento:** é ter a compreensão correta das coisas, a informação revelada da palavra de Deus e saber o que temos à nossa disposição através dela. Está relacionado à revelação e à experiência, aos sonhos e às visões. A palavra ‘conhecimento’ tem a idéia de desvendar alguma coisa oculta para que possa ser vista e conhecida conforme é, ou seja, ela expressa a idéia de revelação. O conhecimento traz luz, clareza, revelação e manifestação do que está em oculto, seja bom ou mau. Ele nos faz conhecer os segredos do coração de Deus e os mistérios do mundo espiritual. Enchemos com a verdade para que possamos vencer as falsas profecias.

7º) **O Espírito de Temor do Senhor:** significa reverência, prioridade, respeito, devoção a Deus, reconhecimento por quem Ele é e não usar Seu nome em vão. O temor do Senhor nos eleva até o trono e nos faz entrar em contato com a santidade do Senhor. Coloca-nos numa posição de afastamento das coisas mundanas para dar reverência e prioridade à pessoa de Deus. Através do temor do Senhor nós conhecemos Seu amor e a força do louvor e da adoração dos anjos ao redor do trono. Diante dEle cai toda a irreverência, idolatria e perturbação da paz. É interessante notar que na bíblia a palavra medo ou temor vem de várias raízes gregas e hebraicas, como por exemplo: **a) Phobos** (gr.) = arroubo, medo, terror, pavor, reverência, respeito, ser colocado em medo; alarme ou susto (*phobos φόβος* – Strong #5401; Mt 14: 26; Mt 28: 4; 8; Mc 4: 41; Hb 2: 15 etc. = 47 vezes no NT); **b) Deilia** (gr.) = temor, covardia, timidez (*deilia δειλία* – Strong #1167, como está em 2 Tm 1: 7 – a única vez no NT); **c) Eulabeia** (gr.) = prudência, reverência, temor de Deus, piedade; Strong #2124, *eulabeia, εὐλαβείας*, como em Hb 12: 28 e Hb 5: 7 = apenas duas vezes no NT). **d) Pachad**, o equivalente hebraico do grego Phobos (*Pachad*, Strong #6343; פחד, como em 1 Sm 11: 7; Êx 15: 16; Gn 31: 42; 53; Dt 2: 25; Dt 11: 25, Sl 119: 120, etc. = 49 vezes no AT) = terror, horror, pavor, um alarme (repentino), um grande medo de algo; ajudador ou um companheiro para a vida (se referindo à morte), até que veio Jesus para nos libertar do medo dela (ref.: Hb 2: 15).

Mas aqui em **Isaías 11: 2**, há mais uma palavra hebraica para ‘medo’ ou ‘temor’: **yirah**, יראת, Strong #3374, e significa: medo, temor excessivo ou temer excessivamente; um medo terrível; (moralmente): reverência. Ela aparece 45 vezes no AT, geralmente se referindo a Deus ou junto com as expressões: ‘temor do Senhor’, ‘temor de Deus’ ou ‘temor do Todo-Poderoso’ [Gn 20: 11; Êx 20: 20; 2 Sm 23: 3; 2 Cr 19: 9; Ne 5: 9; Ne 5: 15; Jó 4: 6; Jó 6: 14; Jó 15: 4; Jó 22: 4; Jó 28: 28; Sl 2: 11; Sl 5: 7; Sl 19: 9; Sl 34: 11; Sl 90: 11; Sl 111: 10; Sl 119: 38; Pv 1: 7; Pv 1: 29; Pv 2: 5; Pv 8: 13; Pv 9: 10; Pv 10: 27; Pv 14: 26-27; Pv 15: 16; Pv 15: 33; Pv 16: 6; Pv 19: 23; Pv 22: 4; Pv 23: 17; Is 11: 2-3; Is 29: 13; Is 33: 6; Is 63: 17; Jr 32: 40; Ez 30: 13 (o terror do Senhor na terra do Egito); Jn 1: 10; Jn 1: 16]. Apenas 3 vezes, a palavra aparece como referência ao temor de calamidades ou do inimigo (Dt 2: 25; Sl 55: 5; Is 7: 25) e uma vez (Ez 1: 18), se referindo ao seu temor dos aros das rodas dos querubins, mas de qualquer forma, medo do sobrenatural.

Peça a Deus para acender essas chamas no seu espírito, pois assim você poderá experimentar o Seu poder e realizar tudo aquilo que Jesus veio fazer na terra.

A ARMADURA DE DEUS (Ef 6: 10-17)



Paulo, embora judeu de nascimento e estudioso da lei mosaica, tinha cidadania romana, portanto, conhecia os costumes e a disciplina militar desse povo. Ao se converter a Jesus e começar a passar lutas pela causa do evangelho, o Espírito Santo o fez escrever da parte de Deus algo que habilitaria o crente em todas as épocas a se proteger espiritualmente dos ferimentos causados por Satanás. Trata-se da armadura de Deus descrita em Ef 6: 10-17. Vamos ler primeiro o texto para depois explicá-lo: “Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra a ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz [NVI: ‘e tendo os pés calçados com a prontidão do evangelho da paz’; NSRV-Ingês; ‘Como sapatos para os vossos pés, calçai tudo o que irá tornar-vos prontos para anunciar o evangelho da paz’]; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus”.

Paulo inicia dizendo para sermos fortalecidos na força do poder de Deus, o que nos faz pensar que a armadura não é algo produzido na força da nossa alma, em especial da nossa mente, mas dependente da ação divina, através do Seu Espírito. Com o decorrer da explanação veremos que a armadura é o próprio Jesus. Paulo também fala que a nossa luta não é contra as pessoas ou as coisas naturais da vida, e sim contra demônios, por isso precisamos da armadura, pois ela nos defende do invisível. As feridas feitas pelo diabo na nossa alma e no nosso espírito são feias e, muitas vezes, até parte da nossa armadura fica danificada, refletindo nas fragilidades e nos sintomas espirituais, emocionais e físicos que nos esforçamos para tirar de nós e restabelecer nosso bem-estar. A armadura vai se fortalecendo à medida que deixamos a palavra de Deus entrar e agir no nosso interior, à medida que vamos nos entregando cada vez mais à ação do Espírito Santo. Outra coisa que ele diz é que o objetivo da armadura é nos ajudar a resistir ao diabo e às suas ciladas nos momentos de tribulação e guerra e fazer-nos inabaláveis e vencedores. Também coloca várias vezes a expressão ‘estar firme’; isso quer dizer que apesar de tudo, um guerreiro deve permanecer sempre firme e apumado, de pé.

A primeira parte da armadura é o **cinturão da verdade**. O verbo ‘cingir’ significa: ‘rodear, cercar, prender ou ligar em volta, ornar em roda, pôr à cinta, unir-se, apertar-se, chegar-se, aproximar-se’. Seja qual for a palavra usada, o objetivo do cinto é que ele se ajuste à cintura e não fique frouxo. O cinturão romano era uma espécie de saia de couro

presa ao cinto e que protegia o soldado desde a cintura até os joelhos. Dessa maneira, evitavam-se os ferimentos em todo o abdome, órgãos genitais e coxas, assim como a região lombar. Algumas vezes, lâminas de metal eram colocadas sobre o couro para aumentar a resistência aos ataques. O cinturão era perfeitamente ajustado, não deveria ficar frouxo de forma alguma, por isso o termo cingir (apertar), como vimos antes. Igualmente, o crente deve **cingir-se com a verdade da palavra de Deus** como um cinturão que vem a protegê-lo dos ataques de Satanás no seu físico, nas suas emoções e nos seus relacionamentos. Essa verdade é *Jesus, a Palavra Viva*, que resiste às mentiras do maligno.

A segunda parte da armadura que é descrita é a **couraça da justiça**, um pouco diferente de uma simples cota de malha. A cota de malha ou a couraça era de bronze para os líderes e couro para os soldados, regra geral para a proteção do corpo. Em 1 Sm 17: 5 é descrita a armadura de Golias; ele era uma exceção, pois não era líder, apenas um campeão do exército filisteu; todavia sua armadura era de bronze. A **shiryôn** era realmente uma couraça que protegia não apenas o peito como também as costas. Fazia parte da armadura dos trabalhadores de Neemias (Ne 4: 16). Em outras partes da bíblia são descritas outras cotas de malhas que consistiam em pequenas placas de ferro costuradas a um fundo de couro. O equivalente grego chama-se **thōrax = couraça**. Para nós, cristãos, significa que a justiça conquistada na cruz através de Jesus é a couraça que protege nossos sentimentos do ódio e da injustiça. A justiça conquistada na cruz é a ligação do homem com Deus através do arrependimento e do perdão dos pecados; é o Seu amor maior em ação que nos estimula a desejar para os que estão perdidos a mesma coisa que nós já conquistamos que é a justificação dos nossos pecados e o direito de estarmos em Sua presença, em resumo, a vida eterna. A couraça da justiça impede que todos os sentimentos ruins do diabo nos afastem da presença do amor de Deus. Quando Jesus já estava morto, o soldado romano perfurou o Seu lado com uma lança, isto é, o coração de Jesus foi traspassado pela lança, representada pelas nossas transgressões e pela ação de ódio e violência do adversário, a fim de que pudéssemos estar protegidos dos dardos inflamados que ele tenta lançar sobre nós. Quando estamos debaixo do amor e da justiça de Deus na pessoa de Jesus, somos protegidos e guardados do mal. Portanto, a segunda parte da nossa armadura é **crer na justiça de Deus e na justificação do sangue de Jesus** sobre a nossa vida.

A terceira parte descrita na armadura são **as sandálias do evangelho da paz**. As sandálias eram de couro com um solado grosso com pregos que permitia a caminhada no deserto protegendo os pés do soldado de serpentes, escorpiões e pedras afiadas, que poderiam causar ferimentos sérios. As caneleiras protegiam as pernas entre os joelhos e o tornozelo, sendo mencionadas apenas uma vez nas Escrituras (1 Sm 17: 6 = **micha** ou **mitschah**). Golias usava caneleiras de bronze. É possível que a palavra hebraica, em realidade, signifique um tipo de bota. Paulo diz para calçarmos nossos pés com as sandálias do evangelho da paz. Isso quer dizer que a palavra de paz e boas novas deve dirigir nossos passos e nossa caminhada pela vida para não errarmos o caminho, não sermos feridos pelas pedras do inimigo nem mordidos por serpentes e escorpiões. Por isso, a bíblia diz: “Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: o teu Deus reina!” (Is 52: 7). As sandálias são símbolo de autoridade, ocupação e bênção material. Novamente, a vestimenta aqui é Jesus que nos calça com Sua palavra de força, ousadia e determinação. Está escrito que todo o lugar que pisarmos com a planta do nosso pé será nosso. Portanto, a terceira parte da armadura é **a paz do evangelho de Cristo** que levamos aonde Ele nos enviar e para aqueles que precisam dessa paz, se reconciliando com Deus e consigo mesmos.

O **escudo da fé** é a quarta parte da armadura. Os israelitas possuíam duas variedades de escudo. O maior (hebr., **çinnâ**, ou tsinnah – Strong #6793, também traduzido por **pavês**, Sl 35: 2) era usado para cobrir o corpo inteiro, tendo a forma oval ou retangular como uma porta (o termo grego **thyreos** se deriva de **thyra** = porta). O pavês era usado pela infantaria pesadamente armada (2 Cr 14: 8), e, no caso de Golias, havia um escudeiro especial (1 Sm 17: 7). O escudo menor (broquel, **mâghen**; Ez 38: 4 – Strong #4043; **escudo**) era levado pelos arqueiros. Normalmente, eram feitos de madeira ou de vime trançado recoberto de couro, pois podiam ser queimados (Ez 39: 9). O couro era ungido com azeite antes das batalhas para preservá-lo ou para torná-lo reluzente (Is 21: 5). Ocasionalmente o bronze era o material empregado para a sua feitura (1 Rs 14: 27). Os romanos, semelhantemente, usavam os escudos grandes em guerras maiores, pois, caso fossem mortos em combate, voltavam deitados neles. O escudo da fé para o cristão é Jesus que nos cerca por trás e por diante e nos faz aparar os dardos da derrota, da desistência e das ameaças do inimigo ao nosso avançar. Ao ressuscitar, Jesus mostrou que nada é impossível para Ele derrotar, nem a morte, e isso foi um incentivo à nossa fé nEle e em tudo o que Ele pretende realizar na nossa vida. Foram Suas as palavras: “O impossível dos homens é possível para Deus”. Portanto, a quarta parte da nossa armadura é **a fé nas promessas e na proteção de Deus** sobre nós.

O **capacete da salvação** é a quinta parte da armadura. O termo grego é **perikephalaia**. Nos primeiros tempos o capacete (hebr. **Kôbha**) aparentemente se restringia aos reis ou líderes proeminentes. Assim, o rei Saul deu a Davi o seu próprio capacete de bronze (1 Sm 17: 38). Pelo tempo de Uzias, todos os soldados hebreus recebiam capacetes (2 Cr 26: 14) que, provavelmente, eram feitos de couro. Esse era o material usado até que o latão (um amálgama de cobre e zinco) ou bronze (um amálgama marrom-amarelado de cobre com até 1/3 de estanho) se tornou também comum. Entre os romanos e os gregos no tempo de Herodes, havia capacetes dos dois materiais.

Como os capacetes eram feitos à mão na Antiguidade, sua forma exata, tipo de metal e desenho variaram ao longo do tempo, da República Romana ao Império, e também entre diferentes tipos de unidades do exército; por isso, não se sabe até que ponto havia qualquer padronização. O que se sabe é que havia o mesmo design básico: uma ‘tigela’ para proteger o crânio, um protetor de pescoço (mais freqüente ao longo do tempo), uma faixa deflectora para proteger a testa e também parte do nariz e as placas de metal na bochecha para proteger o rosto.

No século IV DC, o capacete do Império Romano tardio, deixou o antigo desenho celta e foi substituído com base nos capacetes do Império Sassânida, caracterizados por uma tigela composta de duas ou quatro partes, unida por uma crista longitudinal. Alguns eram feitos de ferro e tinham uma folha de prata dourada, com adornos de pedras de vidro.

Seguros da nossa salvação em Cristo, nossa mente está protegida dos sofismas do inimigo e das vozes tentadoras que insistem em nos tirar do caminho do Senhor. Jesus é a nossa salvação. Em Is 59: 17 está escrito: “Vestiu-se de justiça, como de uma couraça, e pôs o capacete da salvação na cabeça; pôs sobre si a vestidura da vingança e se cobriu de zelo, como de um manto”. Há uma referência ao capacete também em 1 Ts 5: 8: “Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestindo-nos da couraça da fé e do amor e tomando como capacete a esperança da salvação”. Portanto, a quinta parte da armadura é **a certeza da nossa salvação**. Pela graça de Deus e pela nossa fé nEle somos salvos (Ef 2: 8).

A última parte da armadura é **a espada (herebh)**. A lâmina reta era feita de ferro (1 Sm 13: 19) e, algumas vezes, tinha dois fios (Sl 149: 6; Hb 4: 12). Era pendurada no

cinto do lado direito do portador e, usualmente, protegida por uma bainha. A bíblia fala que a espada do Espírito é a palavra de Deus; novamente a palavra simbolizando Jesus em ação na nossa vida. Somente a Palavra pode criar algo de bom, decepando as ervas daninhas da nossa terra e cortando os laços de passarinheiro e as cordas da aflição com que o inimigo tenta nos prender. Só a espada de Deus pode aparar as espadas afiadas que tentam nos ferir. Por isso, muitas vezes, na bíblia, o Senhor disse que estava colocando Suas palavras na boca dos Seus servos, como aconteceu com Jeremias, Isaías, Ezequiel e outros profetas. Foi o próprio Jesus que disse (Lc 21: 14-15): “Assentai, pois, em vosso coração de não vos preocupardes com o que haveis de responder; porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem”.

Algo interessante pode ser encontrado na literatura a respeito de armas e armaduras. A armadura é associada ao vocábulo **maddim** (‘armadura’, 1 Sm 17: 38. Maddim é o plural de mad, Strong #4055, מַדִּים; derivada de madad), que tem um aspecto defensivo, ao passo que a arma é associada ao vocábulo **nesheq** (‘armas’, 2 Rs 10: 2, נֶשֶׁק – Strong #5402), que tem um aspecto ofensivo. Isso nos faz pensar que Deus nos deu todas as armas, as defensivas e as ofensivas, para destruir as do diabo. Em 2 Co 10: 3-6 está escrito: “Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque *as armas da nossa milícia* não são carnis e sim *poderosas em Deus*, para destruir fortalezas; anulando nós, sofismas e toda a altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo, e estando prontos para punir toda desobediência, uma vez completa a vossa submissão”. E em 2 Co 6: 4a; 7 está escrito: “Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus... na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas”. Em grego, ambos os versículos escrevem a palavra ‘hoplon’ (ὅπλον – Strong #g3696), correspondente ao hebraico ‘nesheq’.

Portanto, a sexta parte da armadura é **a palavra de Deus** na nossa boca, agindo a nosso favor **pelo poder do Espírito de Deus** contra todo tipo de mentira e laço do maligno. Mas essa Palavra de Deus também deve ser uma palavra unguida para construir a vida dos irmãos, não para feri-los ou destruí-los. Feridas provenientes de palavras distorcidas da boca de crentes são mais mortais do que as que vem da carne de pessoas de fora (é lógico, sem o poder destrutivo de Satanás nelas).

Eu gostaria de repetir aqui o que coloquei no começo: a armadura não é algo produzido na força da nossa alma, em especial da nossa mente, mas dependente da ação divina, através do Seu Espírito. Em outras palavras, a armadura é uma cobertura espiritual, pois se trata do próprio Jesus em nós, Sua palavra viva agindo com poder.

Muitas vezes, sentimos certas coisas e não sabemos explicar; pensamos ser o diabo nos tocando, mas são apenas sentimentos distorcidos da nossa alma; são sentimentos humanos mal-trabalhados dentro de nós e que precisam ser esclarecidos por Deus quanto à sua origem para que possamos tomar a atitude mais conveniente, como: pedir perdão, pedir ajuda ao Senhor para transformar comportamentos e até aprender coisas novas. Todo ser humano tem uma tendência natural, como aconteceu no Éden, de transferir aos outros a responsabilidade de suas atitudes, por isso o alvo mais fácil é Satanás. Aí passamos a expulsar espírito disso ou daquilo, quando, na realidade, são emoções mal controladas ou obras da carne. Davi entendia disso, portanto, conversava com sua alma e a aquietava (Sl 62: 5-6; Sl 131: 2-3; Sl 116: 7; este último não confirmado como sendo da autoria de Davi). Ele, com certeza, não ignorava a existência do diabo, mas sua maior preocupação era estar no centro da vontade de Deus e limpo diante dEle. Tudo em nós está totalmente debaixo do controle do Espírito Santo e, se acharmos que tudo é espírito maligno, as trevas passam a ter uma dimensão muito maior

do que realmente têm. Se exagerarmos nas nossas orações e na nossa preocupação com a proteção espiritual, nós colocaremos tantas couraças que nos esqueceremos de louvar e agradecer ao Senhor pelo Seu amor derramado todo o dia sobre nossas vidas. Isso tudo traz uma sobrecarga muito grande à alma, gerando problemas que não teriam necessidade. É o Seu Espírito que nos dá discernimento se alguma coisa é gerada por espírito maligno ou se é nossa alma que está impressionada por algo. Na verdade, as obras da carne têm uma parcela significativa sobre nosso ser e sobre o que nos cerca. Reconhecer nossa fraqueza, nossa falta de conhecimento sobre alguma coisa, nossa carência de Deus e nossa total dependência da Sua misericórdia é que nos faz verdadeiros vencedores.

Uma das emoções que tocam nossa alma é o medo. Certa vez ouvi um comentário sobre o medo, numa pregação. Em inglês, a palavra é FEAR. Se imaginarmos que é uma sigla, teremos: F= falsa; E= expectativa; A= aparência; R= realidade. Portanto, o medo é uma falsa expectativa com aparência de realidade. Dessa forma, vindo da alma ou do diabo, de qualquer forma é uma mentira. O amor de Deus lança fora todo o medo. Viver debaixo do Seu amor nos guarda e protege do medo. Então, não ceda ao medo.

• 1 Jo 4: 8; 18: “Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor... No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor”.

Se você não tinha conhecimento da armadura ou não tinha certeza do que ela significa como proteção de Deus na sua vida, esteja certo que Ele o está revestindo, hoje, para ser um guerreiro e conquistar todas as bênçãos que já foram separadas para você. Talvez você tenha se sentido frágil e desprotegido até agora, mas desse momento em diante, você começará a sentir a força e a ousadia do Senhor em seu ser e todos os seus inimigos estarão sob seus pés. Aleluia!



Capacete, Couraça de metal para os líderes, Couraça de couro para os soldados



Cinturão (cingulum), Caneleiras, Espada de dois gumes



Escudo de madeira coberta de couro, Punhal, Sandálias de couro com pregos na sola



Coureira romana, Soldados protegidos por escudos, Dardo com ponta de ferro e cabo de madeira



Capacetes romanos

Alguns dos capacetes usados pelos legionários tinham um suporte de crista. As cristas eram geralmente feitas de plumas ou crina de cavalo, e eram de cor vermelha, embora pudessem ser encontradas em outras cores, como amarelo, roxo e preto. Segundo alguns escritores romanos do século IV, os legionários usavam cristas longitudinalmente e centuriões, transversalmente. No início do Império, os centuriões as usavam em todos os momentos, inclusive durante a batalha, mas no período do império tardio, os legionários e centuriões usavam as cristas ocasionalmente.

Soldado Romano



BATISMO



“E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e estando ele a orar, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” (Lc 3: 21-22).

Jesus foi batizado nas águas para nos dar o exemplo, assim temos a chance de vivermos uma nova vida com Ele, lavados e perdoados dos nossos pecados e de toda a nossa velha vida.

O termo **batismo**, na bíblia, é originado da palavra grega, **baptisma** (βαπτισμα), o sufixo (ma) enfatiza que ocorreu a imersão (imersiu), “βαπτίζειν” (baptizein) imergir. Na bíblia, se encontram o substantivo ‘batismo’ (baptisma, em Grego) e as palavras correspondentes aos diferentes tempos verbais do verbo ‘batizar’.

O termo ‘Batismo’ é a transliteração do grego ‘βαπτισμῶ’ (baptismō) para o latim (baptismus), conforme se vê na Vulgata em Cl 2: 12. Este substantivo também se apresenta como ‘βαπτισμα’ (baptisma) e ‘βαπτισμός’ (baptismós), sendo derivado do verbo ‘βαπτίζω’ (baptizō; baptizó), o qual pode ser traduzido por ‘batizar, imergir (ele imerge, ele batiza), banhar, lavar, derramar, cobrir ou tingir, conforme utilizado no Novo Testamento e na Septuaginta.

Baptisma significa ‘derramamento’, ‘entrar nas águas’, ‘ser conservado nas águas’, ‘sensação de permanência’, ‘submerso várias vezes’, ‘mergulhar’, ‘imersão’, ‘ser imerso’. Podemos ver essa palavra grega em:

- Mc 16: 16: “Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado”. Em Grego: o pisteusas kai **baptistheis** sôthêsetai o de apistêsas katakrithêsetai

Note que ‘baptistheis’ é o particípio passado do verbo baptizō; baptizó (βαπτίζω – Strong #907: Batizar, mergulhar, submergir, mas fala especificamente do mergulho cerimonial; usado apenas (no Novo Testamento) para a ablução cerimonial, especialmente da ordenança do batismo cristão). Então, quem crer será salvo; e quem crê em Jesus se batiza nas águas como uma ordenança Sua. Não é o batismo que salva, é a fé nEle, mas a imersão nas águas é o símbolo externo dessa fé, que traz a salvação.

- 1 Pe 3: 18-22: “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual, também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais noutra tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água, **21** a qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo; **22** o qual, depois de ir para o céu, está à direita de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes”. Aqui foi feito um paralelo com Noé, comparando a arca com o nosso espírito que deve

permanecer imerso no Espírito de Deus para manter a salvação. Em Grego (v. 21): o kai êmas antitupon nun sôzei **baptisma** ou sarkos apothesis rupou alla suneidêseôs agathês eperôtêma eis theon di anastaseôs iêsou christou

- Gl 3: 27: “porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes”. O batismo aqui se refere a permanecer nEle através do Espírito. Em Grego: osoi gar eis christon **ebaptisthête** christon enedusasthe

- Mt 3: 11: “Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo”. Em Grego: egô men **baptizô** umas en udati eis metanoian o de opisô mou erchomenos ischuroteros mou estin ou ouk eimi ikanos ta upodêmata bastasai autos umas **baptisei** en pneumatî agiô kai puri.

O batismo de João Batista era o batismo de arrependimento, onde as pessoas eram lavadas da sua vida de pecado, preparando-se para receber a palavra de Jesus. Explicando de outra forma: o batismo de João convencia o homem da necessidade do arrependimento e preparava os corações para a vinda do Messias (Mt 3: 2; 6; 11). Quem recebia esse batismo estava reconhecendo-se pecador diante de Deus. O batismo de Jesus Cristo (‘o batismo nas águas’) purificava do pecado e conferia o novo nascimento, ou seja, a vida eterna (Mt 28: 19; Jo 5: 21; 24) – At 19: 1-7. João sabia que o Reino de Deus que viria com Jesus seria marcado pela grande atuação do Espírito Santo na vida das pessoas (Is 32: 15; Is 44: 3; Ez 11: 19; Ez 36: 26; Ez 39: 29; J1 2: 28-29; At 2: 16-18). Mas aqueles que O rejeitassem, Ele os batizaria com fogo, o que provavelmente é uma alegoria do juízo de Deus.

- Lc 12: 50: “Tendo, porém, um batismo o qual hei de ser batizado; e quanto me angustio até que o mesmo se realize!” Jesus estava aqui se referindo ao Seu ‘batismo de sangue’ na cruz do Calvário. Em Grego: **baptisma** de echô **baptisthênai** kai pôs sunechomai eôs ou telesthê

- At 19: 5: “Eles, tendo ouvido isso, foram batizados em o nome do Senhor Jesus”. Aqui se refere ao batismo nas águas, o batismo de arrependimento e novo nascimento. Em Grego: akousantes de **ebaptisthêsan** eis to onoma tou kuriou iêsou

- Rm 6: 3-14: “Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? **4 Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela Glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida.** Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos. Sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros de seu corpo no pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça. Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei e sim da graça”. Refere-se ao batismo nas águas. Em Grego (v. 4): sunetaphêmen oun autô dia tou **baptismatos** eis ton thanaton ina ôsper êgerthê christos ek nekrôn dia tês doxês tou patros outôs kai êmeis en kainotêti zôês peripatêsômen

- Cl 2: 12: “tendo sido sepultados juntamente com ele, no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos”. Refere-se ao batismo nas águas. Em Grego: suntaphentes autô en tô **baptismati** en ô kai sunêgerthête dia tês pisteôs tês energieias tou theou tou egeirantos auton ek tôn nekrôn

- At 1: 22: “... começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição”. Em Grego: arxamenos apo tou **baptismatos** iôannou eôs tês êmeras ês anelêphthê aph êmôn martura tês anastaseôs autou genesthai sun êmin ena toutôn

- At 10: 37: “Vós conheceis a palavra que se divulgou por toda a Judéia, tendo começado desde a Galiléia, depois do batismo que João pregou”. Em Grego: uimeis oidate to genomenon rêma kath olês tês ioudaias arxamenon apo tês galilaias meta to **baptisma** o ekêruxen iôannês

- At 13: 24: “... havendo João, primeiro, pregado a todo o povo de Israel, antes da manifestação dele, batismo de arrependimento”. Em Grego: prokêruxantos iôannou pro prosôpou tês eisodou autou **baptisma** metanoias [arrependimento] panti tô laô israêl

- At 18: 25: “Era [Apolo] ele instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso de espírito, falava e ensinava com precisão a respeito de Jesus, conhecendo apenas o batismo de João”. Em Grego: outos ên katêchêmenos tên odon tou kuriou kai zeôn tô pneumatî elalei kai edidasken akribôs ta peri tou kuriou epistamenos monon to **baptisma** iôannou

- At 19: 3-4:

“Então, Paulo perguntou: Em que, pois, fostes batizados? Responderam: no batismo de João”.

“Disse-lhes Paulo: João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus”.

Em Grego:

3 eipen te pros autous eis ti oun ebaptisthête oi de eipon eis to iôannou **baptisma**

4 eipen de paulos iôannês men ebaptisen **baptisma** metanoias [arrependimento] tô laô legôn eis ton erchomenon met auton ina pisteusôsîn tout estin eis ton christon iêsoun

- At 22: 16: “E agora, por que te demoras [Paulo conta sua conversão]? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele”. Em Grego: kai nun ti melleis anastas **baptisai** kai apolousai tas hamartias [pecados] sou epikalesamenos [invocando] to onoma tou kuriou

- Ef 4: 4-5: “há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo”. Em Grego:

en sôma kai en pneuma kathôs kai eklêthête en mia elpidi tês klêseôs umôn eis kurios mia pistis en **baptisma**

PRIMEIRA PARTE: PARALELO COM AS ALIANÇAS

1) Paralelo com o pacto de Noé: lavar-se do pecado.

Noé e sua família passaram incólumes pelo juízo, e o próprio modo do julgamento contra o pecado, paradoxalmente, garantiu seu livramento. Vamos ler alguns textos sobre isso:

- Gn 6: 8: “Porém Noé achou graça diante do Senhor”.

- Gn 6: 18: “Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos”.

- Gn 7–8: relatam a entrada de Noé e sua família na arca, o Dilúvio, Noé e sua família saindo da arca e o altar erguido a Deus por Noé.

- 1 Pe 3: 18-22: “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual, também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais noutra tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água, a qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo; o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes”.

Semelhantemente, o crente passa pelo julgamento contra o pecado, seguro em Cristo. O poder para lavar a imundícia da carne reside na Sua morte e ressurreição. Sua morte representa para nós o estabelecimento do novo pacto e da nossa entrada pessoal nos seus benefícios.

2) Paralelo com o pacto Abraâmico: centraliza-se na circuncisão (circuncisão do coração):

- Dt 10: 16: “Circuncidai, pois, o vosso coração e não mais endureçais a vossa cerviz”.

- Rm 2: 29: “Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede de homens, mas de Deus”.

Em Gn 17: 9-14, o Senhor institui a circuncisão: “Disse mais Deus a Abraão: Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das tuas gerações. Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado. Circuncidarei a carne do vosso prepúcio; será isso por sinal de aliança entre mim e vós. O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações, tanto o escravo nascido em casa como o comprado a qualquer estrangeiro, ‘que não for da tua estirpe’ [NVI: ‘que não for da descendência de vocês’]. Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro; a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua. O incircunciso, que não for circuncidado na carne do prepúcio, essa vida será eliminada do seu povo; quebrou minha aliança”.

Em Cl 2: 13 está escrito: “E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos delitos”.

Portanto, a morte decorrente do pecado é comparada à incircuncisão, ou seja, falta total de conhecimento da obra renovadora de Deus. A circuncisão significava revivificação divina, portanto, o que a circuncisão era no pacto com Abraão, o batismo é para o cristão. Isso é indicado pelo uso da palavra **selo**. Selo significa: aquilo que é possuído com segurança, algo que está completo, sinal de autenticidade e autoridade.

Em Rm 4: 11-13, a circuncisão é chamada de **selo**: “E recebeu o sinal da circuncisão como **selo** da justiça da fé que teve quando ainda incircunciso; para vir a ser o pai da circuncisão, isto é, daqueles que não são apenas circuncisos, mas também andam nas pisadas da fé que teve Abraão, nosso pai, antes de ser circuncidado. Não foi

por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé”.

Em 2 Co 1: 21-22 e Ef 1: 13, a palavra **selo**, provavelmente, se refere ao **batismo**, uma interpretação baseada no emprego do verbo ‘ungir’ em At 10: 38, referindo-se ao batismo de Jesus. Vamos ler texto por texto:

- At 10: 38: “como Deus ungiu [*selou*] a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda a parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele”.

- 2 Co 1: 21-22: “Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu [*selou*] é Deus, que também nos selou [*batizou*] e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração”.

- Ef 1: 13: “em que também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados [*batizados*] com o Santo Espírito da promessa”.

3) Paralelo com o pacto Mosaico: libertação do diabo e separação para Deus.

- 1 Co 10: 1-4: “Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés. Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo”. A ceia do Senhor foi prefigurada no beber da Rocha (v. 4) e o batismo foi prefigurado no mar (batismo de arrependimento) e na nuvem (batismo no Espírito Santo). O batismo israelita simbolizava a separação; a passagem pelo mar os separou dos egípcios; a nuvem os separou para Deus (batismo no Espírito). Pedro apresenta o batismo como a liberação do crente do julgamento e a transição para o reino de Deus (1 Pe 3: 20-22).



SEGUNDA PARTE: BÊNÇÃOS ASSOCIADAS AO BATISMO

O batismo nas águas realiza em nós:

- 1) O novo nascimento, isto é, ter a remissão [perdão] dos pecados e nascer novamente no espírito, recebendo um espírito recriado e uma nova mente: a de Deus. João Batista conclamava o povo a arrepender-se prometendo a remissão de pecados:

- Mc 1: 4: “apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados”. Em Grego: egeneto iôannês baptizôn en tê erêmô kai kêrussôn **baptisma** metanoias eis apheisin amartiôn

- Mt 3: 2; 6: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus... e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados”. *Jordão* significa: divisor de águas, mentalidade nova, mudar e renovar a mente, ser limpo da lepra [pecado], separação entre a mente do homem e a mente de Deus.

- At 2: 38: “Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão [*perdão*] dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo”.

- Tt 3: 5: “não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo”. Ele fala sobre salvação e regeneração do nosso espírito, ou seja, pelo batismo nas águas nosso espírito é recriado e, assim, nossa alma será trabalhada pela ação do Espírito Santo em nós.

- Hb 10: 22: “Aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo [*remissão e novo nascimento*] com água pura”.

2) O despojamento do corpo da carne (negamos a nossa natureza carnal e nos assumimos como seres espirituais) e o sepultamento do pecado, nos separando definitivamente do mundo e do pecado (a nossa velha vida é ‘enterrada’ e ressurgimos para a vida eterna, como Jesus na Sua ressurreição):

- Rm 6: 1-14: “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela Glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos. Sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros de seu corpo no pecado, como instrumentos de iniquidade; mas ofereci-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça. Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei e sim da graça”.

O texto fala que fomos livres do pecado pela graça de Deus através do batismo, simulando Sua morte, ou seja, no batismo sepultamos nossa carne para podermos ‘ressuscitar’ ao sair da águas, como Jesus ressuscitou ao sair do túmulo. Agora temos uma nova vida, uma vida de santidade.

3) A circuncisão do nosso coração:

- Cl 2: 11-12: “Nele [*Jesus*], também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo, tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual fostes ressuscitados mediante a fé

no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos”. Circuncidar o coração significa: estar aberto para a ação do Espírito de Deus, vivificação divina.

4) Além de recebermos o Espírito Santo como um selo de propriedade exclusiva de Jesus sobre nós, o batismo nas águas nos habilita a recebermos o batismo no Espírito:

- Jo 3: 5: “Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água [*Ele queria dizer: conversão e batismo de arrependimento*] e do Espírito não pode entrar no reino de Deus”. Isso é algo profundo que precisamos entender. Não é o batismo que salva, e sim a confissão de Jesus como Senhor e Salvador (Rm 10: 9-10). Porém, sem o batismo essa salvação não é completa, pois não há o selo do Espírito, capacitando a pessoa a tomar verdadeiramente posse do reino de Deus; em outras palavras, sem o selo ela não tem autoridade para repreender demônios nem para realizar curas ou milagres.

- At 2: 38-39: “Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus chamar”. O batismo nas águas nos habilita a recebermos o batismo no Espírito Santo. O Espírito é dom prometido, tanto para nós, que viemos após os apóstolos, como para todos os que vierem depois de nós.

- At 8: 36-38: “Seguindo eles caminho fora, chegando a certo lugar onde havia água, disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que seja eu batizado? Filipe respondeu: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Então, mandou parar o carro, ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco”. Nada impede uma pessoa de se batizar, se ela crê de verdade.

- At 10: 47: “Porventura, pode alguém recusar água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?” Aqui as pessoas foram batizadas antes, por determinação divina, no Espírito Santo, depois foram batizadas águas.

- 2 Co 1: 22: “que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração”. O batismo nas águas garante a presença eterna do Espírito Santo em nós.

- Gl 3: 27: “porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes”. Somos revestidos da presença de Cristo através do batismo.

- Tt 3: 5: “não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo”. Isso significa que nossas boas obras não compram a salvação, nem garantem a presença do Espírito em nós. É pela misericórdia e pela graça de Deus e pela nossa fé.

5) Garante-nos a condição de filhos de Deus, nos dá entrada no Seu reino e participação ativa nele (filiação divina e autoridade espiritual):

- Mt 3: 17: “E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. O batismo nos torna filhos de Deus no momento em que entregamos nossa vida para Jesus.

- Mt 28: 19: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

- Jo 3: 3-5: “A isto respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer de novo, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus”. Note aqui alguns detalhes importantes. Quando o Senhor diz que ‘quem não nascer da água’, Ele está falando do batismo nas águas que traz a presença do Espírito em nós e permite que

entremos no reino de Deus. Mas quando fala, no versículo anterior sobre ‘nascer de novo’, Ele se refere à ação do Espírito em nós de uma forma mais forte e constante, trazendo transformação, ou seja, nos fazendo ver realmente o reino de Deus na nossa vida e a vida de Deus em nós, Sua vida plena e abundante.

- At 8: 14-25: “Ouvindo os apóstolos, que estavam em Jerusalém, que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João; os quais, descendo para lá, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo; porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus. Então, lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo. Vendo, porém, Simão [*o mágico, At 8: 9-13*] que, pelo fato de imporem os apóstolos as mãos, era concedido o Espírito [*Santo*], ofereceu-lhes dinheiro, propondo: Concedei-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo. Pedro, porém, lhe respondeu: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir, por meio dele, o dom de Deus. Não tens parte nem sorte neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, da tua maldade e roga ao Senhor; talvez te seja perdoado o intento do coração; pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniquidade. Respondendo, porém, Simão lhes pediu: Rogai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes sobrevenha a mim. Eles, porém, havendo testificado e falado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém e evangelizavam muitas aldeias dos samaritanos”.

O texto acima fala das vidas que foram conquistadas para o reino de Deus e de quantas delas receberam o Espírito Santo pela imposição das mãos dos apóstolos. Fala também que Simão, vendo que eles receberam de Deus esse poder, quis comprar o dom, mas foi repreendido por Pedro, pois a participação na Obra não se consegue por dinheiro, e sim pela fé na graça salvadora de Jesus e pelo amor a Ele. Simão, segundo a bíblia, tinha aderido à fé e se batizado nas águas (At 9: 13; será que havia se convertido de verdade?), porém, o Senhor não lhe havia concedido o batismo no Espírito Santo, pois conhecia as verdadeiras intenções do seu coração. Isso nos faz pensar que não é só batismo nas águas que nos capacita a fazer a Obra de uma maneira mais profunda, mas a força do batismo do Espírito Santo.

- Rm 8: 14-17: “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez atemorizados, mas recebestes o Espírito de adoção, baseados no qual clamamos Aba Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados”.

- 1 Co 12: 13: “Pois em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito”. Isso quer dizer que quando nos batizamos, passamos a fazer parte do Corpo de Cristo.

As bênçãos não operam automaticamente só por causa do batismo nas águas; elas só são garantidas por esse ato, mas serão desfrutadas mediante a fé obediente e ativa que se segue ao batismo (item 2: Rm 6: 1-11). É nossa obrigação viver em santidade prática.

Resumindo, **o batismo nas águas** realiza em nós:

O novo nascimento (nosso espírito é recriado), o despojamento do corpo da carne (negamos a nossa natureza carnal e nos assumimos como seres espirituais), o sepultamento do pecado (a nossa velha vida é ‘enterrada’ e ressurgimos para a vida eterna, como Jesus na Sua ressurreição – Rm 6: 3-4; Cl 2: 11-12), a circuncisão do nosso coração (derrubar a barreira ao fluir do Espírito Santo), nos garante a condição de filhos de Deus, nos dá entrada no Seu reino e participação ativa nele (filiação divina e

autoridade espiritual), assim como nos separa definitivamente do mundo (nosso dono passa a ser Jesus, pois o selo do Seu sangue está em nós).

Antes de terminar, quero falar um pouco sobre o **batismo no Espírito Santo**, que nos faz ficar imersos nele até o fim da nossa vida, se nós não apagarmos Sua chama no nosso espírito através do pecado. Em At 1: 8 Jesus diz aos apóstolos: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”. E em Lc 24: 49 ele diz: “Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder”. Essa palavra **poder**, aqui, vem do grego **dunamis**, que significa: **poder para realizar milagres**. Jerusalém simboliza nossa casa, Judéia nossa parentela e Samaria, nossos vizinhos e aqueles a quem o Senhor nos levar a pregar a palavra. Portanto, o **batismo no Espírito Santo** nos reveste com uma força extra para realizarmos a obra de Deus na terra. Ele nos capacita com o Seu fogo a realizar milagres. Em At 2: 1-41 vemos o batismo no Espírito Santo (Pentecostes) capacitando os discípulos para o ministério que Jesus já tinha separado para eles. A ação do Espírito foi tão marcante ali e nos dias que se seguiram que em At 4: 13 está escrito: “Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus”. Essa é só uma referência sobre a transformação que ocorreu após o batismo dos apóstolos. Todo o livro de Atos reflete as conseqüências desse ato espiritual. A característica do batismo com o Espírito é o falar em línguas estranhas (At 2: 1-13; At 10: 44-46 e At 19: 6). E em 1 Co 14, todo o capítulo, mas com enfoque ao versículo 4, Paulo fala que o orar em línguas edifica o nosso espírito. Devemos realmente orar em línguas para que nosso espírito fale com o Pai e assim seja fortalecido.

Em Lc 11: 13 está escrito: “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” Quando Jesus falou essas palavras, o Espírito Santo ainda não havia sido dado (Jo 7: 39, pois só veio no Pentecostes). Embora o Espírito Santo venha habitar em nós no momento da nossa conversão (Ef 1: 13), Ele vai nos enchendo com dons divinos e poder espiritual (1 Co 12: 1; 4-11) de acordo com o Seu chamado para cada um de nós e com o nosso exercício de fé e disposição de servir a Deus. Isso é incontestável (At 8: 14-17; At 19: 6). Tanto é que nos deixou a ordenança no batismo nas águas, mas o batismo no Espírito Santo, com dons e poder, é prerrogativa de Deus, pois Ele conhece os corações dos Seus filhos, e sabe como eles vão usar Seus dons (Lembre-se de Simão, o mágico em Samaria). Por isso, acho válido continuar pedindo, sim, o derramamento dos dons espirituais para servir ao Senhor de maneira mais completa. Eu sou prova viva do que significa “Batismo com o Espírito Santo!” e porque é necessária essa força na nossa vida cristã.

Portanto, se você já confessou Jesus como seu Senhor e Salvador, mas ainda não se batizou na águas, não perca tempo. O batismo é ordenança, não opção. Não deixe o diabo roubá-lo das bênçãos decorrentes dele. E se você ainda não tem o batismo no Espírito, peça; é seu direito e sua promessa dada por Deus.

O AMOR É O DOM SUPREMO



O título do texto de 1 Co 13, 1-13 é: **O amor é o dom supremo**. Paulo começa como que explicando o último versículo do capítulo 12 onde fala: “Entretanto, procurai com zelo os melhores dons. E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente”. Aí então escreve sobre o amor. Vamos então ler todo o texto:

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze [NVI: sino] que soa ou como o címbalo [NVI: prato] que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará. O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino. Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor.”

Falar sobre o amor hoje em dia parece ser uma coisa bem comum, já que até as músicas do mundo tocam no assunto; por isso, se tornou um assunto extremamente banalizado e distorcido, quando deveria ser algo de muito respeito, pois falar sobre o amor é falar sobre o próprio Deus. Em 1 Jo 4: 8 está escrito que Deus é amor.

Para falar sobre o verdadeiro amor precisamos deixar de lado, em primeiro lugar, as ações distorcidas e doentes do diabo que assumem a roupagem bonita e formosa de amor, mas são formas doentias e malignas de prender o ser humano em cadeias por muitos anos. O amor por ele apresentado é uma forma de mascarar a chantagem emocional, o abuso de poder, os sentimentos piegas (sentimentalismo ridículo), a vontade de dominar ou subjugar o próximo, tirar das pessoas o livre-arbítrio dado por Deus, manipular uns aos outros, colocar o fardo da preocupação sobre os ombros de quem ama e de quem é amado, desproteger uma vida em decorrência da preocupação descontrolada, desejos carnis ou simples atração física, dependências emocionais, ciúme e comportamentos possessivos que geram até impulsos homicidas em grau extremo de descontrole e outras atitudes ruins que só trazem dor e opressão.

Outra coisa muito importante de saber: os gregos deram nomes para as diferentes manifestações do amor (Eros, Philleo e Ágape; ou o Storge (gr. storgē), entre pais e filhos), mas isso foi uma divisão meramente humana; para Deus amor é amor, não importa se é entre um casal, entre pais e filhos ou entre amigos. Onde há respeito há

amor, onde as qualidades descritas acima em 1 Co 13: 4-7 estão presentes há amor, e onde há esse tipo de amor há Deus. Amor não é romance. É um engano pensar assim. O amor verdadeiro foi demonstrado na cruz e para chegar até lá nós precisamos crescer. O Ágape exige maturidade.

Vamos então ocupar o nosso tempo falando do amor planejado e demonstrado pelo próprio Deus através de Seu Filho Jesus.

Em primeiro lugar, o apóstolo Paulo começa dizendo que mesmo que se fale em línguas, se não houver em nós o amor verdadeiro, isso só vai ser ostentação de poder sem ter na verdade um objetivo proveitoso a atingir; seríamos apenas como um sino barulhento que mais irrita os que o ouvem do que produzirmos um som melodioso e agradável. Os que ouviriam a pregação sentiriam logo o vazio dela, pois seria palavra morta, sem a vida do Espírito de Amor do próprio Deus.

Em segundo lugar, ele fala que mesmo profetizando a palavra de Deus, conhecendo os mistérios e a ciência, tendo fé e realizando o impossível, sem o amor não seremos nada. Por isso, Jesus disse nos evangelhos àqueles que no final dos tempos reivindicarem o direito de estar no céu simplesmente por terem feito curas e profetizado em Seu nome: “Apartai-vos, vós os que praticais iniquidade, nunca vos conheci” (Mt 7: 23), porque sem o traço de semelhança com Ele, não poderemos ser reconhecidos como sendo Seus. O diabo também faz cura e profetiza, mas não sabe amar.

Em terceiro lugar, ainda que distribuamos nossos bens aos pobres e realizemos sacrifícios com nosso próprio corpo como prova de amor, se o AMOR verdadeiro não estiver em nós, nada vai aproveitar. Isso não nos garantirá lugar no céu nem a aprovação de Deus.

Podemos então resumir essas três condições em: não adianta falarmos bonito, não adianta realizarmos milagres em nome dEle nem profetizar Sua palavra, e não adianta praticarmos sacrifício ou boas obras. Nenhuma dessas coisas nos garante recompensa ou participação no reino dos céus. É necessária uma capacitação divina para exercer o amor, que é a própria natureza de Deus. Em primeiro lugar, é preciso ter o Espírito de Deus em nós, não só porque aceitamos Jesus como Senhor e Salvador, mas o batismo do Espírito que nos aperfeiçoará nos Seus dons e frutos, dos quais o amor é o dom primeiro e o imprescindível para que os demais se manifestem e sejam exercidos.

O amor é um conjunto de características descritas nos versículos que se seguem:

1º) **O amor é paciente.** A grande e primeira característica da presença do amor de Deus em nós é a paciência; paciência para que as coisas aconteçam, paciência conosco e com as pessoas, paciência com as circunstâncias e até com Deus, o que já nos coloca numa situação de humildade diante dEle e dependência da Sua ajuda. Num mundo tão informatizado, mecanizado e tão desesperado e preocupado com urgência, rapidez, eficiência e lucro, torna-se extremamente difícil a prática do amor verdadeiro porque não temos paciência nem humildade de reconhecer que somos aprendizes em algumas áreas e que é o exercício, o tempo e a prática que nos fazem eficientes naquilo que estamos aprendendo. Um médico não se torna médico em duas semanas na faculdade de medicina, nem sentado apenas numa biblioteca estudando sobre patologia médica (estudo das doenças), mas dentro de um hospital de oito a trinta e seis horas seguidas, às vezes, lidando frente a frente com o lado prático das situações. Um pastor não se torna pastor em três anos de convertido, só porque sabe de cor a palavra de Deus ou porque sabe expulsar demônio. Tanto para lidar com aparelhos quanto com pessoas, até com plantas e animais, precisamos ter amor, o que implica paciência para esperar a semente frutificar e o ‘filho’ nascer, ou o ‘pai (mãe)’ estar pronto para ser pai (mãe). Por isso, Deus fez o mundo em sete dias para nos mostrar que quando se ama o que gerou e quer fazer perfeito, deve-se ter paciência e meticulosidade, perseverança, persistência e

cuidado. A carne humana é impaciente porque vê o tempo cronológico; o espírito é paciente porque enxerga a eternidade, o tempo de Deus.

2º) **O amor é benigno.** Benignidade quer dizer: benevolência, indulgência, clemência, brandura, bondade, doçura; gentileza, desejo de servir aos outros, mostrar-se útil (agir com benevolência). É ter uma boa natureza, voltada ao bem sempre, pensando no bem-estar do semelhante como Deus pensa nos Seus filhos. É detestar tudo o que é maligno ou possa causar dano a outrem. É rejeitar e se opor à natureza do diabo e do mundo. Ser bom é saber fazer o outro feliz. E fazer o outro feliz implica respeito pelas suas vontades e necessidades. Muitas vezes, queremos dar algo a alguém, entretanto, não nos preocupamos se o que vamos dar vai fazer essa pessoa feliz ou não, porque nem todos os presentes agradam, simplesmente pelo fato de estar implícita aí uma necessidade. Por exemplo, pode ser lindo o vestido ou a peça de decoração que queremos dar à nossa amiga e, com certeza, ela ficaria feliz, pois o preço é caro e o produto é importado. Entretanto, pode ser que um pacote de macarrão dado com amor num momento de extrema dificuldade financeira seja a grande felicidade. Fazer o outro feliz, ser bom com o outro, significa termos sensibilidade para observá-lo, assim como suas necessidades, seus gostos, seus costumes, como Jesus fez com todos aqueles que se aproximaram dEle pedindo algo. Ele poderia simplesmente curar o cego, mas perguntou-lhe primeiro: “Que queres que eu te faça?” Isso foi, entre muitas outras coisas, um sinal de respeito pelo desejo do outro. É lógico que, como Deus, Ele sabia, mais do que o homem, o que ele necessitava. O cego poderia, simplesmente, ter pedido para Jesus para falar com aquele povo para consertar o teto de sua casa porque, se houvesse goteiras, ele poderia se machucar ao cair. Tenho certeza que se esse fosse o pedido, Jesus lhe concederia com prazer, porém, como Deus que era, mesmo que fosse só esse pedido, Ele o curaria também, porque sabia muito bem o que o faria verdadeiramente feliz. Portanto, exercer o amor é exercer a bondade de Jesus, fazer nosso próximo feliz seja com grandes como com pequenas coisas. Muitas vezes, ser bom não nos faz gastar dinheiro nem tempo; só um beijo ou um bom-dia basta; uma oração no momento do choro de angústia de um irmão é suficiente para trazê-lo novamente ao seu estado de bem-aventurança. A bondade está ligada à compaixão. Uma pessoa não consegue sentir compaixão por aqueles que sofrem algo que para ela é desconhecido. Por isso, Deus nos permite sofrer muitas coisas: para podermos entender o outro e sermos um canal verdadeiro de bênção como Jesus foi. O egoísmo e o não querer se comprometer com o próximo é inato no ser humano. O ensinamento de Jesus é: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei; chorai com os que choram e alegrai-vos com os que se alegram” (Jo 13: 34; Jo 15: 12; Rm 12: 15).

3º) **O amor não arde em ciúmes.** Em grego, a palavra usada para ‘ciúmes’ é ‘zeloo’ (Strong #2206, ζήλω), que significa: ter um sentimento ardoroso a favor ou contra; afetar, cobiçar (sinceramente), desejo, desejar, (mexer com) inveja, ser ciumento de, ser zeloso, zelosamente. Muitas vezes nos comportamos como crianças imaturas diante de Deus e sentimos ciúmes da aprovação dEle se um irmão fizer algo melhor que nós. Ele nos vê sob outro prisma, Ele olha o nosso coração de outra maneira. Quando Samuel foi enviado para ungir Davi, Deus lhe disse: “O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração”. Não arder em ciúmes significa: ser generoso. Generosidade é dar liberalmente, sem pensar que o que estamos dando nos pertence e é precioso demais para o darmos ao outro. Se tivermos ciúmes de algo que nos pertence, fica difícil dá-lo a alguém livremente, porque ficamos pensando naquilo o tempo todo. Assim é com o amor. Se dermos amor a alguém pensando que ele nos pertence, terminaremos com a sensação de que vai ficar faltando e, então, o reivindicaremos de volta para nos suprir. É aí que entra a diferença entre o amor humano e o amor divino. Nascemos como uma

visão errada de que amor é algo limitado e que tem uma cota diária para ser usada, por isso amamos de maneira restrita, exigindo de volta o que damos. É o que Paulo fala nas suas epístolas aos Coríntios (2 Co 6: 12): “Não tendes limites em nós; mas estais limitados nos vossos próprios afetos”. Muitos pais inculcam esse conceito errôneo nos filhos quando dizem: “Se você for bonzinho, papai lhe dá um brinquedo”, “Se você for uma menina boazinha, mamãe lhe dá um beijo”, ou então, “Olha só o que você fez! Eu odeio você!” Assim, a pessoa carrega esse amor condicional dentro de si por toda a vida e faz qualquer negócio para ganhá-lo; é o que se chama de: ‘a paz a qualquer preço’. Não precisamos sentir ciúmes se outros amam mais do que nós, ou se aquele a quem amamos é mais amado do que nós, ou se quem amamos só pode ser amado por nós e por mais ninguém. Jesus amou a todos na cruz e Seu amor deu e sobrou para todo mundo até hoje. Ele está disponível vinte e quatro horas por dia para quem quiser beber dele há mais de dois mil anos. Não precisamos ter ciúme do amor de Deus por outras pessoas, porque o Seu amor é suficiente para todos nós ao mesmo tempo. O interessante de tudo, a grande chave, é saber encontrar e receber Seu amor; em segundo lugar, aprender a amar como Ele ama: libertando. O amor humano prende, o amor divino liberta. Para encontrar o amor de Deus é fácil: apenas entrar em Sua presença pela oração e com o coração sincero, livre de pecados, sem medo de Sua punição e com a disposição interna de ser como Ele: um doador. Quando aprendermos a nos doar, descobriremos como Deus ama. Muitas pessoas se confundem e querem justificar seu egoísmo dizendo que cada um tem uma maneira própria de amar, o que de fato tem, mas o que está em jogo aqui não é a quantidade ou a forma de manifestação, e sim a qualidade do amor: “Ninguém tem amor maior do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (Jo 15: 13). A qualidade de amor que o Senhor fala aqui é a que Ele deu na cruz: a totalidade do Seu ser em disponibilidade a todos; em outras palavras, o que temos não nos pertence, nos foi dado gratuitamente pela misericórdia e graça de Deus sem o nosso merecimento, portanto, deve estar disponível a quem necessitar disso. O que temos de mais precioso é Sua palavra de salvação.

4º) **Não se ufana, não se ensoberbece.** Isso quer dizer: humildade. O verdadeiro amor se dá sem pedir condecorações pelo seu ato de doação e bondade. Não se orgulha de ter feito o bem, não fica contando seus feitos para todo mundo, não procura ser visto, mas alegra-se pelo fato de ter exercido o mandamento do Senhor, sabendo que a recompensa vem de cima. Não precisamos de demonstrações exageradas de afeto ou de grandes presentes para dizer que amamos; pelo contrário, o amor é uma semente pequena que precisa ser semeada, adubada e regada todo o dia como um estilo de vida, não como um ato esporádico de benfeitoria. O amor implica em cuidado constante com aquilo que se ama, até com coisas inanimadas como uma casa ou com o templo do Senhor. O ato de amor exige constância e vigilância para que nada cause dano ao que está sendo cuidado. É assim que Deus faz conosco: dia a dia Ele cuida e vigia para que nada nos cause dano (Is 27: 3: “Eu, o Senhor a vigio e a cada momento a regarei; para que ninguém lhe faça dano, de noite e de dia eu cuidarei dela”).

5º) **Não se conduz inconvenientemente.** Significa: delicadeza, discrição. O verdadeiro amor é delicado, discreto, respeita a vontade, o direito, o descanso, as limitações do outro e procura sempre o melhor momento para se manifestar. Para isso, é necessário desenvolver a sensibilidade. Assim como o Espírito Santo é delicado e procura um momento oportuno para nos falar sem nos expor ao ridículo, devemos fazer o mesmo com aqueles a quem dizemos que amamos, não chamando sua atenção na frente dos outros por pouca coisa ou apenas por um costume, uma ‘brincadeirinha’ que causa mal-estar em todos os que estão à volta. Brincar com a maneira de ser das pessoas, com suas limitações, tiques nervosos ou problemas, principalmente na frente

de outros, até na frente de um grande público, não agrada o coração de Deus. Esposos e esposas, pais e filhos, irmãos e irmãs, amigos e amigas, namorados, alunos e professores, patrões e empregados, pastores e ovelhas e assim por diante, todos precisam rever suas atitudes para que a rejeição, a divisão, a inimizade e o ódio desapareçam dos relacionamentos. O amor levanta o caído e o exalta diante dos que o humilharam. Foi o que Jesus fez o tempo todo. Lembre-se da mulher do fluxo de sangue; de Jairo, o chefe da sinagoga; do centurião; dos leprosos; de Zaqueu; da mulher adúltera que ia ser apedrejada; da mulher que enxugou Seus pés com os cabelos na casa de Simão; da história do filho pródigo; da viúva pobre; das crianças que queriam estar com Ele; de Maria que era criticada por Marta; de Maria Madalena que foi liberta de sete demônios e passou a acompanhá-LO; da mulher samaritana que já tinha tido cinco homens, mas nenhum deles fora seu marido de verdade; dos cegos que foram curados; do malfeitor preso na cruz ao Seu lado; do endemoninhado gadareno e outros. Jesus não ridicularizou nenhum deles; pelo contrário, teve sensibilidade para com eles, soube se portar convenientemente; soube amá-los.

6º) **Não procura seus interesses.** Isso quer dizer: entrega. Quem ama não se preocupa se amar o outro vai dar lucro, retorno, ou não. É saber suprir a necessidade do semelhante sem ver nele um ‘investimento’ para o futuro. Pessoas não são contas poupança que vão dar rendimento posteriormente. Isso se refere a casais, famílias, amigos, relacionamentos com irmãos em Cristo etc. O cuidado mútuo vai ser o resultado de uma semente que se plantou; vai ser um exercício do amor, não uma obrigação sujeita a pena ou julgamento. Se assim fosse, Jesus teria levado uma total desvantagem conosco, pois nenhum de nós, por melhor que façamos, podemos retribuir à altura o que Ele nos deu; nem adianta tentar. O respeito pelo outro não é uma coisa que se compra, vende ou exige, porém, se ganha no dia a dia, dependendo da atitude daquele que o quer. Jesus não precisava exigir respeito; Sua atitude diária por si só já era digna de respeito. Ele amou incondicionalmente, sem procurar Seus próprios interesses, mesmo quando Lhe negavam acolhida. Você se lembra da passagem que Jesus disse: “As raposas têm seus covis e as aves dos céus seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”, porque recusaram estadia para ele naquela cidade? – Mt 8: 20. Ele não os amaldiçoou, apenas continuou Seu caminho.

7º) **Não se exaspera.** Significa: tolerância. Que coisa difícil sermos tolerantes com a lentidão dos outros, com seus hábitos e costumes, até com sua ansiedade e stress, pois muitas vezes, nos afetam e tiram nossa paz de espírito! Às vezes, é difícil até sermos tolerantes conosco, com o nosso próprio crescimento e compreensão das coisas naturais e espirituais. O perfeccionismo que afeta a maioria das pessoas é um reflexo da intolerância em relação às próprias imperfeições, o que acaba gerando uma cobrança nos outros e impedindo o livre fluir do Espírito de Deus. Onde tudo tem que ser perfeito, o Espírito Santo não age, pois o nosso conceito deformado de perfeição é completamente diferente do Seu. Devemos buscar a perfeição, sim, o que nos leva a pensar que devemos buscar a semelhança com Jesus, fazer o melhor que podemos para Ele, para nós e para os outros, mas estando cientes das nossas limitações e sabendo elogiar alguém ou a nós mesmos quando descobrimos que o amor com que algo foi feito esteve acima da neurose humana de atingir a perfeição. Para o Senhor, a perfeição está relacionada a sermos completos, ou seja, é nossa união com Ele que nos torna perfeitos, pois Ele nos completa, preenche nossos espaços vazios e nos supre nas nossas deficiências. A perfeição não é a ausência de pecado; ela indica plenitude, maturidade, exercendo a lei do amor a Deus e aos homens. O Senhor disse a Abraão: “Anda na minha presença e sê perfeito” (Gn 17: 1b). Existe outro versículo que diz: “Porque, se há boa vontade, será aceita conforme o que o homem tem e não segundo o que ele não

tem” (2 Co 8: 12). Fazer o melhor que podemos é ser perfeito. Por outro lado, o perfeccionismo é uma forma de rejeição contra nós mesmos e nos torna inflexíveis diante daquilo com que necessitamos ter flexibilidade como, por exemplo, lidar com gente como a gente. O perfeccionismo acarreta jugo e impede o riso, gera formalidade e impede a comunhão verdadeira no Ágape (em grego, o amor de Deus), pois nos sentimos inibidos de sermos nós mesmos. Entristece o coração de Deus, pois tira de nós a humildade e a espontaneidade e dá lugar ao orgulho. Jesus era tão tolerante que suportou a mente fechada e o tradicionalismo dos fariseus julgando Sua sã doutrina; suportou a incompreensão e a arrogância de Pilatos julgando se devia ser solto ou preso. Era tão tolerante que se dispunha a comer com ladrões, bêbados e prostitutas para lhes levar a verdadeira luz. Era tão tolerante que agüentava as mudanças de humor de Pedro. Era tão tolerante que suportava ver Judas como Seu tesoureiro. Era tão tolerante que ouvia as histórias mais compridas e absurdas, quando podia ir direto ao assunto, curar a pessoa de uma vez por todas e sair para fazer outra coisa. É tão tolerante conosco que trabalha por anos a fio na mesma ferida e no mesmo trauma até que estejamos perfeitamente curados e estejamos totalmente seguros para enfrentar novos desafios, mesmo quando qualquer psicólogo já desistiu de nós. É tão tolerante que não desiste de nos transformar de ‘pedras brutas’ em ‘cristais lapidados’ ou ‘esculturas’ perfeitas semelhantes a Ele. Que temos a dizer diante disso?

8º) **Não se ressentido do mal.** Significa: inocência, não guardar rancor diante das coisas que nos fazem. Quem ama esquece e perdoa, faz vista grossa diante de certas coisas para não ser ferido. É mais um item das difíceis características do amor, e só por ação divina em nós é que conseguiremos superar as provas da vida. É exercitar, pela fé, o que Davi teve que exercitar na família e diante de Saul. É preferir ser feliz a ter razão. É deixar a justiça na mão de Deus, assim como a escolha de certas circunstâncias para não sofremos mais do que o necessário. Não é fugir do desafio, é simplesmente ter sabedoria e prudência. É fazer o que Davi fez diante da revolta de Absalão e deixar Deus decidir. Amar com inocência é fazer as coisas na simplicidade de uma criança, apenas porque dá prazer em fazer, não porque os outros vão achar adequado ou não. Atualmente somos tão exigentes em tudo, que até na questão do amor queremos julgar as atitudes. Amar sem se ressentir do mal é ser como criança na malícia e viver debaixo das asas protetoras de Deus Pai, ao invés de sermos tão adultos como os homens desejam que sejamos; é fugir das atitudes carnisais que trazem peso ao nosso ser.

9º) **Não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade.** Significa ser sincero, fazer o mesmo que Jesus fez no passado e ainda faz conosco: amar o pecador, mas odiar o pecado. É saber que nós podemos errar, todavia, não precisamos ser coniventes com o erro ou com as coisas que entristecem o coração de Deus. Na verdade, é vivenciar o verdadeiro arrependimento e mostrar esse arrependimento aos que estão no caminho errado, até para que possam gozar a intimidade com o Senhor. Arrepende-se é reconhecer o erro e mudar de atitude. Quando amamos nossos irmãos e as coisas de Deus, também nos importamos se o diabo os está enganando e roubando deles ou através deles as bênçãos divinas ou violando Sua santidade. É, muitas vezes, tomar partido de certas causas por amor à Sua justiça, mesmo nos custando a falta do apoio dos acomodados ou dos covardes; é defender aqueles que não podem se defender e lutar para erradicar a tristeza, trocando-a por um sorriso de satisfação nos lábios de alguém. Em resumo, repetir o que Jesus veio fazer aqui na terra: destruir as obras do diabo. A sinceridade, entretanto, não deve ser uma desculpa da carne para colocar o outro ‘para baixo’ ou minar sua esperança e sua fé, e sim, a sinceridade de mostrar no próprio semblante a aprovação ou a desaprovação com as situações e atitudes que nos afrontam;

é exercer a disciplina e a autoridade para preservar a vida de Deus em nós e nos que amamos.

O texto continua dizendo que o amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. E isso até que veja cumprida a justiça e a verdade de Deus em cada situação.

O capítulo também fala que o amor jamais acaba. Mesmo quando chegarmos à eternidade, onde não mais haverá necessidade de profecias, ou ciência ou o falar em línguas, o amor persistirá, pois é o próprio Deus e Ele é eterno. O segredo é trazer esse amor hoje para dentro de nós e vivermos Sua essência neste momento. Hoje, conhecemos as coisas em parte, como diz Paulo, pois ainda não estamos totalmente imersos em Deus, mas no final dos tempos, quando nos unirmos a Ele e tivermos consciência de Sua verdadeira essência, aí não precisaremos mais das nossas suposições nem das experiências carnis e imperfeitas porque conheceremos, face a face, Aquele que é perfeito. O texto termina com um comentário interessante de Paulo, confirmando o seu crescimento com Deus, o que lhe trouxe a maturidade e, conseqüentemente, uma visão mais ampla do amor.

Ele diz: “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino”. A palavra ‘menino’ significa, em grego: ‘infantil, inábil, analfabeto, bobo, inseguro e totalmente dependente dos outros’. ‘Homem’ significa: ‘ter autoridade e comando’. ‘Sentir’ significa: ‘opinião sobre si mesmo’. ‘Pensar’ significa: ‘considerar, avaliar, fantasiar’. ‘Falar’ significa: ‘pregar’. No caso da criança, significa: ‘falar sem saber a verdade da situação, o que os outros esperam que a ela diga ou sinta’. O que Paulo quer explicar é que, quando ele era imaturo em matéria de amor, fantasiava, era inseguro, tinha uma opinião diferente de si mesmo, dependia da informação e da experiência dos outros, dizia o que os outros queriam que ele dissesse ou sentisse, sem saber a verdade da situação. Entretanto, quando a revelação de Deus veio plena sobre ele, passou a ter mais segurança, entendimento e autoridade; o medo foi embora. Além disso, conheceu mais de Deus. Ele continua dizendo que sua caminhada ainda não terminou, porém, conhecerá as coisas como Deus as vê, como Ele o conhece no seu íntimo. A fé, a esperança e o amor não morrem, entretanto, o maior de todos é o amor, pois é o próprio Deus gerando fé e esperança em nós.

O amor não pode ser algo frouxo, displicente, complacente demais com o que não merece, mas firme e forte, muitas vezes, para não permitir que aqueles a quem amamos venham a se perder. É um engano pensar que quem ama é bonzinho sempre e não repreende, pois isso negaria a própria palavra de Deus que diz que Ele é amor, mas também diz que repreende o filho que ama. Se Deus nos deixasse fazer tudo o que a nossa carne quisesse, estaríamos todos no pecado e não salvos. Foi por amor a nós que Ele permitiu a tortura do Seu próprio Filho na cruz. E é por amor a nós que Ele nos disciplina para que não venhamos a perder a salvação. Isso não quer dizer que Ele nos pune com ódio ou violência, e sim que a Sua disciplina é temperada com a misericórdia.

O amor é o dom supremo como está escrito na Palavra, mas também é um fruto do Espírito (Gl 5: 22), ou seja, o exercício do amor gera mais amor; em outras palavras: quando se planta amor, se colhe amor.

Uma dica: Se você não sabe como amar uma determinada pessoa, tente perguntar a ela como ela quer ser amada, como ela se sente amada, de que forma ela vê o amor ou percebe a demonstração do amor de alguém por ela. Você pode se surpreender com a simplicidade da resposta. Talvez ela não esteja sendo tão exigente quanto você está pensando; pelo contrário, sua necessidade pode mais simples do que você possa imaginar.

Nós pouco sabemos do amor verdadeiro, quase nada, por isso devemos pedir a Deus que tire de nós as distorções e coloque a Sua verdade dentro do nosso ser para que ela possa atuar na nossa própria vida e na de outros. Que esse seja o primeiro dom a ser buscado, pois os outros só poderão agir através dele. Tenha certeza de uma coisa: é 'lição de casa' para o resto da vida.

- O amor não compactua com o pecado e não provoca as pessoas; respeita.
- Ter tempo para alguém e se comunicar livremente é uma forma de demonstrar amor.
- Como a fé sem obras é morta (Tg 2: 17), palavras sem amor e sem ações práticas não são nada (1 Co 13: 1-3).
- Quem ama sabe fazer outra pessoa feliz; não nega à outra aquilo que a faz feliz.
- Amar é se mostrar presente e participante; é rir e chorar junto.
- Amor não é sentimento, é atitude de fé, entrega a Deus e coragem para obedecer-Lhe.
- Amor é uma semente que alguém planta, espera germinar, vê crescer e se alegra em colher.
- É uma estrada de mão dupla, onde um vai e outro volta.



ESTUDO BÍBLICO SOBRE ECLESIASTES 9: 8



“Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes e jamais falte óleo sobre a tua cabeça” (Ec 9: 8).

No Oriente Médio, o costume de uma pessoa de receber um hóspede em sua tenda era algo feito com muito prazer e cortesia. O beijo e a lavagem dos pés não era apenas um ritual costumeiro, mas um sinal de asseio e civilidade (Mt 6: 17). O anfitrião derramava azeite perfumado sobre a cabeça do visitante para trazer conforto e alívio do calor e da poeira (Ec 9: 8). O óleo traz alívio à pele ressecada. A cabeça unguida com óleo é uma figura bíblica comum para abundância de alegria (Is 61: 3; Sl 45: 7).

O convidado também recebia um beijo no rosto e tinha seus pés lavados (Gn 18: 4-8; Lc 7: 44-46). Lavar os pés do convidado era para tirar a poeira das estradas, sinal de asseio, conforto e hospitalidade, geralmente feito pelos escravos mais desprezíveis, uma coisa que foi feita espontaneamente pela mulher pecadora e pelo próprio Jesus (Lc 7: 38; Jo 13: 5).

O beijo (no NT escrito como ‘ósculo santo’ – 1 Ts 5: 26, Rm 16: 16 ; 2 Co 13: 12: “Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo”) era uma forma de saudação, uma expressão de afeto fraterno e de unidade entre os cristãos. Na Antiguidade e na bíblia, o beijo era uma forma comum de saudação e expressão de carinho. O beijo também é mencionado em Lc 7: 45, quando a mulher pecadora beijou os pés de Jesus e ele falou a Simão que ele tinha se esquecido dessa cortesia.

Além disso, na Antiguidade, era difícil manter as vestes brancas limpas (quer dizer, até ficarem totalmente brancas – cf. Mc 9: 3). Por isso, entre as orientações dadas por Salomão neste capítulo de Eclesiastes, está a de manter as vestes alvas (brancas, limpas) e a cabeça unguida com óleo, como um símbolo de pureza, santidade e alegria.

Mas, para nós hoje, este versículo tem significados mais profundos.

O versículo começa dizendo que as nossas vestes devem sempre ser alvas, brancas, isto é, limpas e sem pecado, porque foram alvejadas no sangue de Jesus (Ap 7: 14). A bíblia fala que nós somos o santuário do Deus vivo, ou seja, um templo onde o Espírito Santo habita (1 Co 3: 16-17; 1 Co 6: 19-20; 2 Co 6: 16) e, logicamente, um lugar sem as impurezas do pecado e sem o domínio da carne humana, caso contrário haveria disputa sobre a autoridade e o senhorio de Deus em nossas vidas. Ao nos entregarmos de todo o coração a Jesus no momento da nossa conversão, nós deixamos de ser de nós mesmos e passamos a ser propriedade do Senhor. Agora, como servos e filhos nós Lhe devemos obediência. A obediência ao Senhor é uma forma de demonstrarmos o nosso amor a Ele: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele... Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada. Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai, que me enviou” (Jo 14: 21; 23-24 cf. 1 Jo 5: 3).

Por isso, a bíblia diz para desenvolvermos a nossa salvação e a nossa santificação, pois assim estaremos prontos para entrar na Nova Jerusalém, nossa morada celestial. Ela também diz que não somos nós que fazemos a nossa própria santificação, e sim o Espírito de Deus que habita em nós, mas somos nós que, através do nosso livre-arbítrio, damos a Ele espaço para trabalhar dentro da nossa alma (Fp 2: 12-13; Fp 1: 6; Zc 4: 6). O apóstolo escreveu em 1 Jo 3: 9: “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus”. João também escreveu em 1 Jo 5: 18: “Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes Aquele que nasceu de Deus o guarda e o Maligno não lhe toca”. No original em grego, está escrito: “... aquele [em relação à palavra Aquele, com letra maiúscula] que nasceu de Deus e a si mesmo se protege”. Isso quer dizer que (sendo o próprio Jesus ou o Espírito Santo ou o nosso próprio espírito na força do Senhor, não importa) todos os que experimentaram o novo nascimento através da entrega a Jesus não continuam a pecar, pelo menos conscientemente, pois têm dentro de si a sabedoria de Deus e o Seu discernimento. Sua palavra é eterna e não mente jamais. É ela que nos dá a direção quando estamos em apuros e necessitamos de uma orientação correta.

Em relação a pecado, podemos dizer que não se trata apenas de roubar, matar ou adulterar, como muitos pensam. Por isso, o apóstolo João também escreveu em 1 Jo 1: 8-10: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós”. Isso não contradiz o que lemos acima, ou seja, quem nasceu de Deus não vive cometendo pecado, mas continua tendo dentro de si a natureza do pecado colocada no homem no Éden. Embora com a tendência ao pecado, quem é filho de Deus sabe dominá-lo, e não peca. Por isso, quando Caim ficou contrariado pelo fato de Deus ter rejeitado a sua oferta em relação à de Abel, o Senhor lhe disse: “Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo” (Gn 4: 6-7).

Um dos significados gregos da palavra ‘pecado’ é HAMARTIA = errar o alvo. Porém, existem outros como: ADIKIA = iniquidade, injustiça; PONERIA = mal, de um tipo vicioso ou degenerado; PARABASIS = transgressão, ir além de um limite conhecido; ANOMIA = falta de lei, desrespeito ou violação da lei. Pecado é o fracasso de amar a Deus com todo o nosso ser, é a recusa ativa de reconhecê-LO e obedecer-Lhe como nosso Criador e Senhor, independência, reivindicar a posição que somente Deus pode ocupar, hostilidade para com Deus (Rm 8: 7: “Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar”), manifestada em rebeldia ativa contra Ele, tomar de Deus o que é dEle. Assim, nós podemos entender que somos pecadores, apesar de não vivermos em pecado consciente todo o tempo; mas somos livres quando deixamos que o Espírito de Deus comande a nossa vontade, nossos pensamentos e sentimentos.

O pecado suja as nossas vestes e é por isso que o versículo de Eclesiastes fala para mantê-las sempre alvas. Uma forma de sujá-las, além dos pecados mais evidentes, que são as obras da carne mencionadas em Gl 5: 19-21, é mantermos comunhão mais íntima com incrédulos, pois isso mina a nossa força. É o que Paulo escreve em 1 Co 5: 9-13 e 2 Co 6: 14-18: “Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros; refirome, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo. Mas, agora, vos

escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou bebedor, ou roubador; com esse tal, nem ainda comais. Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Não julgais vós os de dentro? Os de fora, porém, Deus os julgará. Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor”... “Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo? Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso”.

O mais importante é nos entregarmos nas mãos do Espírito Santo e deixar que Ele gradualmente nos santifique, tirando da nossa alma o gosto pelas coisas do mundo e colocando dentro dela o gosto pelas coisas de Deus.



A segunda parte do versículo é: “... e jamais falte óleo sobre a tua cabeça”. Aqui, nós vamos falar sobre o significado da palavra ‘unção’. A unção é como um escudo que nos cobre por inteiro para que o maligno não tenha poder de nos tocar. A palavra ‘ungido’ e o ato de ungir com óleo (Mashach) referem-se ao costume de ungir com óleo para consagrar e santificar as coisas ou as pessoas. O óleo da unção representa o Espírito Santo (Ruach haKodesh) ou o Espírito de Deus (Ruach Elohim). A especiaria, o perfume, a fragrância, simboliza Jesus (2 Co 2: 14-16). Mashach dá origem a Mashiach (Messias), o Ungido (em grego, o Cristo). Ruach significa ‘espírito’, ‘vento’. ‘Santo’ (Hagios, gr.) significa: sagrado, puro, sem culpa, consagrado, separado, digno de ser honrado, semelhante a Deus, ter a natureza mais íntima de Deus, ser separado e reservado para Deus e para o seu serviço. Ele quer ver esta característica em nós, por isso diz: “Ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo e separei-vos dos povos, para serdes meus” (Lv 20: 26).

A bíblia diz: “E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito” (Ef 5: 18). Como fazemos para sermos cheios com o Espírito e

deixar Sua unção transbordar? Isso começa como hábito de ler Sua palavra, orar, louvar e deixar que ela realize sua função, que é nos limpar, fortificar e edificar (1 Pe 5: 10). Também, quando nós nos deixamos ser canais para o Espírito Santo abençoar outras vidas e realizar a Obra de Deus na terra, nós multiplicamos a unção que recebemos dEle e aprimoramos os dons espirituais. Por outro lado, quando deixamos a carne prevalecer, o espírito se enfraquece e a unção diminui.

Por isso, meu irmão, minha irmã, entregue sua vida nas mãos do Senhor e Ele colocará o Espírito Santo dentro do seu espírito. Através dEle você será salvo e santificado e receberá os dons e frutos espirituais necessários para o seu crescimento e para a edificação de outros irmãos em Cristo.

MINISTÉRIOS NA IGREJA



Existem dois textos básicos que falam sobre os ministérios estabelecidos por Deus aqui na terra, mostrando os diferentes modos pelo qual podemos servi-lo e contribuir para o crescimento do Corpo de Cristo. Os dois textos são:

- 1 Co 12: 1-31a (Rm 12: 7-8; 1 Pe 4: 10-11): “A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados. Por isso, vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema [*significa: amaldiçoado*], Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor, Jesus!, senão pelo Espírito Santo. Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso. Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra de sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra de conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade de interpretá-las. Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente. Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Se disser o pé: Porque não sou mão, não sou do corpo; nem por isso deixa de o ser. Se o ouvido disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; nem por isso deixa de o ser. Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde, o olfato? Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve. Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo? O certo é que há muitos membros, mas um só corpo. Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós. Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; e os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos revestimos de especial honra. Mas os nossos membros nobres não têm necessidade disso. Contudo, Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam. Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros deste corpo. A uns estabeleceu Deus, na Igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois dons de curar, socorros, governos, variedade de línguas. Porventura são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou,

operadores de milagres? Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos? Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons”.

• Ef 4: 1-16: “¹ Rogo-vos, pois eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da **vocação** a que fostes chamados, ² com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor [NVI: com toda humildade e mansidão; com paciência, suportando uns aos outros com amor], ³ esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz; há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação [= *chamado*]; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos. E a graça [= *dom espiritual*] foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo [NVI: ‘E a cada um de nós foi concedida a graça, conforme a medida repartida por Cristo’]. Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens. Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido até as regiões inferiores da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas. E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor”.

Tomando como base, inicialmente, Ef 4: 1, vamos encontrar escrita a palavra **vocação**, em grego, **Klesis** (klêseôs), que significa: ‘convite para um banquete’. Por aqui, já podemos perceber que exercer um ministério é um privilégio dado por Deus, um convite a participar das bênçãos do Seu reino, pois ao servi-LO e ao servir o próximo em amor, estamos de certa forma semeando em boa terra e colheremos os frutos do nosso trabalho, ou seja, do melhor que Deus tem para nós.

As características principais de quem quer exercer um ministério estão no versículo 2: humildade, mansidão e longanimidade. Se formos verificar em Gl 5: 22-23 veremos que estas características são frutos do Espírito. **Humildade** é saber que dependemos de Deus em todas as situações, não importando a posição que ocupamos dentro da Igreja ou da sociedade. É ser cômico da carência de Deus e da dependência dele. É se esvaziar do próprio ‘eu’ para que o Espírito Santo encha esse vazio. Não deve ser confundida com humilhação, baixa auto-estima, falta de dinheiro ou de posses materiais, tampouco com a negação da autoridade espiritual que já nos foi dada por Deus. **Mansidão** significa: serenidade, tranquilidade, calma, se deixar moldar por Deus, ter calma pela certeza da vitória, ter segurança de que tudo tem solução. Ser manso é ser submisso à vontade de Deus, às Suas leis e ao plano divino. Neste versículo de Ef 4: 2, a palavra grega para mansidão é praotês, πραότης, Strong #4236, que significa: brandura (suavidade), gentileza, mansidão, bondade, humildade. **Longanimidade** significa: generosidade, paciência. Por aí, podemos deduzir que não há ministério sem antes haver dons e frutos espirituais, ou seja, o dom espiritual gera frutos e o exercício desses frutos define o ministério. Mais adiante, podemos ver que Deus tem um propósito distribuindo os ministérios que é o aperfeiçoamento dos Seus filhos e a edificação do Corpo de Cristo, a fim de que todos nós cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento de

Jesus, à maturidade espiritual. Agindo dessa maneira, contribuiremos para o crescimento da Igreja do Senhor (Ef 4: 12-16). Portanto, somos membros de um único Corpo e nosso desempenho pessoal é importante para que ele se fortaleça.

Ainda em Ef 4: 11 vamos ver que Deus concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres. O verbo **conceder** em grego, **didomi** (δίδομι), quer dizer: ‘dar algo a alguém, privilégio, concessão, transferir uma propriedade, trocar, capacidade, objetivo, faculdade de fazer’. Na conjugação do verbo didomi, a ação passada é escrita como **edôken**, ἔδωκεν, ‘deu’ (kai autos edôken tous men apostolous tous de prophêtas tous de euaggelistas tous de poimenas kai didaskalous, ou seja, ‘E ele mesmo *concedeu* uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres’). **Didomi** tem outros significados, neste e em vários textos bíblicos, tais como: ‘dar algo a alguém, dar algo a alguém para sua vantagem, outorgar um presente, conceder, suprir as coisas necessárias, entregar algo aos cuidados de alguém, confiar algo a ser administrado, dar ou confiar a alguém alguma coisa para ser religiosamente observada, dar o que é devido ou obrigatório, pagar (salário ou recompensa), de nomear para um cargo, dar algo a alguém como seu (como objeto de seus cuidados), dar alguém a alguém para cuidar dos seus interesses, conceder ou permitir, comissionar, entregar, dar algo para quem isso já lhe pertencia, devolver’. Todos esses significados vêm confirmar o privilégio dado por Deus ao determinar um ministério específico para um filho Seu. O trabalho para Ele deveria ser visto não como um fardo ou como uma cobrança divina, mas um meio providenciado pelo Pai para nos fazer felizes, pois, na verdade, nós só nos realizamos nEle e no cumprimento da Sua vontade com alegria. Se olharmos o texto de 1 Co 12, poderemos entender também que para Deus todos nós somos importantes, mesmo que aos olhos humanos a forma de servi-LO possa parecer menos digna ou menos vistosa. Em 1 Co 12, Paulo mistura propositadamente ministérios com dons espirituais. Em Ef 4: 11, os ministérios estão definidos de maneira mais clara: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres.

Apóstolo vem do grego, **Apostolos (Apostolous)**, que significa: ‘mensageiro, aquele que estabelece os fundamentos da Igreja’. O verbo em grego é **Apostellein**, ‘enviar adiante’. Significa: ‘o que vai adiante com ou por uma ordem de Deus para plantar, desfraldar uma bandeira, formar um povo com determinadas características’. Paulo foi um exemplo de apóstolo, mesmo sem ter caminhado com Jesus, mas por uma ordem Sua foi à frente para estabelecer a Igreja de Cristo no meio dos gentios e, se ele não fosse obediente às ordens do Senhor ou temesse a opinião dos judeus, nós não estaríamos aqui para desfrutarmos os benefícios da cruz. Em Gl 1: 10-17 ele diz: “Porventura, procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo. Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo. Porque ouvistes qual foi o meu procedimento outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a Igreja de Deus e a devastava. E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais. Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprovou revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim, mas parti para as regiões da Arábia e voltei, outra vez, para Damasco”. A própria bíblia descreve outros apóstolos que vieram depois de Jesus e, alguns, mesmo sem tê-LO conhecido pessoalmente, são assim considerados: **Matias** (At 1: 15-26 – Matias, sim, pode ter conhecido Jesus pessoalmente, haja vista a declaração

de Pedro – At 1: 21-22); Paulo (Rm 1: 1 e 1 Co 9: 1); Barnabé (At 14: 14); Silvano ou Silas (1 Ts 1: 1; 1 Ts 2: 7); Timóteo (1 Ts 1: 1; 1 Ts 2: 7), Tiago, irmão de Jesus (Gl 1: 19. Tiago também conheceu Jesus); Apolo (1 Co 4: 1; 6; 9). Outros foram chamados mensageiros, que, em grego, significa: apóstolos. São eles: Epafras (Fp 2: 25) e Tito (2 Co 8: 23-24). Ainda nos dias de hoje, Deus escolhe apóstolos, através dos quais pode trazer avivamento ao Seu povo. Como vimos, o apostolado implica criar um povo com determinadas características, levantando uma bandeira nova, uma nova maneira de desempenhar o evangelho de Cristo, mantendo a sã doutrina, ou seja, mostrar ao Corpo uma nova faceta de Jesus e do trabalho do Seu Espírito.

Profeta vem do grego **Prophetes (Prophêtas)**, **pro = diante e phetes = orador, locutor**; do verbo phenai = ‘falar’. **Profeta** significa: porta-voz, mensageiro, o que revela os pensamentos divinos, o que interpreta os oráculos (profecia ou a palavra de Deus; conselho, respostas ou declarações divinas; em Hebraico, dabar, דָּבַר, ‘coisa’, ‘palavra’, Strong #1697; em Grego: λόγιον, logion, ‘respostas ou declarações divinas’, Strong #3051), o que é movido pelo Espírito de Deus e, a partir daí, dispõe-se, solenemente, a declarar ao homem o que tem recebido dEle por inspiração; o homem que é usado pelo Espírito Santo e lhe é dada autoridade e sabedoria na Palavra para que ela tenha o peso que deve ter; alguns têm o dom de predizer o futuro (classe de profetas chamados videntes); também significa poetas. O profeta tem poder para instruir, confortar, encorajar, repreender, convencer do erro, declarar culpado e estimular as pessoas. Existem referências no NT sobre profetas (At 11: 27; At 21: 10; At 13: 1 e At 15: 32), o que nos faz pensar que não só no AT existiam profetas, mas na Igreja primitiva também. Mesmo dentro do ministério profético existem diversas manifestações do Espírito, pois uns são dotados de vidência (predição do futuro), outros não. Uns são mais usados por Deus para a exortação, outros para a instrução e revelação na Palavra e assim por diante. Em Mt 10: 41 está escrito: “Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta”. A palavra de Deus também nos diz que é para julgarmos todas as coisas e retermos o que é bom (1 Ts 5: 21). Como eu vou saber se um profeta vem realmente de Deus? Veja algumas referências importantes em: Jr 23: 31-32; Dt 13: 1-5 e Dt 18: 21-22. Resumidamente, o profeta que vem de Deus não induz ao erro ou ao pecado, não traz mentiras ou jugo, não fala coisas da sua carne nem relata sonhos ou visões que não são do Senhor e, o mais importante de tudo, o que vem da boca de Deus se cumpre. As falsas profecias, mais cedo ou mais tarde, vêm à luz e são desmascaradas, pois o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que elas estão em contradição com o caminhar divino para a nossa vida. Além disso, o dom de discernimento de espíritos (dado pelo Espírito Santo) nos ajuda a distinguir o verdadeiro profeta do falso.

Em alguns lugares da bíblia, por exemplo, em Ml 3: 1, o profeta (da mesma forma que o apóstolo, como foi visto anteriormente) recebe o nome de **mensageiro**. Neste texto em especial, o Espírito Santo está fazendo uma referência profética a João Batista.

Evangelistas (gr. Evangelistes ou Euaggelistas): nome dado no NT a quem pregava o evangelho, mas não era apóstolo. *Pregar* significa: declarar, trazer alegria. Marcos, Lucas e Timóteo (2 Tm 4: 5) eram evangelistas. O evangelista revela o amor de Deus aos perdidos. É aquele que ‘tira a ovelha da boca do lobo’, a leva para o aprisco e a faz conhecer a salvação. A palavra de Deus na sua boca traz luz onde havia trevas e permite que a pessoa veja a verdade. A grande arma do evangelista é o amor de Deus pelo perdido, que o protege e lhe dá forças para enfrentar as trevas. Também é necessário que o evangelista desenvolva a cada dia sua santificação, pois vai aumentar a unção de Deus sobre sua vida. Não existem, na verdade, normas padronizadas para evangelizar as pessoas. O evangelista que é verdadeiramente guiado pelo Espírito de

Deus tem as estratégias corretas para cada vida que ele quer rebanhar para o Senhor, pois está calçado com a Palavra, que lhe dá a base para o trabalho.

Pastor vem do grego, **Poimen** (ou **Poimenas**), e significa: o que guarda o gado, o que preside ou chefia uma assembléia (como Cristo preside a Igreja). Nome dado no AT a reis e rainhas, aos profetas e sacerdotes (Zc 11: 8). É o que tem como tarefa defender o rebanho dos inimigos que o atacam. É o que acha o perdido e o ama; alimenta a ovelha e manifesta o amor de Deus por ela. Em Jo 21: 15-23, Jesus está dando um chamado pastoral a Pedro. Ele fala em primeiro lugar: “Apascenta os meus cordeiros”, ou seja, dar o melhor dos sustentos (apascentar) aos pequenos (cordeiros). Em segundo lugar ele fala: “Pastoreia as minhas ovelhas”, que quer dizer disciplina (pastoreia) as maiores, que já cresceram. Em terceiro lugar ele diz: “Apascenta as minhas ovelhas”, isto é, “alimenta, dá o melhor dos sustentos, também às mais velhas que já cresceram, pois também precisam do meu amor”. É preciso ter o amor Ágape (o amor incondicional de Deus) para ser um alimentador de ovelhas. O interessante é que Jesus perguntou nas duas primeiras vezes a Pedro se ele O amava, usando a palavra grega correspondente a Ágape (amor de Deus), mas Pedro respondeu com a palavra correspondente a Philleo (amor de amigo). Na terceira vez que Jesus perguntou, Ele usou a palavra Philleo e aí Pedro chorou, pois foi com o amor de amigo que ele tinha traído o Mestre. Isso deixou bem claro que Pedro ainda não conhecia o amor Ágape e tinha medo da responsabilidade de pastorear o rebanho de Cristo sem esse tipo de amor, por isso respondeu às duas primeiras perguntas com o tipo de amor que ele conhecia e que era insuficiente para guiar outras vidas. Na terceira vez, quando Jesus resolveu checar também como estava o seu amor humano, seu amor de amigo, Pedro descobriu que nem esse tipo de amor ele conseguiu sustentar. Portanto, só Jesus pode vir e nos revestir com Sua capacitação de AMOR, com maiúscula, para assumirmos a responsabilidade de cuidar do Seu rebanho e tratar nosso amor humano também para conseguirmos manter nossa alma igualmente suprida nas nossas necessidades particulares básicas.

No AT os reis eram chamados ‘ungidos’ ou ‘pastores’, e eram **ungidos pelos profetas**. Os profetas eram os primeiros a ser chamados por Deus, ouviam Sua voz e Lha obedeciam, eram por Ele ordenados para o cargo de porta-voz de YHWH e depois escolhidos para ungir um rei (um pastor). Assim foi com Moisés, Samuel, Elias, Eliseu etc. Se lermos os livros dos profetas, na bíblia, podemos notar que o chamado deles sempre começa com: “Visão de Deus que veio sobre fulano...”, “Palavra do Senhor que veio sobre o profeta...” etc. Samuel ouviu o chamado de Deus desde criança, mas não foi ungido por Eli, o sacerdote; Daniel começou a ser usado por Deus como profeta após o sonho que Nabucodonosor teve. Moisés ouviu a voz do Senhor na sarça. Portanto, podemos imaginar que o chamado para reis (como é para pastores atualmente), é diferente do chamado para profeta. Todos ouvem primeiramente dentro de si um chamado, mas os pastores recebem da Igreja a unção com óleo como **símbolo humano** do seu ministério. O profeta geralmente é chamado pelo próprio Deus e não precisa de confirmação simbólica de seu serviço, pois **a própria palavra que sai de sua boca testifica de quem o ordenou**. Não pode haver pastor na Igreja sem haver profeta, pois a própria Palavra diz: “Não havendo profecia, o povo se corrompe; mas o que guarda a lei, esse é feliz” (Pv 29: 18).

Mestre (gr. Didakalos ou Didaskalous): significa professor; um que tem grande poder no ensino, como Jesus e João Batista; quem ensina o caminho da salvação, como Jesus e Paulo; aquele que é usado numa assembléia religiosa e está debaixo de um peso de ensino através de uma assistência especial do Espírito Santo; o que está ajustado em ensinar. É o que tem adaptação, capacidade e idoneidade para o ensino; o que tem capacitação na Palavra, estrutura e base. Ele é uma coluna na Igreja, pois sem o ensino

real da Palavra a Igreja perece. O ministério de mestre, o dom do ensino, não se aprende num banco de escola do mundo ou da Igreja, mas é dom espiritual dado por Deus para ser efetivo. Depende muito do dom da sabedoria para ter força. Mais do que tudo, depende do dom do amor, pois o amor gera paciência, longanimidade, mansidão e outros frutos necessários para passar as informações a alguém. Nós podemos passar as informações, mas só o Espírito de Deus traz **a formação** àquela vida; só Ele molda o caráter e aperfeiçoa a personalidade; só Ele é verdadeiramente capaz de discipular o homem. O mestre é apenas um canal para a unção de **formação** de Deus fluir.

Missionário é a pessoa enviada pela igreja para anunciar a mensagem do evangelho a pessoas de outro contexto cultural e geográfico, onde a mesma ainda não foi difundida. O termo é essencialmente usado por pregadores do cristianismo para promover sua fé ou realizar ministérios de serviço, como educação, alfabetização, justiça social, saúde e desenvolvimento econômico. A palavra 'Missão' surgiu em 1598 por jesuítas enviados ao exterior. 'Missão' é uma palavra derivada do latim 'missionem' (nom. missio), que significa 'ato de enviar', ou 'mittere', que significa 'enviar'.

O missionário é o que se aproxima mais do ministério apostólico pelo fato de levar adiante a Palavra como um emissário, erguendo um povo com novas características como foi o caso do apóstolo Paulo, levantado por Deus para os gentios.

A missão de Deus [o chamado (vocação, klesis ou klêseôs)] para Seus filhos é diferente, mais ou menos abrangente (dependendo de cada caso) e criativa, não imposta por homens.

Como podemos ver, os ministérios instituídos por Deus são interativos e dinâmicos, devendo estar debaixo do domínio do Espírito para poderem contribuir verdadeiramente para o crescimento do Corpo de Cristo. Não adianta perguntarmos a Deus, primeiro, qual é o nosso ministério, sem antes descobrirmos nossos dons espirituais. Através do exercício dos dons e dos frutos por eles gerados, o ministério por si só vai se definindo.

O grande segredo em desempenhar bem o ministério que o Senhor nos deu é, antes de tudo, o desejo de servir em amor para agradar a Deus e não a homens, sabendo que do Senhor receberemos a recompensa da nossa herança. A competição e a disputa de poder não entram neste projeto.

DONS E FRUTOS ESPIRITUAIS



O nome correto para este tema é *Dons e Frutos Espirituais*, ao invés de *Dons e Frutos do Espírito*, uma vez que há dons que vêm do Pai, outros do Filho, através do Espírito. Assim, temos dois tipos de dons, com dois significados em grego:

1) *Charisma* [χάρισμα, Strong #5486] aparece quinze vezes na bíblia e tem vários significados: um dom da graça, um favor imerecido, doação, vantagem; dom gratuito. De ‘charizomai’; uma gratuidade divina, ou seja, libertação (de perigo); uma dotação espiritual, faculdade milagrosa (objetivamente); (subjetivamente) qualificação religiosa (poder) que alguns cristãos têm para o serviço ‘na’ e ‘da’ Igreja de Cristo.

Podemos encontrar as referências em:

- Rm 1: 11: “Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados,...” (Isso significa que eu posso compartilhar com os outros os meus dons e não fico mais pobre se eu os exercitar).

- Rm 5: 15: “Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos” (Aqui o dom se refere à vida eterna).

- Rm 6: 23: “porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor” (A vida eterna é o grande *charisma*, o grande dom de Deus).

- Rm 11: 29: “porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Isso significa que eu não perco os dons que Deus me deu; são irrevogáveis como a vida eterna).

- Rm 12: 6: “tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé,...” (Isso quer dizer que temos vários carismas; não há o certo ou o errado).

- 1 Co 1: 7: “de maneira que não nos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo,...” (Temos que procurar em Deus todos os dons que Ele tem para nós).

- 1 Co 7: 7: “Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou; no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro” (Isso significa que podemos ter vários dons, mas há um que nos caracteriza).

- 1 Co 12: 4: “Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo” (Um dom pode ter diferentes manifestações, mas foi gerado por uma única fonte: o Espírito Santo).

- 1 Co 12: 9: “a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar” (Mais uma vez podemos ver que há muitas manifestações dos dons).

- 1 Co 12: 28: “A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas” (Todos esses dons são usados em ministérios na Igreja).

• 1 Co 12: 30-31: “Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos? Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons. *O amor é o dom supremo*. E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente” (O maior carisma é o amor).

• 2 Co 1: 11: “Ajudando-nos também vós, com as vossas orações a nosso favor, para que, por muitos, sejam dadas graças a nosso respeito, pelo benefício (*gr. Charisma*) que nos foi concedido por meio de muitos” – ARA.

“enquanto vocês nos ajudam com as suas orações. Assim, muitos darão graças por nossa causa, pelo favor (*gr. Charisma*) que nos será concedido em resposta às orações de muitos” – NVI.

“enquanto vocês nos ajudam, orando por nós. Assim Deus responderá às muitas orações feitas em nosso favor e nos abençoará; e muitos lhe agradecerão as bênçãos (*gr. Charisma*) que ele nos dará” – NTLH.

(Eu abençoo os irmãos usando meus dons. Aqui, a oração dos crentes propiciou o derramar da graça de Deus sobre Paulo e seus companheiros no momento da tribulação).

• 1 Tm 4: 14: “Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério” (É necessário praticar o carisma que Deus me deu. Negligenciar é não participar do reino de Deus na terra. Desprezar oportunidades de servir ao Senhor significa negligenciar os dons).

• 2 Tm 1: 6: “Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos” (O carisma pode ser reavivado, não necessariamente pelo toque de mãos, mas quem ora e impõe as mãos pede que o Espírito Santo reavive o dom. Em Dt 34: 9 temos um comentário interessante sobre isto: “Josué, filho de Num, estava cheio do Espírito de sabedoria, porquanto Moisés impôs sobre ele as mãos; assim, os filhos de Israel lhe deram ouvidos e fizeram como o Senhor ordenara a Moisés”. Nas antigas culturas do AT, a imposição de mãos era um **ato significativo** por representar transferência de autoridade e do direito de liderança. Também simbolizava a aprovação de Deus e da comunidade ao comissionar Josué como líder. Josué, entretanto, não recebeu sabedoria pelo toque das mãos de Moisés; sua sabedoria veio do Senhor. O mesmo aconteceu com Timóteo em relação a Paulo).

• 1 Pe 4: 10: “Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (Nós servimos com o carisma que temos).

2) *Doma* [δόμα, Strong #1390] aparece três vezes na bíblia e significa: presente, dádiva, dom; há outro significado como: ‘um por trás que protege; ousadia; ter poder para proteção’.

• Mt 7: 11: “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar *boas dádivas* aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem?”

• Lc 11: 13: “Ora, se vós que sois maus, sabeis dar *boas dádivas* aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?”

• Ef 4: 8: “Por isso diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu *dons (doma)* aos homens”. Tenho alguém me protegendo do meu ex-cativo. A proteção, aqui, vem diretamente do Pai, não do Espírito Santo.

DONS ESPIRITUAIS (Charisma):

1 Co 12: 4-11; 27-30: “Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso. Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra de sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra de conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade de interpretá-las. Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente... Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros deste corpo. A uns estabeleceu Deus, na Igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois dons de curar, socorros, governos, variedade de línguas. Porventura são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres? Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos? Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons”.

1) *Dons da palavra:*

Palavra (gr. *logos*): contar, avaliar, produzir decreto, o que os profetas do AT disseram, ato de falar, ensino, fala, expressão divina.

1.1 *Palavra de Sabedoria:* Em grego, *logos sophias*. Em hebraico, a palavra usada para sabedoria é *hokhmâ*, embora outros vocábulos também sejam usados como sinônimo: *bînâ* (entendimento – Jó 39: 26; Pv 23: 4), *t^ebhünâ* (discernimento – Sl 136: 5), *sekhel* (prudência – Pv 12: 8; Pv 23: 9). A sabedoria é intensamente prática, e não teórica. Basicamente, a sabedoria é *a arte de ser bem sucedido, de formar um plano correto para alcançar os resultados desejados*. Sua sede é o coração, o centro da decisão moral e intelectual. Também significa: *habilidade, prudência, graça, saber aplicar o conhecimento e o entendimento da palavra; cheio de inteligência, conhecimento de diversas matérias e ato de interpretar sonhos*. Existe ainda a sabedoria humana ou mundana que se fundamenta sobre a intuição e a experiência, sem o concurso da revelação, e por esse motivo é limitada. No NT, possui a mesma natureza intensamente prática que encontramos na sabedoria do AT. A sabedoria, no seu sentido mais completo, pertence exclusivamente a Deus e consiste não apenas em conhecimento completo acerca de todos os aspectos da vida, mas também do irresistível cumprimento daquilo que Ele tem em mente.

- Rm 11: 33: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!”

- 1 Co 1: 17: “Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que não anule a cruz de Cristo”. Aqui Paulo fala da sabedoria de palavra humana.

- 1 Co 1: 19: “Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos” (a sabedoria de Deus destrói a dos homens).

- 1 Co 1: 20-22: “Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tomou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprovou a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria” (a sabedoria do mundo é muito procurada, mas não leva ao conhecimento de Deus).

- 1 Co 1: 24: “mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (quanto mais eu tiver a Jesus, mais terei a sabedoria de Deus. Cristo é a expressão da sabedoria de Deus).

- 1 Co 1: 30: “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tomou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (quando tenho sabedoria de Deus, tenho redenção e santificação; sou parecido com Ele).

- 1 Co 2: 1; 4-5: “Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria... A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus” (a sabedoria humana não produz milagres, não gera coisas novas. Deus não opera através da sabedoria dos homens).

- 1 Co 2: 7: “mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória”.

1.2 *Palavra de conhecimento*: em grego: *logos gnōseōs*, que significa: *conhecimento em geral, inteligência, entendimento, conhecimento da religião cristã*. Para os gregos, o conhecimento era uma contemplação da realidade em seu estado estático e permanente; para os hebreus, algo dinâmico, ligado ao entendimento e à vontade com relação aos acontecimentos do dia a dia. Está relacionado à *revelação e à experiência, aos sonhos e às visões*. No AT a palavra hebraica usada é *gâlâ* e o termo grego (NT) é *apokalyptō*, que tem a idéia de desvendar alguma coisa oculta, para que possa ser vista e conhecida conforme é. Outras palavras Neo-Testamentárias que expressam a idéia de revelação são: *phaneroō* (manifestar, deixar claro), *epiphainō* (exibir; substantivo *epiphaneia*, manifestação), *deiknuō* (mostrar), *exegeomai* (desdobrar, explicar por narração), *chrematizō* (instruir, admoestar, advertir; substantivo *chrematismos*, resposta de Deus). A palavra de sabedoria está mais relacionada ao ensino, ao passo que a palavra de conhecimento está mais relacionada ao ministério profético.

Referências bíblicas (em alguns versículos, a palavra ‘conhecimento’, em Grego, é substituída em Português por ‘saber’ ou ‘ciência’):

- 1 Co 8: 11: “E assim, por causa do teu *saber*, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu”. O conhecimento humano ensoberbece um e destrói outro.

- 1 Co 13: 2: “Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a *ciência [conhecimento]*; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei”. Precisa de complementação: amor.

- 1 Co 14: 6: “Agora, porém, irmãos, se eu for ter convosco falando em outras línguas, em que vos aproveitarei, se vos não falar por meio de revelação, ou de *ciência*, ou de profecia, ou de doutrina?”

- 2 Co 2: 14: “Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu *conhecimento*”. A palavra de conhecimento é perfume que atrai.

- 2 Co 4: 6: “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do *conhecimento* da glória de Deus, na face de Cristo”.

- 2 Co 6: 6: “na pureza, *no saber*, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido”.

- 2 Co 10: 5: “e toda altivez que se levante contra o *conhecimento* de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo”.

- Fp 3: 8: “Sim, de veras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do *conhecimento* de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugio, para ganhar a Cristo”.

- 1 Tm 6: 20: “E tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado, evitando os falatórios inúteis e profanos e as contradições do *saber*, como falsamente lhe chamam”.

- 2 Pe 3: 18: “antes, cresci na graça e no *conhecimento* de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno”.

É o Espírito que nos ensina todas as coisas:

- 1 Co 2: 7-16 (a verdadeira sabedoria; o ensino do Espírito Santo): “mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória; sabedoria esta que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória; mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais. Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém. Pois quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo”.

- 1 Jo 2: 27: “Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permaneci nele, como também ela vos ensinou”.

1.3 *Profecia* (gr. *Propheteia*):

- Rm 12: 6: “tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se *profecia*, seja segundo a proporção da fé”.

- 1 Co 12: 10; 28; 29: “a outro, operações de milagres; a outro, *profecia*; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las... A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente apóstolos; em segundo lugar, *profetas*; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros governos, variedades de línguas”.

- Ef 4: 11: “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para *profetas*, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres”.

A principal função do profeta do NT era transmitir as revelações divinas de significação temporária que proclamavam à Igreja o que a mesma necessitava saber e fazer em circunstâncias especiais. Sua mensagem era de edificação, exortação (gr. *paraklesis*) e consolação (1 Co 14: 3; Rm 12: 8: “Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando”; “ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria”) e incluía declarações ocasionais de autoridade sobre a vontade de Deus quanto a casos particulares (At 13: 1-3: “Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colação de

Herodes, o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor e, jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram”) e predições sobre o futuro (At 11: 28; At 21: 10-11: “e, apresentando-se um deles, chamado Ágabo, dava a entender, pelo Espírito, que estava para vir grande fome por todo o mundo, a qual sobreveio nos dias de Cláudio”; “Demorando-nos ali alguns dias, desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo; e, vindo ter convosco, tomando o cinto de Paulo, ligando com ele os próprios pés e mãos, declarou: Isto diz o Espírito Santo: assim os judeus, em Jerusalém, farão ao dono deste cinto e o entregarão nas mãos dos gentios”).

1.4 *Discernimento de espíritos (gr. diakresis pneumatōn)* (1 Co 12: 10):

É complementar ao de profecia; permite aos ouvintes aquilatar a reivindicação de inspiração profética para comprovar com exatidão quais as afirmações são de origem divina e para distinguir o profeta genuíno do falso (guiado por demônios):

- 1 Co 14: 29: “Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem”.

- 1 Ts 5: 20: “Não desprezeis as profecias”.

- 1 Jo 4: 1-6: “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo. Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo. Eles procedem do mundo; por essa razão, falam da parte do mundo, e o mundo os ouve. Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro”.

1.5 *Variedade de línguas (gr. gene glōssōn)* 1 Co 12: 10; 28:

- At 2: 5-8; 11b-12; 33: “Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu. Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. Estavam, pois, atônitos e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?... Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus? Todos, atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: Que quer isto dizer?... tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis” (em relação ao Pentecostes).

- At 10: 44-48: “Ainda Pedro falava estas coisas quando caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo; pois os ouviam, falando em línguas e engrandecendo a Deus. Então, perguntou Pedro: porventura, pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo? E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então, lhe pediram que permanecesse com eles por alguns dias”.

- At 19: 6: “E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam”.

1.6 *Capacidade para interpretá-las (gr. hermeneia glōssōn)* 1 Co 12: 10; 30.

2) Dons de poder:

2.1 Fé:

Em grego, *pistis*, aqui uma medida mais elevada de fé, mediante a qual feitos especiais e maravilhosos são realizados. *Pistis* (NT, πίστις, Strong #G4102) *significa: fidelidade, crença, convicção da verdade, convicção que Deus existe e dos Seus atos, crer no impossível. Outros significados em hebraico, no AT, para fé: coragem, convicção, fidelidade, confiança, acreditar.*

- Mt 17: 14-21 (a cura de um jovem possesso; v. 20 – fé = *pistis*; cf. 1 Co 13: 2).

- 1 Co 13: 2: “ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha *tamanha fé*, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei”.

- Hb 11: 33-34: “os quais, por meio da *fé*, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas fecharam a boca de leões, extinguíram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros”.

A definição básica de fé se encontra em Hb 11: 1: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem”.

- Rm 9: 30: “Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscaram a justificação, vieram a alcançá-la, todavia, a que decorre da *fé*”. A fé traz justificação.

- Rm 10: 8: “Porém que se diz? A palavra está bem perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da *fé* que pregamos”.

- Rm 10: 17: “E, assim, a *fé* vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo”. A fé vem pelo ouvir.

- Rm 11: 20: “Bem! Pela sua incredulidade, foram quebrados; tu, porém, mediante a *fé*, estás firme. Não te ensorbecas, mas teme”. A fé mantém o crente firme.

- Rm 12: 3: “Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da *fé* que Deus repartiu a cada um”. A fé nos leva a pensar corretamente sobre nós mesmos, sob o prisma de Deus.

- Rm 12: 6: “tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da *fé*”. A fé, ou a falta dela, limita o dom da profecia; em outras palavras: a profecia é proporcional à fé.

- Rm 14: 1: “Acolhei ao que é débil na *fé*, não, porém, para discutir opiniões”. A fé não é para ser discutida.

- Rm 14: 23: “Mas aquele que tem dúvidas é condenado se comer, porque o que faz não provém da *fé*; e tudo o que não provém da fé é pecado”. A dúvida condena e leva ao pecado porque rouba a fé.

- Rm 16: 26: “e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento de Deus eterno, para a obediência por *fé*, entre todas as nações”. Só obedeço a Deus se tiver fé.

- 1 Co 2: 5: “para que a vossa *fé* não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus”. Para ter fé é preciso acreditar no poder de Deus.

- 1 Co 13: 2: “... ainda que eu tenha *tamanha fé*, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei”. Precisa de uma complementação: o amor.

- 1 Co 13: 13: “Agora, pois, permanecem a *fé*, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor”. A fé está ligada à esperança e ao amor.

- 1 Co 15: 14: “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa *fé*”. A grande manifestação da fé e do poder de Deus é a ressurreição.

- Hb 11: 6: “De fato, sem *fé* é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam”.

2.2 *Dons de cura (gr. charismata iamatōn)*. São dados para a realização de milagres de restauração à saúde.

- At 3: 6: “Pedro, porém, lhe disse: Não possuo prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda”.

- At 5: 15: “a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse nalguns deles”.

- At 8: 7: “Pois os espíritos imundos de muitos possesores saíram gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos foram curados”

- At 19: 12: “A ponto de levarem aos enfermos lenços e aventais do seu uso pessoal, diante dos quais as enfermidades fugiam de suas vítimas, e os espíritos malignos se retiravam”.

- 1 Co 12: 28: “... depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas”.

2.3 *Operação de milagres (maravilhas)*:

Milagres (*dunamis*): força, poder, habilidade, poder para fazer milagre, excelência da alma, poder miraculoso especial, abundância.

- At 9: 36-43: A ressurreição de Dorcas.

- At 13: 4-12: Elimas, o mágico, fica cego por um tempo, após a repreensão de Paulo.

- At 20: 7-12: A ressurreição de Êutico, quando Paulo pregava em Trôade.

- 1 Ts 1: 5-6: “porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em *poder*, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e por amor a vós. Com efeito, vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, tendo recebido a palavra, posto que em meio de muita tribulação, com alegria no Espírito Santo”.

- 2 Ts 2: 9: “Ora, o aparecimento do iníquo [*referência ao anticristo*] é segundo a eficácia de Satanás, com todo *poder*, e sinais, e prodígios de mentira...”.

- 2 Tm 1: 7: “Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de *poder*, de amor e de moderação”.

- 2 Tm 3: 5: “Tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o *poder*”. O mal tenta negar o poder e o milagre.

- Hb 1: 3: “Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu *poder*, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas”. Jesus é a expressão do poder de Deus.

- Hb 2: 4: “Dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários *milagres* e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade”.

- Hb 6: 5: “e provaram a boa palavra de Deus e os *poderes* do mundo vindouro”.

- Hb 7: 16: “Constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o *poder* de vida indissolúvel”. A vida eterna é um milagre.

- Hb 11: 11: “Pela *fé*, também a própria Sara recebeu *poder* para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa”. O milagre está associado à *fé*, à paciência, à esperança, à perseverança e à firmeza em Cristo. Pela *fé*, Sara recebeu poder para ser mãe.

- Hb 11: 34: “extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se *poderosos* em guerra, puseram em fuga exércitos estrangeiros”.

- 1 Pe 1: 5: “Que sois guardados pelo *poder* de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo”. O poder de Deus nos protege até o ‘Último Dia’.

- 2 Pe 1: 3: “Visto como, pelo seu divino *poder*, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude”.

3) *Dons de socorro (Formas de Assistência ou Formas de Ajuda):*

3.1 *Auxílios (socorro) (gr. antilepseis):*

Denota o socorro prestado aos fracos por parte dos fortes e se refere a dons especiais de cuidado pelos enfermos e necessitados.

- 1 Co 12: 28: “A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros [NVI: dons de prestar ajuda], governos, variedades de línguas”.

‘Socorros, dons de prestar ajuda’ = antilémpsis, αντιληψεις, Strong: #484: Socorro, ministração; alguém que ajuda; de “antilambanomai”: alívio.

3.2 *Doação de esmolas (gr. ho metadidous):*

- Rm 12: 8: “ou o que exorta faça-o com dedicação; o que *contribui*, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria” (ARA).

“... se é dar ânimo, que assim faça; *se é contribuir*, que contribua generosamente; se é exercer liderança, que a exerça com zelo; se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria” (NIV).

“Contribui” = metadidómi, μεταδίδομι, Strong #3330: (lit.: oferecer por meio de troca, oferecer para que uma mudança de proprietário seja produzida); compartilhar; às vezes meramente: transmitir, conceder; ceder, ou seja, compartilhar; dar, participar.

3.3 *Misericórdia (gr. ho eleōn):*

- Rm 12: 8: “ou o que exorta faça-o com dedicação; o que *contribui*, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem *exerce misericórdia*, com alegria” (ARA).

- “... se é dar ânimo, que assim faça; se é *contribuir*, que contribua generosamente; se é exercer liderança, que a exerça com zelo; se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria” (NIV).

Jesus disse no sermão da montanha: “Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia”. Isso implica exercer primeiro a misericórdia para recebê-la dos outros.

“quem exerce misericórdia; se é mostrar misericórdia (NVI)” = eleeó, ἐλεέω, Strong #1653: ter pena, ter misericórdia de; vem de ‘eleos’: compassivo (por palavra ou ação, especialmente, pela graça divina); ter compaixão (pena de), ter (obter, receber, mostrar) misericórdia (de).

3.4 *Diaconato (ministério, serviço; gr. diakonia):*

- Rm 12: 7: “se *ministério*, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se em fazê-lo”.

- At 6: 1-2 [*servir = diakonia*]: “Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então, os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para *servir* às mesas”.

- Fp 1: 1: “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e *diáconos (diakonois)* que vivem em Filipos”.

- 1 Tm 3: 8-9 (As qualificações dos bispos e diáconos): “Semelhantemente, quanto a diáconos, é necessário que sejam respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados a muito vinho, não cobiçosos de sórdida ganância, conservando o mistério da fé com a consciência limpa”. *Diakonous* (originada da forma obsoleta, ‘*diako*’) = um atendente, um garçom (à mesa ou em outras tarefas domésticas); especialmente, um professor cristão e pastor (tecnicamente, um diácono ou uma diaconisa): diácono, ministro, servo.

4) *Dons de administração (de governos):*

Governos (gr. kubernésis):

São os dons e a autoridade para governar possuídos pelos líderes:

- 1 Co 12: 28: “A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, *governos*, variedades de línguas” (ARA).

“Assim, na igreja, Deus estabeleceu primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois os que realizam milagres, os que têm dons de curar, os que têm dom de prestar ajuda, *os que têm dons de administração* e os que falam diversas línguas” (NVI).

“Governos, os que têm dons de administração” = κυβέρνησις, *kubernésis*, Strong #2941: (lit.: direção, pilotagem), governar, governo. De *kubernao* (de origem latina, dirigir); pilotagem, isto é, (figurativamente) diretoria (na igreja).

FRUTOS ESPIRITUAIS

Fruto (*gr. Karpos, καρπός*, Strong #2590), derivado de *karpazo* = fruto (a), feito, ação, resultado, lucro, ganho, vantagem, proveito.

- Gl 5: 22-23: “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade [NVI: amabilidade], bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei” (ARA).

“Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei” (NVI).

O fruto é a reprodução do caráter de Cristo e, enquanto nós estivermos praticando isso, não há quem possa nos acusar. Quanto maior a força do Espírito em nós, mais frutos daremos.

- Mt 7: 7-11: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas

dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem? Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas”. Se Deus é bom, só dá coisas boas. Para termos o fruto temos que pedir. Para haver fruto deve haver antes uma semente. A semente do fruto são os dons, portanto, só pode haver fruto espiritual se houver dom espiritual sendo exercido.

- Mt 7: 16: “Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?” As pessoas nos conhecem através dos frutos que nós produzimos.

- Jo 15: 1-5: “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado; permaneci em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira verdadeira, vós sois os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”. Para dar frutos é preciso estar ligado a Jesus, que é a videira verdadeira.

- Rm 6: 22: “Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna”. O fruto gera santificação e vice-versa.

- 2 Co 9: 10: “Ora, aquele que dá semente ao que semeia e pão para alimento também suprirá e aumentará a vossa sementeira e multiplicará os frutos da vossa justiça”. Deus multiplica nossos dons e, conseqüentemente, nossos frutos.

- Fp 1: 11: “cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus”. Quando damos bons frutos, nós mostramos a glória de Deus.

- Fp 4: 17: “Não que eu procure o donativo [NVI: oferta], mas o que realmente me interessa é o fruto que aumente o vosso crédito”. Nossas ofertas na obra de Deus são fruto do exercício do dom do amor em nós e, quanto mais dermos fruto, maior será o nosso crédito no céu.

- 2 Tm 2: 5-7: “Igualmente, o atleta não é coroado se não lutar segundo as normas. O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos. Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas”. O fruto é resultado do trabalho. Semear na vida de alguém gera frutos. O fruto é uma visível expressão do poder invisível de Deus na vida de uma pessoa.

- Hb 12: 11: “Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça”. A disciplina espiritual gera frutos bons quando exercitada.

- Hb 13: 15: “Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome”. O louvor é um fruto daqueles que confessam a Jesus.

- Tg 3: 18: “Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz”. Precisamos estar em paz para semear a palavra de Deus na vida dos que ainda não conhecem o Senhor. A palavra que evangelizamos é o fruto da justiça de Jesus realizada na cruz, ou seja, a reconciliação do homem com Deus.

Como resumo, podemos dizer que recebemos dons espirituais de acordo com a vontade de Deus para cumprir o Seu propósito no Corpo de Cristo. Os dons podem ter várias manifestações, mas um só é o Espírito, que opera tudo em todos. Exercitando os dons, geramos frutos espirituais e quanto mais os exercitamos, mais são multiplicados por Deus para que mais vidas possam ser abençoadas. Que você possa ter consciência

dos dons que foram derramados sobre seu espírito e possa exercitá-los a cada dia, gerando frutos que abençoem outras pessoas para a glória de Deus. Leia sobre os frutos do Espírito no próximo capítulo.

AS OBRAS DA CARNE E OS FRUTOS DO ESPÍRITO



Neste capítulo vamos estudar sobre as obras da carne e os frutos do Espírito. A bíblia fala para crucificarmos nossa carne. Carne não só se refere à natureza material e física do homem, mas à parte da alma que tende ao pecado. Crucificar é tomar a decisão de não satisfazer nossos desejos e gostos que induzam ao pecado. Trocando em miúdos: abrir mão das nossas razões e argumentos, sentimentos e vontades para que Deus prevaleça.

- Em Rm 8: 5-8 está escrito: “Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz. Por isso, o pendor da carne é inimizado contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus”.

- Gl 5: 16-18: “Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência [*desejo desenfreado, avidez*] da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei”.

Depois, Paulo descreve as obras da carne. Temos alguns textos bíblicos que são básicos como, por exemplo:

1) Gl 5: 19-21: “Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam” (ARA).

(NVI): “Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem; idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto, como antes já os adverti: Aqueles que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus”.

Cf. 1 Sm 15: 22-23; 1 Co 6: 8-10; Ef 5: 3-7; Cl 3: 5.

Prostituição (em inglês: fornicação – NRSV; NVI: imoralidade sexual; KJV: adultério e fornicação) – A prostituição diz respeito à promiscuidade sexual, onde vários parceiros se entrelaçam no relacionamento. Outras versões em inglês sugerem também o ato de adultério e relações sexuais fora do casamento. Mas nós podemos incluir aqui a ‘prostituição espiritual’, ou seja, não termos apenas um Deus em quem nos apegarmos; é pedirmos auxílio a outros deuses, outros socorros para a nossa vida, sendo infiéis a Jesus. É buscar a solução dos nossos problemas em outras fontes e esperar em outras ajudas que não nEle.

A impureza é mais do que óbvia: pensar da maneira contrária à inocência que Deus colocou através do Seu Espírito em nós, pensar nas coisas sujas e mundanas ao invés das coisas do alto.

Lascívia [NVI: libertinagem] é luxúria, sensualidade, libidinagem (dar largas à vontade sexual), voluptuosidade, satisfação sexual sem pudor.

Idolatria é colocar no altar outras coisas e outras entidades que não sejam Jesus, o Filho de Deus. A avareza é considerada por Deus como idolatria (Ef 5: 5; Cl 3: 5), assim como a teimosia [obstinação] (1 Sm 15: 23).

Feitiçarias incluem todos os atos de rebeldia à vontade de Deus como todos os atos de ocultismo, simpatias, superstições, artes ocultas de adivinhação e predição do futuro, necromancia etc., que não nos levam a acreditar unicamente na força da Palavra para conseguirmos algo. A rebelião é considerada por Deus como feitiçaria (1 Sm 15: 23; Lv 20: 27).

Inimizade [NVI: ódio] é tudo o que é contrário ao amor e à união verdadeira entre os filhos de Deus: antipatia, hostilidade e preconceitos etc. Inimizade é ver outra pessoa como um inimigo, um competidor ou um concorrente, ao invés de ver outro ser humano como um amigo ou um instrumento de ajuda e crescimento. ‘Um concorrente’ é uma linguagem muito comum nos dias de hoje, em especial no campo comercial e empresarial, e muitas vezes influencia de maneira negativa os próprios filhos de Deus.

Porfia [NVI: discórdia] quer dizer: discussão ou contenda de palavras, polêmica, rivalidade, disputa. Todas essas coisas impedem o Espírito Santo de ministrar a verdade de Deus. Paulo disse a Timóteo: “Recomenda estas coisas. Dá testemunho solene a todos perante Deus, para que evitem contendas de palavras que para nada aproveitam, exceto para a subversão dos ouvintes... Evita, igualmente, os falatórios inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior... E repele as questões insensatas e absurdas, pois sabes que só engendram contendas” (2 Tm 2: 14; 16; 23).

Quanto ao ciúme, nem é preciso comentar; ser ciumento e possessivo é querer possuir aquilo que não lhe pertence, é querer tomar posse de algo que só pertence a Deus, como outro ser humano, por exemplo. Em grego, a palavra usada para ‘ciúmes’ é ‘zeleio’ (Strong #2206, ζήλω), que significa: ter um sentimento ardoroso a favor ou contra; afetar, cobiçar (sinceramente), desejo, desejar, (mexer com) inveja, ser ciumento de, ser zeloso, zelosamente, querer para si. Ciúmes é diferente de cuidado com o que o Senhor entregou como mordomia em nossas mãos.

Não precisamos sentir ciúmes das coisas materiais que temos e que não queremos emprestar para ninguém. Também não precisamos sentir ciúmes se outros amam mais do que nós, ou se aquele a quem amamos é mais amado do que nós, ou se quem amamos só pode ser amado por nós e por mais ninguém. Jesus amou a todos na cruz e Seu amor deu e sobrou para todo mundo até hoje. Ele está disponível vinte e quatro horas por dia para quem quiser beber dele há mais de dois mil anos. Não precisamos ter ciúme do amor de Deus por outras pessoas, porque o Seu amor é suficiente para todos nós ao mesmo tempo. O amor humano prende, o amor divino liberta. Todas as pessoas que caminham ao nosso lado, seja família ou amigos não são nossa propriedade, nossa posse, assim como não somos posse de ninguém; todos pertencemos a Deus. Quando entregamos nossa vida para Ele, Ele passa a ser nosso único Senhor e dono (1 Co 6: 19). Com esse tipo de pensamento em mente, nós passamos a encarar certas situações da vida de maneira diferente, permitindo que as pessoas tomem o caminho que acharem melhor, pensem como queiram, exerçam seu livre-arbítrio da maneira que desejarem, e até para com aqueles que morrem, pois eles estão voltando para os braços de Deus, o verdadeiro dono de suas almas. Nós podemos descansar nesse consolo, devolvendo-os a Ele e sabendo que o Espírito Santo nos enche com o Seu amor e cura nossas lembranças ruins.

Iras são sentimentos que até o próprio Deus sente contra todo pecado e injustiça. Ele mesmo não nos proíbe de sentir ira (“irai-vos e não pequeis” – Sl 4: 4), porque sabe que esse sentimento é necessário ao ser humano para que ele não compactue com o erro e com o pecado, perdendo a sua salvação. O que Ele não quer é que demos lugar a essa ira para afetar de maneira danosa o nosso semelhante, ou que nós nos iremos por aquilo que não diz respeito às coisas santas. Brigar pelas coisas mundanas e pecaminosas não é da vontade de Deus para nós, pois contamina os que estão em volta e multiplica a violência nos corações, criando barreiras duras e, muitas vezes, intransponíveis, de ódio e de separação. A bíblia diz que a ira do homem não produz a justiça de Deus: Tg 1: 20 (“Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus”). A ira de Deus é o Seu antagonismo firme, constante, contínuo e descomprometido para com o pecado em todas as suas formas e manifestações (Rm 1: 18: “A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça”). Em Lv 19: 18 está escrito: “Não te vingará, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor”. Na cruz a ira de Deus foi propiciada.

Discórdias [NVI: egoísmo] só servem para criar confusão e dúvida na cabeça das pessoas e vêm do maligno para dividir e minar as forças. Significa falta de acordo de propósito, de projetos, de desejos e vontades, em qualquer área da vida das pessoas. Nós nem sempre concordamos com tudo o que vemos, ouvimos ou o que outros gostam, mas esse comportamento não pode estar presente num relacionamento mais íntimo ou num trabalho onde se torne necessária a cooperação mútua. A discórdia que a bíblia fala aqui é um comportamento nocivo e constante, sempre com a intenção de frustrar as outras pessoas. Trata-se de uma discussão ou desacordo acalorado, tipicamente sobre uma questão trivial e entre pessoas que geralmente estão em bons termos. Existem pessoas com uma índole de discórdia.

Dissensão significa: divergência de opinião ou de interesses, desavença, oposição. É normal que cada um de nós tenha o direito de pensar como queira sobre determinado assunto, caso contrário, viveríamos numa ditadura, o que traria a opressão. Mas o que Paulo fala aqui é a respeito da doutrina cristã que pode ser distorcida para o interesse de alguns, gerando dúvida no coração dos mais fracos e lhes roubando a fé. Pregações sem nenhum embasamento bíblico geram sementes danosas no coração das ovelhas. Casais com objetivos completamente opostos põem em risco toda a estabilidade da família, a começar pelos filhos, que perdem o parâmetro da verdade da vida. Sociedades onde os sócios não têm um único objetivo para empresa vão criar, mais cedo ou mais tarde, a falência do negócio. E assim por diante em todos os ramos da sociedade; quando há dissensão, não há prosperidade, mas divisão. A KJV vai além, escrevendo a palavra sedição, que significa: conduta ou discurso que incita as pessoas a se rebelarem contra a autoridade de um estado ou monarca, até mesmo a liderança eclesiástica. E isso leva a uma cisão dentro de um sistema, organização ou doutrina.

Facção é uma parte divergente ou dissidente de um grupo ou partido, sublevação, motim. Paulo fala que isto, dentro de uma congregação, é um ato de rebelião assumido, negando a escolha divina para o líder e relegando sua autoridade a segundo plano. Isso diminui a força de todos e abre brechas para a assolação do inimigo. Por isso, se você não está de acordo com a direção da sua igreja, é melhor sair do que criar um grupo dissidente lá dentro. Você estará assumindo uma posição de Absalão frente a um reinado de Davi. Portanto, não faça guerra de liderança espiritual, pois as conseqüências são gravíssimas. Se você não é crente e não concorda com a posição da chefia no seu lugar de trabalho, não fique levantando adeptos lá dentro para ‘quebrar’ a empresa. Isso vai trazer conseqüências danosas para você para os que o seguirem nesse motim. Se não

concorda, seja corajoso, peça demissão e erga você mesmo sua própria empresa, fazendo do seu jeito e, se possível, melhor. Isso é maturidade.

Na verdade, a facção é uma evolução do item anterior, ou seja, a dissensão. Como eu comentei, a KJV usa a palavra ‘sedição’. Então, uma pessoa influencia outras com atos ou palavras a se rebelarem contra uma autoridade, mas acaba levando-as a formar um outro ‘grupo’ dentro daquele ambiente onde eles se encontram e, mais cedo ou mais tarde, se separam ou vivem em constante conflito. Foi o que aconteceu com o judaísmo no Período Intertestamentário, por exemplo, dividindo os grupos religiosos entre fariseus, saduceus, escriba, essênios e finalmente, os zelotes, no início do século 1. Assim, o conflito entre esses partidos político-religiosos (Saduceus e Fariseus) e os grupos extremistas (sicários e os zelotes) foi o desastre dos últimos anos da cidade de Jerusalém, o que facilitou sua invasão por Tito (70 DC). Nos recentes séculos aconteceu praticamente a mesma coisa depois da reforma protestante de Lutero, pois o protestantismo se diversificou e se ramificou em várias denominações, muitas vezes o fruto de cisões doutrinárias por motivos muito pequenos e absurdos.

Inveja, mentira e maledicência são as obras que mais cotação têm no ‘ranking’ (graduação) da assolação da alma e da Igreja de Cristo. No mundo, já é de se esperar esse tipo de comportamento, pois a competição na selva da sobrevivência gera tal tipo de atitude para se poder ter sucesso. Entretanto, dentro da Casa de Deus, onde Jesus disse que o maior seja como quem serve, a inveja e a maledicência têm que ser extirpadas urgentemente da carne dos membros para se deter o avanço do diabo lá dentro mesmo. A inveja não se resume apenas em querer o que é do outro; pior do que isso: é *querer ser* a outra pessoa. Quanto à maledicência, em Lv 19: 16 o Senhor já alertava: “Não andarás como mexeriqueiro entre o teu povo; não atentarás contra a vida do teu próximo. Eu sou o Senhor”. É hipocrisia levantar as mãos para louvar, sentar no banco para ouvir a Palavra ou dar oferta e dizimos com esses tipos de atitudes e sentimentos baixos dentro do coração. Por isso, muitas igrejas estão à beira da ruína; porque, por orgulho, não querem admitir a necessidade de uma cura interior profunda dentro do coração de cada ovelha, inclusive dos líderes. Isso começa dentro das famílias, entre pais e filhos, irmãos e irmãs. O próprio Jesus disse que dentro de uma casa estariam divididos dois contra três e três contra dois, por causa do evangelho, mas não nos proíbe de quebrar essa malignidade. A promessa é: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa”.

A KJV usa duas palavras nesse ponto, não apenas inveja, mas também matança ou assassinato; talvez, para mostrar até onde a inveja profunda pode levar um ser humano a cometer até um crime, quando não consegue aceitar o sucesso ou a vida de outro semelhante. A palavra grega para inveja, neste texto é *phthonos*, φθόνος, Strong #5355, que significa ‘inveja, rancor, despeito’. E a palavra usada por aquela versão e que a acompanha a ‘inveja’ é ‘murder’ (assassinato, em inglês), em grego, *phonos*, φόνος, Strong #5408, que significa assassinato, abate ou carnificina, matança (morte de muitos, de maneira deliberada). É o que aconteceu com Herodes, por exemplo, que com inveja e medo de ter seu trono usurpado por um bebê recém-nascido (Jesus), cometeu a matança de muitos inocentes de Belém e dos seus arredores.

Quanto a bebedeiras e glotonarias [ARA: bebedices, glotonarias; NVI: embriaguez, orgias], nem é preciso comentar. Quem não consegue renunciar a um cigarro, um prato de macarronada a mais ou uma garrafa de cerveja por amor a Jesus, na verdade nega Sua importância acima de qualquer outra coisa. O que ocorre, na maioria das vezes, não é compaixão, nem paciência pela dificuldade do outro; é comodismo e falta de autoridade da própria pessoa em querer mudar de vida, de ter a mente aberta aos

verdadeiros valores do reino de Deus e de aprender a colocar na balança o que é do mundo e o que é sagrado.

Gula, farra e embriaguez, orgias e coisas do tipo eram muito comuns na época em que Paulo escreveu isso aos gálatas, especialmente por gregos e romanos, e muitos novos convertidos se acostumaram a tudo isso, mas agora eles precisavam deixar para trás esse tipo de vida, a fim de seguir o Cristianismo de todo o coração. Hoje não é tão diferente. Muitas pessoas vêm a Jesus, mas não têm entendimento do que significa ser um cristão ou não têm força para deixar de lado seu velho homem (seu antigo eu), sua antiga vida e até mesmo um simples cigarro, porque se tornaram dependentes de muitas coisas no passado para preencher seu vazio. Levará algum tempo para que eles se comportem da maneira santa de Deus, mas com a ajuda do Espírito Santo isso será possível.

Por isso, não adianta expulsar espírito de inveja, de roubo, de prostituição etc. Tudo isso é obra da carne (ver abaixo, item 2) e carne não se expulsa; se trata diante da cruz através da entrega. Ninguém discorda que o diabo é astuto; ele é como um fungo oportunista que ataca o corpo humano quando suas defesas estão baixas. Quando elas estão fortes, ele não tem lugar para se instalar. Cada filho de Deus tem o livre-arbítrio de buscar sua própria cura diretamente no trono, aprendendo a lutar pelos seus próprios interesses e fortalecendo sua comunhão íntima com Ele, não dependendo de outro ser humano para isso. As obras da carne nos aprisionam.

2) Mc 7: 20-23: “... E dizia: O que sai do homem, isso é o que o contamina. Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo (*ação premeditada*), a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba (*orgulho, arrogância*), a loucura. Ora todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem”. Demônio se expulsa pelo nome de Jesus (Mc 16: 17) e pelo Seu sangue. Carne se trata com jejum e oração (Mt 17: 21; Mc 9: 29), arrependimento e vontade de mudar de vida (Jl 2: 13).

3) Tt 2: 11-15: “Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda a iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras. Dize estas coisas: exorta, repreende também com toda a autoridade. Ninguém te despreze”.

Aqui, Paulo instrui Tito, seu filho na fé, a exortar e a repreender as coisas erradas, como fizeram os profetas do passado, para que o mal não se alastre dentro da própria Igreja. Os famosos versículos: “A nossa luta não é contra carne e sangue” e “Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne” (2 Co 10: 3-6; Gl 5: 17a; Ef 6: 12) têm tirado a autoridade de muitos líderes, deixando para Deus fazer o que é para eles fazerem. Por isso Paulo fala: “Dize estas coisas; exorta e repreende também com toda autoridade. Ninguém te despreze” (Tt 2: 15). Ele falou o mesmo com Timóteo: “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza. Até à minha chegada, aplica-te à leitura [i.e., leitura pública das Escrituras], à **exortação**, ao ensino” (1 Tm 4: 12-13)... “Prega a palavra, insta [*instar = persistir, insistir, questionar*], quer seja oportuno, quer não [NVI: pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo], corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Porque haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as

aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério” (2 Tm 4: 2-5).

Em grego, a palavra usada para ‘**exortação**’ é Paraklesis (Strong #g3874 – 1 Tm 4: 13 – paraklêsei – παρακλησει), que significa: consolo, conforto, consolação, exortação, súplica; a palavra grega para o verbo ‘exortar’ é Parakaleo (Strong #g3870 – 2 Tm 4: 2 – Parakaleson – παρακαλεσον), com os mesmos significados: implorar, consolar, confortar, exortar, suplicar com insistência ou seriedade. Em latim, ‘exortação’ vem da palavra ‘exhortatione’ ou ‘hortation’: ação de exortar; admoestação; advertência; conselho, palavras estas que encontramos também no dicionário em Português, além de outras como: ação de exortar: animar, incitar, encorajar, estimular. Isso nos faz pensar que exortação pode se tratar de uma atitude de encorajamento e estímulo, insistência ou súplica, ou até de uma admoestação ou advertência, ou seja, de uma palavra mais forte, de autoridade, que se aproxima quase da repreensão, convidando alguém a se arrepende do seu pecado.

4) Tt 1: 15: “Todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque a mente como a consciência deles estão corrompidas”.

5) 1 Co 10: 23: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm: todas são lícitas, mas nem todas edificam”.

Esses dois últimos tópicos, nós comentaremos juntos. Ser crente não é viver para o resto da vida o evangelho do ‘não’. Entretanto, quando vivemos verdadeiramente no Espírito, passamos a identificar o que nos convém ou não, pois Ele mesmo nos instrui na verdade. Portanto, sinta-se na liberdade do Espírito, ouça a Sua voz e entenda Seus sinais. Obedeça-Lhe em tudo e logo você vai conhecer o que é certo e o que é errado, o que lhe convém ou não. Em caso de dúvida, abra a Palavra e busque ali as respostas. Tudo vai ficar claro em sua vida.

• **Gl 5: 22-23:** “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade [NVI: amabilidade], bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei”.

Passemos agora aos frutos do Espírito: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

Quanto ao amor, está colocado em primeiro lugar como em 1 Co 13: 1, relacionado ao dom principal que um crente precisa ter para exercer seu ministério. Sem o amor, que é o próprio Deus, nada se consegue; e o amor de que se fala aqui, não é o Eros nem o Philleo (de amigo), mas o Ágape, o amor incondicional de Deus (Rm 5: 5), o amor de entrega na cruz, a própria Palavra em ação. Isso não é conseguido da noite para o dia, mas em contato constante com o Senhor por anos a fio, nos tornando parecidos com Ele.

A alegria também é um fruto do Espírito gerada no nosso coração por Ele mesmo e decorrente da consciência do Seu senhorio sobre nós e que nos faz superar todas as provas e dificuldades com a certeza do Seu livramento e da Sua vitória, simplesmente por sermos filhos, não mais escravos (Rm 8: 15). É um bem-estar decorrente da liberdade de ser um filho de Deus, liberto de todo o jugo do pecado.

A paz é resultado de uma entrega que nos leva à harmonia de propósito com Ele e nos faz desejar o que Ele deseja; a certeza de que tudo se resolve porque Ele é Deus. A paz nos torna parecidos com Jesus, pois passamos a ver que com Ele dentro de nós nada mais nos ameaça.

Longanimidade significa: firmeza de ânimo, generosidade, magnanimidade, paciência, coragem e intrepidez.

Benignidade quer dizer: benevolência, indulgência, clemência, brandura, doçura, saber fazer o outro feliz.

Bondade simboliza uma boa natureza, a natureza de ter o bem implantado dentro de si como uma marca. É ter uma natureza voltada ao bem sempre, pensando no bem-estar do semelhante como Deus pensa nos Seus filhos. É detestar tudo o que é maligno ou possa causar dano a outrem. É rejeitar e se opor à natureza do diabo e do mundo.

Fidelidade é ser fiel a um compromisso e a uma palavra dada mesmo que isso tenha um preço. A bíblia diz que Deus é fiel. Se nós O negarmos, Ele nos negará; se formos infiéis, Ele permanecerá fiel, pois não pode, de maneira alguma, negar a si mesmo (2 Tm 2: 12-13). Isso quer dizer que se formos infiéis num compromisso como crentes, Ele vai continuar a ser fiel à Sua própria palavra, pois Ele é a Palavra e não pode mudá-la. “Eu, o Senhor, não mudo, por isso não sois consumidos” (Ml 3: 6).

Mansidão significa: serenidade, tranqüilidade, calma pela certeza da vitória, se deixar moldar por Deus, ter segurança de que tudo tem solução. Ser manso é ser submisso à vontade de Deus, às Suas leis e ao plano divino. Submeter-se à Sua vontade nos traz poder e domínio sobre a Criação. Não deve ser confundida com comodismo, preguiça ou passividade, que abre mão da autoridade que Deus já nos delegou. Moisés era um guerreiro, entretanto, a bíblia fala que ele era o homem mais manso da terra, porque se deixou ser conduzido por Deus, apesar de ser líder, e nunca abriu mão da autoridade que Ele lhe conferiu para conduzir Seu povo. Muitas vezes, tomou atitudes drásticas, fortes e agressivas para manter a ordem entre os israelitas e cumprir até o fim sua missão. Não foi impotente nem passivo diante das rebeliões do povo, mas se deixou moldar por Deus em todas essas situações, exercendo com sabedoria e paciência sua posição de líder.

O domínio próprio é, com certeza, uma das características mais importantes do Espírito Santo em nós, nos impedindo de fazer o que a carne quer e passando a colocá-la sob as Suas asas. Em Pv 16: 32 está escrito: “Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito do que o que toma uma cidade”. Isso nos faz pensar que a luta mais difícil não é contra o mundo nem contra o diabo, mas contra a nossa carne, pois quando ela está submissa à vontade de Deus e nossas brechas são fechadas, fica mais fácil combater o que está fora. Este trabalho de cura interior é longo, depende da nossa vontade e disponibilidade em sermos trabalhados e conhecermos a nós mesmos; depende da vontade e da escolha de Deus e de muita paciência, entretanto, isto nos leva a uma cura profunda e verdadeira, nos torna realmente novas criaturas. Faz-nos viver o que está escrito em Gl 2: 20: “Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, eu tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”.

AS FESTAS JUDAICAS DO ANTIGO TESTAMENTO



Antes de entrarmos no tema propriamente dito, vamos entender primeiro o calendário judaico. A passagem dos anos era geralmente assinalada por referência aos meses, às estações agrícolas e às festas principais.

O **Ano**, em hebraico, **shānâ** (pronuncia-se **shaná**), era composto de doze meses lunares (354 dias). O verbo shaná significa literalmente ‘repetir [aquilo que se ensinou]’, e era assim chamado devido à mudança ou sucessão das estações. De três em três anos acrescentava-se um mês (pela repetição do último mês) para tirar a diferença entre os doze meses lunares e o ano solar. Para os judeus, a festividade que comemora o início do ano é baseada no calendário religioso e no calendário civil. O calendário civil iniciava quando começava o outono (sétimo mês ou mês de Tisri – Êx 23: 16; Êx 34: 22). Enquanto estiveram no Egito, os hebreus talvez tenham se adaptado ao ano solar de 12 meses, cada qual com trinta dias, com a adição de cinco dias extras, totalizando 365 dias. Mas no momento da sua saída de lá, o Senhor marcou o início do ano (calendário religioso) baseado no evento da **Páscoa** (Pessach), quando o Destruidor passou sobre as casas matando os primogênitos do Egito (**Pessach** significa **passar por cima** – Êx 12: 13; 23; 27). Assim, o primeiro mês foi fixado na primavera (Abibe ou Nisã – Êx 12: 2) e o calendário judaico passou a ter doze meses lunares.

O mês tinha início quando o **crecente da lua nova** (Nm 28: 14; Is 66: 23; 2 Cr 8: 13; Nm 28: 11) era visto pela primeira vez ao pôr-do-sol. O **Mês** (**yerah** ou **yare’ach** = **lua**) tinha vinte e nove a trinta dias e, visto que o ano lunar era mais curto em cerca de onze dias que o ano solar, era necessário intercalar periodicamente, como foi explicado acima, um décimo terceiro mês, a fim de que o dia do **Ano Novo** não caísse antes da primavera (março-abril).

Nós podemos notar dois nomes diferentes para cada mês: um pré-exílio babilônico e outro pós-exílio. O mês de Abibe, designado por Deus para início do **Ano Novo**, coincidindo com a primavera ou com a Páscoa, também se referia ao período do início da colheita de trigo, por isso, o nome Abibe significa: amadurecimento do trigo (Êx 13: 4; Êx 23: 15). Seu nome pós-exílio passou a ser Nisã = princípio, abertura. Os outros nomes que restam do período pré-exílio são: Zive (1 Rs 6: 1; 37, o segundo mês, que significa esplendor das flores), Etanim (1 Rs 8: 2, o sétimo, que significa chuva constante) e Bul (1 Rs 6: 38, o oitavo, que significa mutável, crescimento).

O calendário agrícola é dividido em estação seca (de abril a setembro) e estação chuvosa (de outubro a março). Esta podia ser subdividida em ‘sementeira’ (novembro-dezembro) e ‘colheita’ (abril-junho).

Algumas festividades foram descritas no NT, mantendo as leis judaicas dadas a Moisés: **Páscoa** (Jo 2: 13; 23; Jo 6: 4; Jo 11: 55; Mt 26: 2; Mc 14: 1; Lc 22: 1; At 12: 3; At 20: 6), **Ano Novo** (Jo 5: 1), **Tabernáculos** (Jo 7: 2; 37 cf. Lv 23: 36; Nm 29: 35; Ne 8: 18), **Pentecostes** (At 2: 1; At 20: 16; 1 Co 16: 8), **Dia da Expição** (At 27: 9, aqui chamado **Dia do Jejum**).

A seguir coloco a tabela com os meses e as festividades. Em vermelho está o significado do nome de cada mês.

Mês	Nome pré-exílico	Nome pós-exílico	Calendário moderno	Estação	Festa (dia do mês)
1	Abibe (amadurecimento do trigo)	Nisã (princípio, abertura)	março-abril	Primavera	14° Páscoa 15°-21° Pães asmos 16° Primícias
2	Zive (esplendor das flores)	'Iyyar	abril-maio	Começo da sega (cevada e trigo)	
3		Siwã	maio-junho	Figos verdes	6° Pentecostes (Festa das semanas) Colheita
4		Tamuz (escondido, filho da vida)	junho-julho	Colheita de uvas	
5		'Abh	julho-ago	Colheita de azeitonas	
6		Elul (grito ou colheita da vida)	agosto-set.	Tâmaras e figos maduros de verão	
7	'Ethânim (chuva constante)	Tisri	set-outubro	Primeiras chuvas	1° Trombetas 10° Expição 15°-21° Tabernáculos 22° Reunião solene
8	Bul (mutável, crescimento)	Marheshwan (literalmente: oitavo mês)	out-nov.	Aradura e figos tardios (outono-inv.)	
9		Quisleu (confiança, ousadia)	nov-dez.	semeadura	25° Dedicção* (Hanukah)
10		Tebete	dez-jan.	Chuva (neve nos lugares altos)	
11		Shebate	jan-fev.	Flor da amoreira e colheita de frutas cítricas	
12		'adhar (amplitude, largura, ornamento, glória)	fev-março	colheita de frutas cítricas	14°-15° Purim*

* Não determinadas por Deus. Purim: por Mordecai e Ester (Et 9: 21-22; 26-29). Hanukkah (1 Macabeus 4: 52-53; Jo 10: 22): por homens, durante o “período de silêncio de Deus” (De 400 AC até o nascimento de Cristo).

As **festas do Senhor** (hebraico, **mô^adhe YHWH**) descritas em Lv 23: 2; 4 e Nm 15: 3 (onde são chamadas de **festas fixas**) expressam um dia ou um período de alegria religiosa. Embora algumas coincidam com as estações do ano e com os eventos da colheita, não são devidas a estas circunstâncias, mas a um mover poderoso de Deus na

vida do Seu povo. As festas foram instituídas por Ele para que o povo se aproximasse mais dEle e refizesse a aliança com seu Criador, como um ato de gratidão pelos Seus benefícios. Infelizmente, os judeus, ao longo dos séculos, deixaram de lado o aspecto piedoso delas e passaram a transformá-las unicamente em observâncias religiosas sem que seu espírito estivesse envolvido; por isso a crítica dos profetas no AT. Outro termo usado para festas é **hagh** (Lv 23: 6; Dt 16: 16). Embora três delas sejam as principais descritas na bíblia (Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos), o Sábado também é considerado em Levítico como uma Festa, assim como a Festa das Trombetas [Rosh haShannah (literalmente “cabeça do ano”), Ano Novo civil, não o religioso correspondente à Páscoa] e da Expição (Yom Kippur). As outras duas descritas depois (Purim e Hanuká, ver item 8) não foram diretamente instituídas por Deus, mas comemoradas pelo povo judeu por ter recebido dEle um livramento importante.

As principais festas descritas são:

1) **Festa dos Pães Asmos**, em hebraico, **hagh hamaççôth** (Êx 12: 8; Êx 23: 15; Lv 23: 6), ou **Páscoa**, em hebraico, **Pessach** (= passar por cima – Lv 23: 5), estabelecida para comemorar a libertação dos israelitas da escravidão do Egito (Êx 12: 1-28). Iniciava no 14º dia do primeiro mês e durante sete dias era comido o pão sem fermento; também não era feito nenhum tipo de trabalho habitual. O primeiro e o último dia da festa eram convocações santas e sacrifícios eram oferecidos (Nm 28: 16-25; Dt 16: 1-8).

2) **Festa das Semanas**, em hebraico, **hagh shavuot**, também chamada de **festa das colheitas** e **festa das primícias** (Êx 23: 16; Êx 34: 22 e 26; Lv 23: 9-14; Lv 23: 15-22; Nm 28: 26-31; Dt 16: 9-12; 26: 1-11). Posteriormente, tornou-se conhecida como **Festa de Pentecostes**, uma vez que era celebrada cinquenta dias após o sábado da Páscoa (Lv 23: 15-16). Era assinalada por uma convocação e por oferta de sacrifícios. Os primeiros frutos da terra eram oferecidos ao Senhor como gratidão (um molho da primeira colheita de trigo) e nenhum trabalho habitual era feito.

3) **Festa dos Tabernáculos**, em hebraico, **hagh hassukkôth** (ou festa de Sucot; sucot = tendas, plural de sucá = tenda), ou **festa da colheita do final do ano**, em hebraico, **hagh hã'ásiph** (Êx 23: 16; Êx 34: 22; Lv 23: 34-43; Nm 29: 12-40; Dt 16: 13-17). Durava sete dias sendo que o primeiro e o último eram convocações santas. As frutas eram colhidas e o povo habitava em cabanas feitas de ramos e galhos de árvores, iniciando-se no 15º dia do sétimo mês (Lv 23: 39-43; Nm 29: 12-40; Ne 8: 15). O fato de viverem em tendas durante a festa lembrava os judeus sobre as suas peregrinações no deserto, após terem sido libertos de Faraó. Assim como nas demais festas era guardado o descanso. Sete tipos de alimentos são colhidos na época de Sukkot em Israel. Muitos judeus penduram exemplos de cada um no teto da Sukah (Sucá) para simbolizar a colheita. Esses alimentos são: trigo, cevada, uvas, azeitonas, romãs, tâmaras e figos. O Lulav ou folha de palmeira é amarrado com o salgueiro e a murta. O Etrog (cidra) é usado em preces e cerimônias de Sukkot.



As plantas e as frutas estão descritas em Lv 23: 40: “No primeiro dia, tomareis para vós outros frutos de árvores formosas (cidra – etrog), ramos de palmeiras (tamareiras – lulav), ramos de árvores frondosas (hadas – murta) e salgueiros de ribeiras (aravah – chorão); e, por sete dias, vos alegrareis perante o Senhor, vosso Deus”. O oitavo dia de Sukkot descrito em Lv 23: 36 foi um dia de reunião solene instituído pelo Senhor como uma forma de consagração a Ele e como encerramento da Festa dos Tabernáculos.

Hoje, a reunião solene do 22º dia do 7º mês (ou 8º dia da festa dos Tabernáculos) é chamada Shemini Atzeret (Lv 23: 36), a “Convocação do Oitavo Dia”, e marca a conclusão do feriado de Sukkot, e Simchat Torah, comemorando alegremente o término do ciclo anual da leitura da Torá e o início de um novo ciclo. A essência da festa é a ligação com Deus obtida por meio das rezas e da alegria nas refeições. Em Israel, Shemini Atzeret e Simchat Torah são celebrados com uma mesma festa, no mesmo dia. Na Diáspora, porém, dois feriados são concedidos, a fim de compensá-los por não terem a felicidade de viver na Terra Santa. A palavra **Atzeret** (que pode também ser escrita *Atsêret*) é uma expressão paterna de afeição, como se fosse algo que um pai diria ao despedir de seu filho. Simchat Torah ou “a alegria da Torá” assinala o final do ciclo de leituras da Torá para o ano, porque a última parte é lida e completada neste ponto do serviço religioso. A última parte do último capítulo é lida pelo ‘Noivo da Torá’ (o Noivo é aquele honrado com a leitura do último livro – Deuteronômio) e o ciclo recomeça com a leitura das três primeiras partes do Gênesis, o primeiro livro. É bom deixar claro que o oitavo dia de Sukkot descrito em Lv 23: 36 foi um dia de reunião solene instituído pelo Senhor como uma forma de consagração a Ele e como encerramento da Festa dos Tabernáculos. Assim como a festa da ‘Hanukkah’, a festa de ‘Simchat Torah’ não é uma festa bíblica, mas instituída por homens e não por Deus, mesmo porque Ele não instituiu uma festa para comemorar a entrega dos Dez Mandamentos a Moisés. Ela veio com as instruções de homens ao escrever o Talmude no século V-VI. Em Lv 23: 36 está escrito: “Sete dias oferecereis ofertas queimadas ao Senhor; ao dia oitavo (shemiyni = oito, Strong #8066, שְׁמִינִי), tereis santa convocação e oferecereis ofertas queimadas ao Senhor; é reunião solene (‘atsereth ou atsarah, Strong #6116; עֲצֵרֶת, assembléia solene; reunião solene), nenhuma obra servil fareis” (shibh`ath yâmiym taqriybhu 'isheh layhvh bayyom hashemiyniymiqrâ'-qodhesh yihyeh lâkhem vehiqrabhtem 'isheh layhvh `atsereth hiv'kol-mele'kheth `abhodhâh lo' tha`asu).

4) **Sábado** (Shabbat = descanso, cessação, interrupção). Esse é reputado como festa em Lv 23: 2-3 e é chamado Sábado de Descanso. Era assinalado por assembléia solene (Is 1: 13) e pela cessação de todo trabalho. Também era dia de alegria (Is 58: 13). O que Deus queria dizer era para eles descansarem do trabalho secular que realizavam como fonte de sobrevivência, a fim de poderem estar livres para ter mais comunhão com Ele, para adorá-LO e esperar pela Sua ajuda. Algo importante acerca do sábado do descanso é que não apenas dizia respeito ao povo e ao quarto mandamento instituído por Deus (Êx 20: 8-11), mas também ao descanso da terra (Êx 23: 10-11, onde Deus fala sobre o Ano do descanso ou Ano Sabático, assim como em Lv 25: 2-4). Dessa forma, alertava o povo a obedecer às Suas leis para que esta bênção não fosse retirada (Lv 26: 34-35; 43); eles não obedeceram ao Senhor ao longo dos séculos e então Ele retirou os sábados de uma só vez, por isso os setenta anos de cativo na Babilônia (2 Cr 36: 21; Jr 25: 11-12). Outras referências bíblicas em relação ao Sábado: Êx 20: 8-11; Êx 23: 10-13; Êx 34: 21; Êx 35: 1-3; Lv 19: 30; Lv 23: 3; Lv 25: 2-4; Lv 26: 34-35; Lv 26: 43; Nm 15: 32-36; Dt 5: 12; 2 Cr 36: 21; Ne 13: 17; Is 1: 13; Is 56: 2; 4-5; Is 58: 13-14; Jr 17: 21-22; Jr 25: 11-12; Jr 29: 10; Dn 9: 2; Hb 3: 11.

5) **Festa das Trombetas** (Nm 29: 1). Em Lv 23: 24 esse dia é chamado de “memorial com sonidos de trombetas”, correspondendo ao Ano Novo civil (Rosh

haShannah, que significa, literalmente: “cabeça do ano”). Sacrifícios eram oferecidos, e o trabalho árduo cessava. Praticamente antecipava a festa posterior da **Expição (Yom Kippur)**, pois a trombeta é símbolo de convocação, chamando o povo ao arrependimento e a estar na presença do Senhor. É costume tocar a trombeta de chifre de carneiro (shofar) nesse dia.

6) **Dia da Expição (Yom Kippur, Jejum** – At 27: 9; Lv 16: 1-10; 29-34; Lv 23: 26-32; Nm 29: 7-11). Era observado no décimo dia do sétimo mês e era de dia de convocação santa durante o qual as pessoas se afligiam e uma expiação anual pelo pecado era efetuada. Era realizado apenas uma vez por ano (Êx 30: 10).

7) **Festa de Purim**, descrita em Et 9: 21-22 e estabelecida por Mordecai (não por Deus) no tempo de Assuero (rei persa), a fim de comemorar o grande livramento dos judeus das intrigas de Hamã, sendo dias de festividade e regozijo. Comemorada nos dias 14 e 15 do mês de ^aadhar (o último mês = fevereiro-março).



1ª noite



2ª noite



3ª noite



4ª noite



5ª noite



6ª noite



7ª noite



8ª noite

8) **Festa de h^anukkâ** é a celebração da recuperação e purificação do templo de Jerusalém por Judas Macabeu por volta de 165 AC, após sua profanação por Antíoco Epifânio (1 Mac 4: 52-53 – livro apócrifo), também chamado Antíoco IV. Recebeu igualmente o nome de **Festa das Luzes**. Em grego, o termo usado em Jo 10: 22 é **Enkainia = Dedicção**. Diferentemente da Festa de Purim, onde o objetivo é comemorar com presentes e alimentos, pois a vida (o corpo físico dos judeus) foi solicitada pelo inimigo, a Festa das Luzes é uma festa de cunho espiritual, onde se busca a luz da presença de Deus no meio do Seu povo. É comemorada por oito dias; em cada um deles, uma das nove lâmpadas do candelabro (Chanukiá ou Hanukiá) é acesa, sendo que a do meio, chamada shamash (hebr. = sol), é usada para acender as outras oito e é a

1ª vela a ser acesa. A Festa das Luzes não foi instituída por Deus, mas por homens, durante o “período de silêncio de Deus” (400 AC até o nascimento de Cristo). Segundo a tradição judaica, na consagração do altar por Judas Macabeu a Menorá do templo precisava ser acesa, e para isso era necessário azeite de oliva ritualmente puro. Contudo, havia apenas um frasco que não fora violado pelos gregos, suficiente para um dia apenas. Mesmo assim, os judeus acenderam o Candelabro. E, foi, então, que ocorreu o grande milagre e o azeite ardeu por oito dias.

O mais importante de tudo para nós, que vivemos debaixo da graça ao invés da lei, é saber interpretar à luz da sabedoria divina o que essas festas significam espiritualmente, pois o nosso espírito pode se alegrar não só com algo que foi bênção do Senhor no passado, mas continua a ser para todo aquele que nEle crê.

A **Páscoa** não é mais um ritual a ser obedecido como uma libertação física de um cativo em terra estrangeira, mas a libertação espiritual conquistada na cruz por Jesus, nos livrando do cativo eterno da morte nas mãos do diabo. Viver a Páscoa é viver a Sua ressurreição e a Sua vitória sobre o pecado em nossas vidas. É conquistar o direito de filhos de Deus através do Seu perdão e ter a autoridade sobre todo o mal.

A Festa das Primícias, ou **Pentecostes**, é mais do que nos alegrar com os frutos do nosso trabalho, ofertando-os como um ato de gratidão ao Senhor; é receber dEle o Seu Espírito Santo que nos enche com dons e frutos espirituais e com todo o poder que estava em Si mesmo, nos dando a capacitação para realizar aqui na terra os mesmos milagres que Ele realizou.

Celebrar a **Festa dos Tabernáculos** significa nos lembrarmos de todas as coisas que Ele já fez por nós até hoje no nosso deserto espiritual em busca da nossa “terra prometida” e nos alegrarmos sabendo que na nossa peregrinação na terra Ele estará sempre nos dirigindo a cada passo do caminho, nos dando vitória e livramentos.

Shemini Atzeret significa a alegria de ler a palavra de Deus, cada dia um ciclo novo, uma revelação nova, ser ‘o noivo da Torá’, ou seja, se sentir privilegiado por ser um escolhido do Senhor para conhecer Seus ensinamentos e, mais do que isso, o que o Seu Testamento contém para nós, isto é, Seu legado, Sua herança, os nossos direitos como filhos de Deus.

Não devemos nos esquecer dos **sábados** que Deus coloca na nossa vida, ou seja, dos períodos em que a única alternativa que temos é descansar nEle, pois só Ele é capaz de nos direcionar e nos suprir com o que precisamos. Devemos dar descanso à nossa terra, à nossa alma, como era prescrito na Lei, periodicamente, após um período de luta espiritual para que o nosso interior possa se refazer do esgotamento sofrido. É dar descanso à nossa terra interior e nos afastar da convivência com tudo aquilo que não agrada ao Senhor para estarmos no altar em intimidade com o Seu Espírito, recebendo Seu consolo, Sua direção e Sua força.

Viver a **Festa das Trombetas** é ouvir Seu chamado para estar em Sua presença em louvor e oração, principalmente quando a nossa alma está enfraquecida por tanta afronta de Satanás e tantos obstáculos que ele coloca em nosso caminho. É convocar os irmãos à santidade planejada por Deus para o Seu povo, levando-os ao altar através da adoração e do arrependimento para que a aliança feita com Ele não se quebre; começar tudo de novo (um “Ano Novo”).

O **Dia da Expição** pode ser todo o dia, pois é o dia em que podemos nos consagrar a Jesus e nos aproximar da cruz através do jejum e da oração sincera, nos limpando daquilo que nos incomoda; viver Seu perdão. É o dia em que podemos entrar em intercessão por outros irmãos que possam estar necessitados de uma intervenção divina em suas vidas.

Celebrar a **Festa de Purim** é dar graças às bênçãos materiais que o Senhor coloca em nossas mãos, não só para nosso próprio benefício, mas para abençoar Sua obra, dividindo o que temos com os menos favorecidos. É saber que o inimigo não pode reter o que é nosso e tudo o que ele tentar roubar injustamente das nossas vidas, inclusive nossa saúde física, pode ser revertido pelo poder abençoador de Deus. Jesus (na figura de Mordecai) pode determinar livramento sobre os Seus filhos e quebrar todo o decreto do diabo sobre eles.

A **Festa das Luzes** é algo contínuo que um cristão tem o direito de comemorar quando está cheio do Espírito Santo. É viver no Espírito e não na carne, deixando a força do Espírito de Deus realizar em nós e através de nós a Sua vontade. É ter entendimento, sabedoria, fortaleza, prudência, conhecimento e temor do Senhor na nossa alma e no nosso espírito afugentando todo o tipo de treva que tenta nos impedir de ver com clareza direção divina para nossas vidas. É ter a certeza de que Sua revelação vai estar sempre disponível para nós e que a força da Sua Palavra não nos deixará escorregar nas ciladas do diabo, pelo contrário, nos levará seguros até o fim.

Em quase todas as festas eram oferecidos sacrifícios ao Senhor: holocaustos, ofertas pelo pecado, oferta pela culpa, ofertas de manjares, ofertas pacíficas etc. Isso quer dizer para nós que Jesus já se ofereceu como sacrifício vivo diante do Pai pagando o preço pela nossa Salvação, mas cabe a nós nos oferecermos como sacrifício vivo, santo e agradável a Ele, como diz a Palavra, diariamente, dando a Ele o que temos de melhor. Agindo assim, estaremos cumprindo o que está escrito em Lv 6: 12-13: “O fogo, pois, sempre arderá sobre o altar; não se apagará; mas o sacerdote acenderá lenha nele cada manhã, e sobre ele porá em ordem o holocausto, e sobre ele queimará a gordura das ofertas pacíficas. O fogo arderá continuamente sobre o altar: não se apagará”. Isso quer dizer que a chama do avivamento do Espírito em nossos corações não vai se apagar porque nós como sacerdotes vamos acender a lenha da oração, das súplicas e das ações de graças; sobre elas colocaremos não só a nossa vida à disposição do Senhor como também o nosso sacrifício de louvor (holocausto), a nossa unção e o que temos de mais precioso que é a intimidade com Jesus (gordura) para que ela seja multiplicada por Ele, vindo a nos fortalecer.

AS SETE NAÇÕES CANANITAS



Em Gn 12: 1-4 está escrito: “Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra. Partiu, pois, Abrão, como lhe ordenara o Senhor, e Ló foi com ele. Tinha Abrão setenta e cinco anos quando saiu de Harã”.

No livro de Neemias podemos encontrar uma referência a Abraão: “Tu és o Senhor, o Deus que elegeste Abrão e o tiraste de Ur dos caldeus, e lhe puseste por nome Abraão. Achaste seu coração fiel perante ti e com ele fizeste aliança, para dares à sua descendência a terra dos cananeus, dos heteus, dos ferezeus, dos amorreus, dos jebuseus e dos girgaseus; e cumpriste as tuas promessas, porquanto és justo” (Ne 9: 7-8).

Também há referência àquelas nações em Dt 7: 1-2: “Quando o Senhor, teu Deus, te introduzir na terra a qual passas a possuir, e tiver lançado muitas nações de diante de ti, os heteus, e os girgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu; e o Senhor, teu Deus, as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas aliança, nem terás piedade delas”... “e havendo destruído sete nações na terra Canaã, deu-lhes essa terra por herança” (At 13: 19)... “Disse mais Josué: Nisto conhecereis que o Deus vivo está no meio de vós e que de todo lançará de diante de vós os cananeus, os heteus, os heveus, os ferezeus, os girgaseus, os amorreus e os jebuseus” (Js 3: 10).

Deus deu a Abraão a terra de Canaã porque os povos idólatras que ali estavam não Lhe agradaram e, pelas suas abominações, deveriam ser expulsos e destruídos. Os cananeus foram os primeiros moradores da Terra Prometida antes de Israel chegar. Eles habitavam na região próxima ao Grande Mar (Mar Mediterrâneo) até o Norte, por isso também eram chamados de Siro-Fenícios. Nos tempos do AT, a Fenícia era chamada de Canaã (Hebr.: Kena'an), e seus habitantes, Cananeus (Hebr.: Kna'aniy; Strong #3669), que significa ‘comerciantes’, ‘mascates’; e assim como um comerciante zela pelas suas mercadorias para que não sejam roubadas e para que ele não tenha prejuízo financeiro com elas, nós podemos estender seu significado para ‘zeloso’. Em grego, a Fenícia é chamada Phoiníkē, Φοινίκη, ‘terra das palmeiras’.

Heteu (Hebr.: Chitti; Strong #2850) significa ‘descendente de Hete’. Hete (Hebr.: Cheth; Strong #2845) significa ‘medo, terror’. Nós podemos dizer, portanto, que Heteu significa ‘o que não tem medo de mostrar quem é’. Amorreu (Hebr.: Emori; Strong #567) é uma palavra derivada de uma raiz primitiva que significa proeminência; conseqüentemente, montanhês, habitante da montanha, alpinista, montanhista; simbolicamente, visionário; Ferezeu (Hebr.: Perizzi; Strong #6522) significa ‘habitante do país aberto’, como é o reino de Deus para nós. Heveu (Hebr.: Chivvi; Strong #2340)

significa ‘aldeão’. Aldeia é símbolo do que é pequeno, costumeiro, limitado, tradicional, que julga; que não se entrega e não se rende; que se opõe à mudança. Jebuseu (Hebr.: Yebusi; Strong #2983) significa habitante de Jebus (Hebr.: Ybuwc ou Yebus; Strong #2982), o antigo nome de Jerusalém (‘a cidade da paz’); e Jebus significa ‘lugar que é pisado ou trilhado, eira, lugar de debulha’. Como Ornã ou Araúna foi o último Jebuseu a permanecer no lugar onde seria construído o templo do Senhor, Jebuseu pode significar: o que resiste, o que permanece até o fim. Girgaseu (Hebr.: Girgashi; Strong #1622) significa ‘o que ocupa terreno argiloso’.

Deus estava dizendo a Abrão: “Ali naquela terra existem bênçãos e características que eu quero lhe dar, assim como à sua descendência. Os que ali estão, roubaram o que eu anteriormente separei exclusivamente para o meu povo”. De certa forma, Abrão tinha que deixar tudo aquilo a que ele estava acostumado e que o prendia a falsas seguranças e a falsas bênçãos para conquistar o que era realmente precioso.

A palavra *bênção* vem do hebraico, *brakah* (Strong #1293) e significa bênção; por implicação: prosperidade, presente. *Brakah* se origina da palavra *barak* (Strong #1288), uma raiz primitiva que significa ‘ajoelhar-se; por implicação: abençoar a Deus (como um ato de adoração) e ao homem (como um benefício); abençoar, parabenizar, ajoelhar, louvar, saudar, agradecer’. Deus estava dando a Abraão o mesmo que deu a Adão e Eva: a capacidade de ser parecido com Ele e viver Sua vida plena e abundante.

Quando Deus deu a Lei a Moisés e Josué fez o povo entrar na Terra Prometida, as orientações foram mantidas para que a terra realmente ficasse em posse do povo escolhido. Para nós, hoje, de acordo com o que vimos acima, significa remover da nossa vida, demônios e obras da carne que estão impedindo o Espírito de Deus de agir com poder. Também significa tomar de volta as bênçãos que nos pertencem e foram roubadas pelo inimigo. Cananeu significa: comerciante, mascate. E como um comerciante zela pelas suas mercadorias para que não sejam roubadas e para que ele não tenha prejuízo com elas, nós podemos estender seu significado para ‘zeloso’. Assim, nós é que temos que zelar pelas promessas de Deus e pelos dons espirituais que Ele derrama sobre as nossas vidas.

Heteu significa ‘descendente de Hete’; e Hete significa ‘medo, terror’. Nós podemos dizer, portanto, que Heteu significa ‘o que não tem medo de mostrar quem é’. A nós é que foi dado um espírito de poder e ousadia, por isso devemos usar essa unção para tomarmos posse daquilo que queremos, o nosso lugar de direito na terra. Não precisamos ter medo de mostrar quem somos nem de mostrar o poder e a autoridade de Deus no mundo espiritual através da nossa vida. Mesmo que o inimigo use de ameaça contra nós e tente nos amedrontar, nós temos um Pai no céu que nos defende de toda opressão e violência:

- 2 Tm 1: 7: “Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e moderação”.

- Rm 8: 14-17: “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, com ele seremos glorificados”.

Amorreu é uma palavra derivada de uma raiz primitiva que significa proeminência; conseqüentemente, montanhês, alpinista, montanhista, habitante da montanha; simbolicamente, visionário. Nós é que fomos preparados para galgar as alturas espirituais e ver o panorama da nossa vida do alto, sob a ótica de Deus. Pensar somente nas coisas materiais nos mantém presos à mediocridade e à sabedoria humana sem

valor. Além disso, não nos permite ter uma meta maior na vida, senão nascer, crescer, estudar, trabalhar para ganhar dinheiro e acumular riquezas, casar, ver a descendência e morrer. A obra de Deus é um pouco maior, pois nos faz descobrir a nossa identidade espiritual e saber que o objetivo divino para nós é ganharmos vidas para o Seu reino, ao mesmo tempo que Ele opera a transformação da nossa alma, fazendo-nos ser mais parecidos com Ele por desenvolver o amor verdadeiro em nosso coração.

Fereseu significa ‘habitante do país aberto’, como é o reino de Deus para nós. Nós recebemos o reino de Deus como herança, um lugar amplo, onde a opressão do diabo e as limitações humanas não têm mais poder sobre nós. E a bíblia diz que o reino de Deus é justiça, paz e alegria no Espírito Santo, e que ele consiste não em palavra, mas em poder. Dessa forma, chegou a hora de derrubar as barreiras limitantes na nossa vida por causa de ações erradas daqueles que, na verdade, nunca conheceram o único e verdadeiro Deus. Maior é o que está em nós do que o que está no mundo.

- “Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino” (Lc 12: 32).

- “Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Rm 14: 17).

- “Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça” (Rm 6: 14).

- “Porque o reino de Deus consiste não em palavra, mas em poder” (1 Co 4: 20).

- “Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1 Jo 4: 4).

- “porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e por amor a vós” (1 Ts 1: 5).

Heveu significa ‘aldeão’. Aldeia é símbolo do que é pequeno, costumeiro, limitado, tradicional, que julga; que não se entrega e não se rende; que se opõe à mudança. O apóstolo Paulo escreveu para Timóteo: “Combate o bom combate da fé. Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado e de que fizeste a boa confissão perante muitas testemunhas” (1 Tm 6: 12). Paulo mesmo, antes de ser preso e decapitado escreveu para Timóteo: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4: 7).

Também diz: “Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem; e fui libertado da boca do leão. O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial” (2 Tm 4: 17-18).

Dessa forma, um verdadeiro filho de Deus não se entrega nem se rende às coisas negativas e pecaminosas, mas persevera crendo na vitória e na proteção divina sobre si. Um verdadeiro filho de Deus rompe os limites e destrói tudo o que se opõe ao trabalhar do Espírito Santo e às novidades de Deus para sua vida.

Jebuseu significa habitante de Jebus, o antigo nome de Jerusalém (a cidade da paz); e Jebus significa ‘lugar que é pisado ou trilhado, eira, lugar de debilidade’. Como Ornã ou Araúna foi o último Jebuseu a permanecer no lugar onde seria construído o templo do Senhor, Jebuseu pode significar: o que resiste, o que permanece até o fim. Jebuseus simbolizam os inimigos que Satanás coloca no nosso caminho e que lutam contra o propósito de Deus para nós, que tentam impedir a reconstrução da nossa alma, o lugar que já foi estabelecido como o templo do Senhor. Jebus (‘lugar que é pisado ou trilhado’) simboliza nossa alma outrora ferida pelo inimigo, o palco das nossas lutas espirituais, mas que agora é a cidade da paz (Jerusalém), pois sabemos exercer a autoridade de Deus, colocando-o para fora dela. O interessante é que Araúna (ou Ornã)

foi o último Jebuseu no lugar onde havia o monte Moriá ('escolhido por Deus, visto por Deus'). Ali Abraão entregara Isaque ao sacrifício. E ali era o lugar escolhido pelo Senhor para edificar o templo: "Começou Salomão a edificar a Casa do Senhor, em Jerusalém, no monte Moriá, onde o Senhor aparecera a Davi, seu pai, lugar que Davi tinha designado na eira de Ornã, o jebuseu" (2 Cr 3: 1). Davi comprou aquele lugar por um alto preço: seiscentos siclos de ouro (1 Cr 21: 25); cinquenta siclos de prata por cada tribo de Israel (2 Sm 24: 24). Nós temos também que aprender a resistir contra tudo o que deixa a nossa alma presa ao pecado e à idolatria, e tudo que impede a nossa caminhada. Da mesma forma que é a palavra de Deus que permanece para sempre, somos nós que permaneceremos firmes nela até o fim, perseverando na promessa que nos foi dada e, pela fé, trazendo-a a existência. Por isso, o único que pode nos ensinar a lutar da maneira correta e nos cobrir com sua proteção é o Espírito Santo. Ele nos deixou Sua armadura espiritual. Cada parte dela é o próprio Jesus, através de cada atitude de amor que tomou a nosso favor:

- Ef 6: 10-17: "Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus".

- Tg 4: 6b-7: "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós".

Por fim, Girgaseu significa: o que ocupa terreno argiloso. Argila é um material mole, composto de diversos minerais, a partir do qual se faz o vaso de barro. Por isso, o Senhor dizia, no Antigo Testamento, que Ele é o oleiro e nós, os vasos de barro moldados pelas Suas mãos (Jr 18: 6). Girgaseus são os inimigos que afrontam a nossa alma, impedindo-a de ser moldada com humildade nas mãos de Jesus. Quando entendemos isso, passamos a cooperar para o nosso próprio crescimento espiritual, pois nos humilhamos diante dEle e nos rendemos à Sua vontade. Está escrito:

- 2 Co 4: 7-11: "Temos, porém este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal".

O Espírito de Deus é quem nos capacita a caminhar de cabeça erguida diante das provas da vida e manifestar o poder de Jesus diante dos homens.

Fonte de pesquisa para o significado dos nomes:

- Novo Tempo – Bíblia Online – pesquisa avançada: <https://pesquisa.biblia.com.br/> – (KJV com Strong).
- Os nomes bíblicos e seus significados – Evandro de Souza Lopes – CPAD, 8ª edição 2002.



AS SETE NAÇÕES DE CANAÃ NO TEMPO DE JOSUÉ

EPÍLOGO

Esse livro termina abrindo diante de nós portas que jamais se fecharão, pois a palavra de Deus não está algemada (2 Tm 2: 9) e não há limites para pedirmos a Ele o que desejamos. Seus conhecimentos são infinitos, tornando também o nosso potencial ilimitado para contribuirmos para Sua Criação. Jesus disse: “O meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo 5: 17). Portanto, nós, como cooperadores da Sua lavoura, continuaremos a trabalhar igualmente na Obra. Ele nos deu Sua autoridade para colocarmos nossos inimigos debaixo dos nossos pés e não mais aceitarmos as limitações e as derrotas. Espero que você comece a amar a Palavra de Deus e aprender mais com ela a cada dia, pois ela é a força que nos garante a vitória e nos ensina as estratégias para o nosso caminhar ser perfeito.

Até logo.

“Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus... Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente... Pois quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo” (1 Co 2: 9-10; 12; 16).

